

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Lilian Mara Dal Cin Porto

Memes: construção de sentidos e efeito de humor

Doutorado em Língua Portuguesa

São Paulo

2018

Pontifícia Universidade Católica De São Paulo
PUC-SP

Lilian Mara Dal Cin Porto

Memes: construção de sentidos e efeito de humor

Doutorado em Língua Portuguesa

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Língua Portuguesa, sob orientação da Profa. Dra. Ana Rosa Ferreira Dias.

São Paulo

2018

Banca Examinadora

Dedico este trabalho ao meu marido,
Luiz Felipe, por sempre estar ao meu
lado e por todas as constantes provas
de amor.

A minha mãe, Maria Clara, pelo
acolhimento em todas as fases da
minha vida.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, processo número 88887.150534/2017-000.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar e sobre todas as coisas, por ter guiado os meus passos a todo momento. Sua presença é constante em minha vida.

Ao meu marido, Luiz Felipe, que acompanha minha vida acadêmica há 10 anos, desde que ela ainda se iniciava. Sem o seu apoio, nada disso teria sido possível. Sem a sua calma, o seu carinho, o seu amor e as suas invenções culinárias, os estudos teriam sido um fardo e não uma descoberta.

À minha mãe, Maria Clara, a quem eu devo a mulher que sou hoje. Exemplo de dedicação e trabalho duro, ensinou-me a lutar pelos meus objetivos. E sempre estive ao meu lado, com uma palavra de carinho e um prato de comida quentinho.

À minha orientadora Ana Rosa Ferreira Dias, que me acolheu na PUC e não apenas me orientou – de forma tão assertiva - academicamente, mas também me deu a segurança que, muitas vezes, faltava-me.

Aos professores Paulo Ramos e Ana Carmelino, que, ainda em 2014, convidaram-me a escrever um capítulo sobre memes e despertaram em mim a curiosidade sobre o tema.

À amiga Jéssica Gonçalves, que acompanhou este trabalho desde o seu início e tantas vezes me ouviu com carinho e me ajudou a refletir sobre ele.

Às amigas Aline Camara, Camila Leme, Gabriela Werneck, Juliana Ventura e Vivian Ventura por terem sido um sopro de alegria e amor em minha vida. Nossas conversas no Whatsapp e encontros regados a gin tônica, vinho e Hanson foram essenciais para minha sanidade mental enquanto escrevia a versão final desta tese.

À amiga Gabriela Dioguardi, um dos presentes que o doutorado na PUC me trouxe, pelas inúmeras discussões e contribuições a esta pesquisa e pelas portas que me abriu.

À Claudia Siqueira, Lídia Spaziani e Wanderlei Silva, pelo apoio para vencer este desafio.

A todos os funcionários da PUC-SP, especialmente a Lourdes Scaglione, que sempre me auxiliaram com um sorriso no rosto.

À Pontifícia Universidade Católica pela concessão de Bolsa de Doutorado Capes, processo número 88887.150534/2017-000.

Recuso-me a ficar triste. Sejam os alegres. Quem não tiver medo de ficar alegre e experimentar uma só vez sequer a alegria doida e profunda terá o melhor de nossa verdade. (Clarice Lispector)

RESUMO

Esta tese teve por objetivo analisar como se dá o processo de construção de sentidos e o efeito de humor em memes, sob a ótica da Linguística Textual. Trata-se de um objeto de estudo relativamente novo e ainda pouco pesquisado, o que motivou nosso interesse. Além disso, uma vez que a apreciação do humor está atrelada à cultura, buscar compreender os sentidos e o consequente efeito de humor em um meme é também uma forma de se estudar a cultura e os valores de um país ou de um grupo, e isso traz ainda mais relevância à pesquisa. Buscamos analisar as estratégias mobilizadas para a construção de sentidos, evidenciar o elemento-chave responsável pelo efeito de humor e apresentar o objetivo do humor nos memes analisados. Dentre as estratégias apresentadas, demos especial destaque à referenciação e à intertextualidade, pois partilhávamos da hipótese de que elas são elementos-chave na construção de sentidos e no consequente efeito de humor dos memes. Para cumprir nossos objetivos e confirmar nossas hipóteses, baseamo-nos na Linguística Textual, em autores como Koch (2010), Custódio Filho (2011), Cavalcante (2014) e Ramos (2011; 2015). Os estudos sobre humor de Possenti, Carmelino (2009; 2015) e Travaglia (1989) também foram de grande importância para este trabalho. Shifman (2014) contribuiu para a definição de meme, tão essencial a esta pesquisa. Seleccionamos três coletâneas de memes, que compartilham conteúdo temático, outras três que compartilham construção composicional e, por último, mais três que compartilham estilo. Cada uma dessas coletâneas era composta por cinco memes prototípicos, que circularam no Brasil no ano de 2015, totalizando quinze memes em cada agrupamento. Concluímos, com base em nossas análises, que os memes são intertextuais por natureza, uma vez que sempre dialogarão com outros memes que pertencem ao mesmo agrupamento. No entanto, a intertextualidade mostrou ir muito além desse primeiro olhar e se revelou peça chave para a compreensão do efeito de humor, pois a construção de sentidos, em um meme, exige que se reconheça a imagem que ele retoma, retirada de seu contexto original ou a situação social real à qual ele faz referência ou, ainda, ambas. Além disso, como imaginávamos, a referenciação foi, em grande parte dos memes, um elemento-chave para o efeito de humor, especialmente as recategorizações. Também como esperado, objetos de discurso verbais e visuais caminharam juntos no processo de construção de sentidos, comprovando que a imagem pode, de fato, atuar como um objeto de discurso e é preciso considerá-la no processo de leitura de memes.

Palavras-chave: Construção de sentidos. Intertextualidade. Referenciação. Multimodalidade. Humor. Meme.

ABSTRACT

This thesis has as objective to analyse how the humour is created in memes in order to make sense under the context of Textual Linguistic. It is a study subject relatively new and not widely researched, which has motivated our interest. Moreover, since humour is deeply linked to culture, trying to understand what makes sense of it and hence, how effective humour is in a meme, it's also a way to study the culture and values of a country or group, which brings more relevance to the research. We're looking to analyse the strategies used to create sense, find the key element responsible for the humour and the meaning of it in the memes that were analysed. Among the proposed strategies, we highlighted the use of references and intertextuality, because we share the hypothesis that they are key elements in order for memes to make sense and therefore, the effective humour in memes. To accomplish our objectives e confirm our hypotheses, we based ourselves in the Textual Linguistic, in authors like Koch (2010), Custódio Filho (2011), Cavalcante (2014) and Ramos (2011; 2015). The studies about humour from Possenti, Carmelino (2009; 2015) and Travaglia (1989) were also of huge importance to this work. Shifman (2014) also contributed to meme's definition, which was essential to this research. We've selected three collections of memes, that share thematic content, another there that shares compositional construction and lastly, another three that share the same style. Each one of these collections was composed by five prototypical memes, which circulated in Brazil in the year of 2015, in fifteen memes in each group in total. We concluded, based in our analyses, that memes are intertextual by nature, since they are linked to other memes that belong to the same group. However, the intertextuality seemed to go beyond this first conclusion and became the key element to understand humour. In order for a meme to make sense, it's necessary to understand its original context or the social situation its making reference or both. Moreover, as we thought, the references in most of the memes, were a key element of the humour effect, especially in the recategorization. Also, as expected, objects of verbal and visual speech walk side by side in the process of creating sense, proving that image, indeed, can work as an object of speech and its necessary to consider it the memes reading process.

Key words: Meaning making. Intertextuality. References. Multimodality. Humor. Memes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 MEME: CONTEXTO DE SURGIMENTO E DEFINIÇÃO	16
1.1 A web 2.0	16
1.2 Memes: definição	18
2 O TEXTO, A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O EFEITO DE HUMOR	44
2.1 O conceito de texto.....	44
2.2 A construção de sentidos em um texto	46
2.2.1 A Intertextualidade	53
2.2.2 A Referenciação	56
2.2.2.1 A Referenciação e a multimodalidade.....	64
2.3 O efeito de humor	68
3 OS ASPECTOS METODOLÓGICOS	74
3.1 O agrupamento de memes	74
3.2 As categorias de análise	76
3.3 O contexto de produção dos memes analisados	78
4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O EFEITO DE HUMOR EM MEMES.	91
4.1 Memes que compartilham tema	91
4.1.1 A alta do dólar	91
4.1.2 Votação do processo de impeachment de Dilma Rousseff.....	104
4.1.3 Enem Feminista	114
4.2 Memes que compartilham forma	126
4.2.1 Amiga, me segura/ me solta	126
4.2.2 Senhora?	136
4.2.3 Deboísmo.....	148
4.3 Memes que compartilham estilo	158
4.3.1 Meta de Dilma	158
4.3.2 Bela, recatada e do lar.....	165
4.3.3 Percebe Ivair	171
4.4 Uma proposta de leitura de memes.....	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	184

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscará analisar como se dá o processo de construção de sentidos e o efeito de humor em memes, sob a ótica da Linguística Textual.

A palavra meme vem do grego *mimema*, que significa “imitação/algo que é imitado”, e foi criada por Richard Dawkins, em 1976, em sua obra “O gene egoísta”,

Para Dawkins (2007, p. 200), meme seria um “gene cultural” que se espelha de indivíduo a indivíduo. Assim, os memes seriam ideias com vida própria, que necessitam se propagar, e os seres humanos seriam apenas seus hospedeiros físicos. A intenção de se reproduzir estaria no meme e não o ser humano que o produz e compartilha.

Embora adotemos o termo cunhado por Dawkins, não seguiremos aqui a ideia de que o meme se reproduz independentemente da intenção do ser humano que o produz, visto que isso vai contra o pressuposto defendido em nossa tese de que todo texto é produzido por seres estrategistas, com uma intenção.

Por essa razão, adotamos a definição de meme apresentada por Shifman (2014), segundo a qual os memes da Internet são

um grupo de unidades digitais que compartilham características de conteúdo, forma e/ou posição. (...). Essas unidades são criadas com a participação de cada um (...). Essas unidades circulam, são imitadas e transformadas via Internet, por muitos usuários. Os memes da Internet são expressões criativas multiparticipantes através das quais identidades políticas e culturais são comunicadas e negociadas.¹ (p. 177)

Logo, para a autora, memes são unidades criadas e transformadas, por diferentes usuários, via Internet, que compartilham semelhanças entre si.

Shifman (2014) ainda explica:

Porque os memes constituem esferas compartilhadas de conhecimento cultural, eles nos permitem entender ideias complexas com uma frase curta ou imagem. Por isso, ao invés de dizer “Eu tive um encontro ruim e me sinto miserável e sozinho, você pode simplesmente colar um personagem do “Forever Alone”. Este fluxo de símbolos compartilhados levou a evolução dos memes a uma camada secundária da linguagem, frequentemente complementando e às vezes até substituindo usos padronizados. (...) Asaf Nissenboim, que estudou as práticas meméticas no 4chan, descobriu que usos apropriados do meme se tornaram uma forma de capital cultural neste cenário, diferenciando aqueles que “sabem” e são parte da comunidade e aqueles que estão fora. (p. 173)²

¹ A group of digital content units sharing common characteristics of content, form and/or stance. (...). These units are circulated, imitated and/or transformed via the Internet by many users. Internet memes are multiparticipant creative expression through which cultural and political identities are communicated and negotiated.

² Because memes constitute shared spheres of cultural knowledge, they allow us to convey complex ideas within a short phrase or image. Thus, instead of saying “I had a bad date and I feel miserable and lonely”, one can

Portanto, podemos entender o meme como uma nova forma de linguagem, isto é, uma nova maneira de os interlocutores se expressarem. Por ser novo e pouco pesquisado, algumas questões ainda precisam ser respondidas, tais como: quais os elementos-chave para a construção de sentidos em um meme? Que estratégias e sistemas de conhecimento o produtor do meme mobiliza para criá-lo? Por outro lado, o que se exige do leitor para que ele construa sentidos e chegue ao efeito de humor intencionado pelo produtor?

Assim, esse nos parece ser um vasto campo para pesquisa de Doutorado. Além disso, conforme constatou Shifman (2014), a apreciação do humor, em um meme, está atrelada à cultura e, com isso, buscar compreender os sentidos e o consequente efeito de humor em um meme é também uma forma de se estudar a cultura e os valores de um país ou de um grupo. Por essas razões, consideramos relevante analisar esses textos multimodais.

Com isso, nosso objetivo geral, neste trabalho, é discutir como se dá a construção de sentidos em memes. Para tanto, apresentamos alguns objetivos específicos:

- Identificar, descrever e analisar as estratégias mobilizadas para a construção de sentidos em memes, à luz da Linguística Textual;
- Evidenciar o elemento-chave responsável pelo efeito de humor;
- Apresentar o objetivo do humor nos memes analisados.

O meme, diferentemente da piada, não apresenta um desfecho surpreendente, visto que ele não conta uma história. Assim, torna-se impossível buscá-lo, o que poderia ser um problema. No entanto, partimos da hipótese de que, a partir da análise das estratégias que levaram à interpretação do meme, é possível evidenciar o gatilho responsável pelo efeito de humor, assim como é feito com as piadas.

Identificaremos e discutiremos as estratégias mobilizadas à medida que elas aparecem, sem fazer separações prévias, logo, as estratégias e sistemas de conhecimentos discutidos irão variar de acordo com o meme analisado. No entanto, cabe dizer que, dentre as estratégias apresentadas, daremos especial destaque à referência e à intertextualidade, pois partilhamos da hipótese de que elas são elementos-chave na construção de sentidos e no consequente efeito de humor dos memes.

Tal hipótese se dá, no que diz respeito à referência, porque o processamento referencial é cognitivamente motivado, isto é, interlocutores selecionam formas de atuar sobre

simply paste the “Forever Alone” character. This influx of shared symbols has led to the evolution of memes into a secondary layer of language, often complementing and sometimes even replacing its standard uses. According to Ryan Milner, in order to use this memetic language correctly, one needs a certain familiarity with subcultural standards. (...). Asad Nisseboim, who studied memetic practices in 4chan, found that appropriate meme use has become a form of cultural capital in this setting, differentiating between those who are “in the know”

o texto, utilizando diversos tipos de conhecimento, o que nos leva a acreditar que analisar tal processamento será de grande auxílio para compreendermos como se dá a construção de sentidos. Além disso, os memes são, em sua maioria, formados de imagem associada a texto verbal e, portanto, é possível que se observe neles a construção e relação entre objetos de discurso visuais e verbais. Tem-se, assim, mais uma hipótese atrelada à referenciação: a de que a imagem, em muitos casos, será essencial para a construção de sentido e do efeito de humor, pois poderá instaurar um objeto de discurso que será recategorizado pelo texto verbal, ou recategorizar um objeto instaurado pelo texto escrito.

Já a intertextualidade nos parece um elemento importante para os memes, porque, como explica Shifman (2014), o meme sempre pertence a uma coletânea. Assim, a intertextualidade estará presente o tempo todo nesses textos, quer porque os memes dialoguem entre si, dentro da própria coletânea, quer porque resgatem certos aspectos de outros textos, apresentados em outros contextos.

Para cumprir nossos objetivos e confirmar nossas hipóteses, iremos nos basear na Linguística Textual. De acordo com Koch (2010), na atividade de produção textual, produtor e leitor mobilizam diversos sistemas de conhecimento (linguístico, enciclopédico e sociointeracional) que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter cognitivo, interacional e textual. Por essa razão, buscaremos analisar tais conhecimentos e estratégias mobilizados para a construção de sentidos em memes.

Os memes são produzidos em uma situação concreta de comunicação e, para que tenha efeito de humor, produtor e leitor devem se tornar cúmplices, isto é, o produtor deve ter a intenção de apresentar um fato humorístico, enquanto o leitor aceita essa intenção e busca construir sentido para o texto, preenchendo lacunas, fazendo inferências, desvendando mecanismos de linguagem. Logo, estratégias e conhecimentos de diversas ordens são mobilizados para construção de sentidos nesse texto.

Uma vez que os memes são textos multimodais, isto é, aliam elementos verbais e não-verbais, buscamos autores que tenham realizado pesquisas com *corpus* multimodal, tais como Custódio Filho (2011) e Cavalcante (2014). Ambos os autores nos auxiliaram na definição de texto adotada para esta pesquisa por assumirem que tanto elementos verbais quanto não verbais são responsáveis pela construção de sentidos em um texto. Cavalcante (2014) considera que, em um texto, estão presentes elementos linguísticos, visuais, sonoros e fatores cognitivos (p. 21). Já Custódio Filho (2011) atualiza a definição de texto apresentada por Koch, apresentando-o como uma atividade interativa de produção de sentidos que se realiza

com base nos elementos – verbais e não verbais – presentes na superfície textual e na sua forma de organização.

Também Ramos (2011; 2015) trabalhou com textos multimodais ao analisar tiras e foi de grande contribuição para este trabalho. Seguindo o caminho trilhado pelo autor, acreditamos que ampliar o escopo teórico da Linguística Textual a textos multimodais, como os memes, auxiliará a explicitar o processo de construção de sentidos nesses textos multimodais. Carmelino (2009; 2015), por suas análises linguísticas de textos humorísticos, também foi de grande contribuição para esta pesquisa.

Considerando que o humor é parte integrante dos memes e que, ao se construir sentidos para eles é possível chegar ao seu efeito de humor, buscamos analisar, também, o objetivo do humor em cada texto. Tal objetivo, segundo Travaglia (1989), pode ser: riso pelo riso, liberação, crítica social e denúncia.

Nosso trabalho é uma pesquisa qualitativa, uma vez que nossas análises baseiam-se em interpretações de fatos do mundo e não em quantificações. Para Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação dinâmica das relações sociais. (p. 32)

Como afirma Minayo e Sanches (1993), o objeto das análises qualitativas refere-se ao mundo dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana. Assim, ainda para o autor, o “material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos.”(p. 245). Tendo em vista que memes são textos da linguagem comum, produzidos na vida cotidiana, desenvolver uma pesquisa qualitativa nos pareceu o ideal.

Segundo Chizzotti (2006), o pesquisador deve estabelecer algumas fases em seu trabalho, para proceder à análise de um texto (p. 128). Estas foram as etapas de nossa pesquisa:

- Determinação do texto e especificação do tipo de documento: nessa etapa, elegemos os memes como nosso *corpus* de trabalho. Em seguida, partimos para a coleta desses textos, durante os anos de 2015 e 2016.
- Objetivos e hipótese: eleitos a partir da definição do *corpus*.
- Análise descritiva em que se decompõem a comunicação em categorias. Nessa fase, definimos as categorias de análise para o *corpus* selecionado.

- Análise dos dados: etapa a que se destina esse capítulo. A forma como os dados seriam analisados foi determinada a partir dos objetivos da pesquisa.

Para Minayo e Sanches (1993), um verdadeiro modelo qualitativo de pesquisa descreve, compreende e explica. E é dessa forma que pretendemos proceder em nossa análise.

Para nossa pesquisa, coletamos memes produzidos entre os anos de 2015 e 2016, selecionando aqueles que tiveram grande circulação. Em seguida, indo ao encontro da definição de meme estabelecida por Shifman (2014), separamos os memes selecionados de acordo com aquilo que compartilham.

Bakhtin (2003) define gêneros do discurso como tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo, e Shifman (2014), ao definir meme, aproximou-se dessa definição para falar sobre os três aspectos que memes podem compartilhar. Por essa razão, escolhemos agrupar os memes, para fins de análise, de acordo com tema, forma e estilo. Tal agrupamento de memes é explicado mais detalhadamente no capítulo 3, uma vez que é necessário que se tenha compreendido a definição de memes para que se entenda as decisões tomadas para nossa análise.

Selecionamos três coletâneas de memes, que compartilham conteúdo temático, outras três que compartilham construção composicional e, por último, mais três que compartilham estilo. Cada uma dessas coletâneas é composta por cinco memes prototípicos, totalizando quinze memes em cada agrupamento. Com isso, analisaremos quarenta e cinco memes em nossa pesquisa. A escolha de tais números se deve ao fato de essa quantidade de textos nos parecer razoável para encontrarmos semelhanças e disparidades entre eles e podermos discutir nossos resultados com embasamento.

As categorias de análise estabelecidas para este *corpus* são as seguintes:

- Sistemas de conhecimento mobilizados: conhecimento linguístico, enciclopédico e sociointeracional.
- Estratégias cognitivas: relação entre dado e novo; conhecimento prévio, inferenciação; intertextualidade.
- Estratégias textuais: organização da informação, balanceamento entre implícito e explícito, referenciação:
 - Objeto de discurso verbal e não verbal: introdução/ativação de objetos do discurso, anáfora, recategorização e recategorização sem menção referencial.

- Objetivos do humor

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos o contexto em que surgiram os memes da Internet e sua definição, com base em Shifman (2014).

O segundo capítulo traz os aportes teóricos desta pesquisa. Assim, apresentamos o conceito de texto adotado em nosso trabalho, discutimos as estratégias e conhecimentos mobilizados na ocasião do processamento textual, destacando a referenciação. Por último, destacamos os mecanismos linguísticos para produção de humor, já que é a partir da linguística que buscamos evidenciar o efeito de humor nos memes analisados.

O capítulo três apresenta a metodologia da pesquisa, bem como as razões para a forma como os memes foram agrupados e as categorias de análise.

Em seguida, no capítulo quatro, é apresentado o contexto de produção dos memes selecionados e realizada a análise propriamente dita.

As considerações finais apresentam as regularidades e diferenças entre os memes, encontradas a partir da análise, e buscam confirmar ou rejeitar as hipóteses estabelecidas.

1 MEME: CONTEXTO DE SURGIMENTO E DEFINIÇÃO

Para que possamos compreender e analisar os memes, faz-se necessário, antes de mais nada, entender a tecnologia que proporcionou seu surgimento e, especialmente, a definição de meme, que, embora pareça ser um conhecimento partilhado entre os internautas, não é tão clara quanto se imaginava no início desta pesquisa.

1.1 A Web 2.0

De acordo com Primo (2007), a “Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo.” (p. 2). Por isso, ainda segundo o autor, um princípio chave da Web 2.0 é que quanto mais as pessoas usarem seus serviços melhores eles se tornam. Com isso, essa tecnologia potencializa “processos de trabalho coletivo, de troca afetiva, de produção e circulação de informações, de construção social de conhecimento”. (PRIMO, 2007, p. 3)

Na primeira geração da Web, a modalidade de interação era a da navegação unidirecional, caracterizada pelo aumento exponencial dos nós da rede e pela estruturação de canais de comunicação entre esses nós através da evolução acelerada de mecanismos de busca e das comunidades digitais. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 57). Ou seja, na primeira geração, os sites eram trabalhados como unidades isoladas. Já na Web 2.0, passa-se a ter uma estrutura integrada de funcionalidades e conteúdo.

Logo, O'Reilly destaca a passagem da ênfase na publicação (ou emissão, conforme o limitado modelo transmissionista) para a participação: blogs com comentários e sistema de assinaturas em vez de home-pages estáticas e atomizadas; em vez de álbuns virtuais, prefere-se o Flickr, onde os internautas além de publicar suas imagens e organizá-las através de associações livres, podem buscar fotos em todo o sistema; como alternativas aos diretórios, enciclopédias online e jornais online, surgem sistemas de organização de informações (del.icio.us e Technorati, por exemplo), enciclopédias escritas colaborativamente (como a Wikipédia) e sites de webjornalismo. (PRIMO, 2007, p. 3)

Assim, os recursos da Web 2.0 proporcionaram e incentivaram a livre criação e compartilhamento de informações a partir dos usuários e, por isso, passou-se à era do trabalho coletivo e da construção social do conhecimento.

Miltner (2011), baseada nas concepções de O'Reilly (2007), Jenkins et al (2009), Bruns (2007) e Burgess (2006), explica que a grande importância da Web 2.0 se deu devido à possibilidade de se criar plataformas que permitissem aos usuários criar e compartilhar conteúdos em grande escala.

Ainda segundo a autora, a “cultura participatória” estabelecida por essa tecnologia possibilitou que os usuários se transformassem de audiência em produtores e pudessem assumir o controle da mídia para não apenas escolher dentre as opções que já existiam, mas, sim, desenvolver seus próprios esforços criativos.

No entanto, Milner (2012) faz ressalvas a respeito da chamada “cultura participatória”. De acordo com o autor, as redes sociais são formas de compartilharmos nossas perspectivas na esfera pública, mas também são responsáveis por movimentar bilhões de dólares. Como a voz dos usuários ainda é controlada por discursos dominantes e instituições poderosas, como o Google e o Facebook, isso nos leva a não saber exatamente até que ponto a participação é mesmo dos usuários. (p. 4)

Shao (2008 *apud* Miltner 2011) acredita que os comportamentos de consumo, participação e criação na Web 2.0 derivam das seguintes motivações: o consumo, das necessidades de informação e entretenimento; a participação, da interação social e a criação, do desejo de se expressar e ser reconhecido. E, de acordo com Primo (2007), na criação e distribuição de conteúdos, a credibilidade se dá pela construção e atualização constante de informações e não pela credibilidade individual do usuário. Ou seja, nos comportamentos de consumo, participação e criação da Web 2.0, importa menos o individual e mais o coletivo; importa menos quem produz e mais a atenção que é dada ao conteúdo produzido.

Para Santaella e Lemos (2010):

A economia global é hoje constituída pelas trocas e fluxos quase instantâneos de informação, capital e comunicação cultural. A sociedade permanece capitalista, mas a base dos meios tecnológicos com os quais ela age saltou da energia para a informação. Nessa sociedade, as redes não são apenas uma nova forma de organização social, mas se tornaram um traço-chave da morfologia social que, no mundo dos negócios, passou das burocracias verticais às corporações horizontais. (p. 16)

Graças à revolução tecnológica, na sociedade de hoje, a sociedade da economia em rede, a informação é fator central para a produtividade econômica.

No entanto, Shifman (2014) explica que o recurso mais valioso na era da informação não é a informação, mas a atenção que as pessoas prestam nela. “Em sites como Youtube (...), o número de derivados gerado por certo vídeo é um indicador de atenção, o que, em retorno, dirige a atenção ao vídeo inicial em um processo recíproco.”³ (p. 32). Assim, é por essa razão que, na Web 2.0, podemos afirmar que o importante não é a autoria do conteúdo produzido,

³ On sites such as Youtube, (...) the number of derivatives spawned by a certain video is an indicator of attention, which, in turn, draws attention to the initial memetic video in a reciprocal process.

mas a atenção que tal conteúdo gera, o que faz com que essa tecnologia estabeleça a tal “cultura participatória”.

Parece óbvio, portanto, que uma tecnologia que estimula o consumo de informações, participação e criatividade dos usuários seria um terreno fértil para o surgimento dos memes.

De acordo com Shifman (2014), o meme encapsula alguns dos principais aspectos da Web 2.0. Uma vez que, ainda segundo a autora, os memes revelam pensamentos, formas de se comportar e ações de grupos sociais, esse atributo é altamente compatível com o modo como a cultura é formada na era da Web 2.0, que é marcada por plataformas para criar e trocar conteúdos gerados por usuários.

Segundo Shifman (2014):

A atividade básica de espalhar memes se tornou desejada e valorizada, pois é associada ao que Nicholas John identificou como atividade constitutiva da Web 2.0, “compartilhar”. (...). Nesta nova era, os dois significados do termo na idade predigital – compartilhamento como distribuição e compartilhamento como comunicação – convergem. Quando eu posto um clip engraçado no Facebook, eu distribuo um item cultural e ao mesmo tempo expresso meus sentimentos sobre isso. E, mais frequentemente, eu antecipo que outros vão continuar espalhando aquilo de que eu gostei tanto. Em outras palavras: compartilhar conteúdo – ou espalhar memes – é agora a parte fundamental do que os participantes experimentam como esfera digital.⁴ (p. 19)

Atualmente, portanto, faz parte da vivência na Internet distribuir informação e expressar sentimentos através a ação de compartilhar conteúdo ou espalhar memes e a Web 2.0 foi a plataforma ideal para que essa experiência pudesse existir.

Tendo em vista que, ao atrelar a explicação da Web 2.0 ao surgimento dos memes da Internet, acabamos por apresentar um vislumbre do que seria sua definição, chegamos ao momento de explicar a que nos referimos quando usamos o termo meme.

1.2 Memes: definição

O Brasil é o quarto país com maior número de usuários da Internet no mundo. Para Gabriela Lunardi, pesquisadora do QUT (Queensland University of Technology) Digital

⁴ Moreover, the basic activity of spreading memes has become desired and highly valued, as it associated with what Nicholas John has identified as the constitutive activity of Web 2.0: sharing. (...). In this new era, the two meanings of the term in the predigital age – sharing as distribution and sharing as communication – converge. When I post a funny clip on Facebook, I distribute a cultural item and at the same time express my feelings about it. And most often, I anticipate that others will continue spreading the piece that I have enjoyed so much. In other words: sharing content – or spreading memes – is now a fundamental part of what participants experience as the digital sphere.

Media Research Centre,⁵ o país é muito ativo na Internet, não apenas por causa do número de usuários, mas também porque encontraram um modo específico de se comunicar na rede, através de piadas internas e memes. Ainda segundo a pesquisadora, “Os memes brasileiros retratam quem é o brasileiro e como ele lida com a cultura popular, política, e realidade social.”. São paradoxais e complexos, como nossa cultura. Por isso, para ela, eles são difíceis de ser traduzidos e entendidos por estrangeiros. Lunardi afirma que “temos esse aspecto único que é falar dos nossos problemas através do humor.”, o que ela chama de autoironia, visto que, ao mesmo tempo em que “criticamos os nossos problemas como país e o nosso comportamento como sociedade, fazemos humor, como se rir fosse a única alternativa diante daquela realidade.”⁶

Para Hiago Ribeiro⁷, dono do perfil @iahgos, que possui meio milhão de seguidores, os memes, para os brasileiros, descrevem sentimentos únicos, momentos da vida e são capazes de gerar empatia. Segundo ele, o Twitter pode ser considerado uma “fábrica de memes”, já que, por ser uma plataforma de compartilhamento de informações em tempo real, os fatos chegam ao usuário duas vezes mais rápido do que em outras plataformas, como Facebook e Whatsapp.

Assim, quando iniciamos esta pesquisa, o termo meme parecia ser já consolidado entre os usuários da Internet a ponto de não necessitar de explicações. No entanto, um olhar mais aprofundado – e situações como a reproduzida abaixo – nos levou a ver que tal definição não era tão clara. O equívoco cometido pela mãe nos assolava: como explicar por que a imagem postada por ela não poderia ser considerada um meme?

A conversa abaixo, de fato, aconteceu e viralizou após ser postada, na Internet, por uma garota que tentava explicar a mãe o que é um meme.

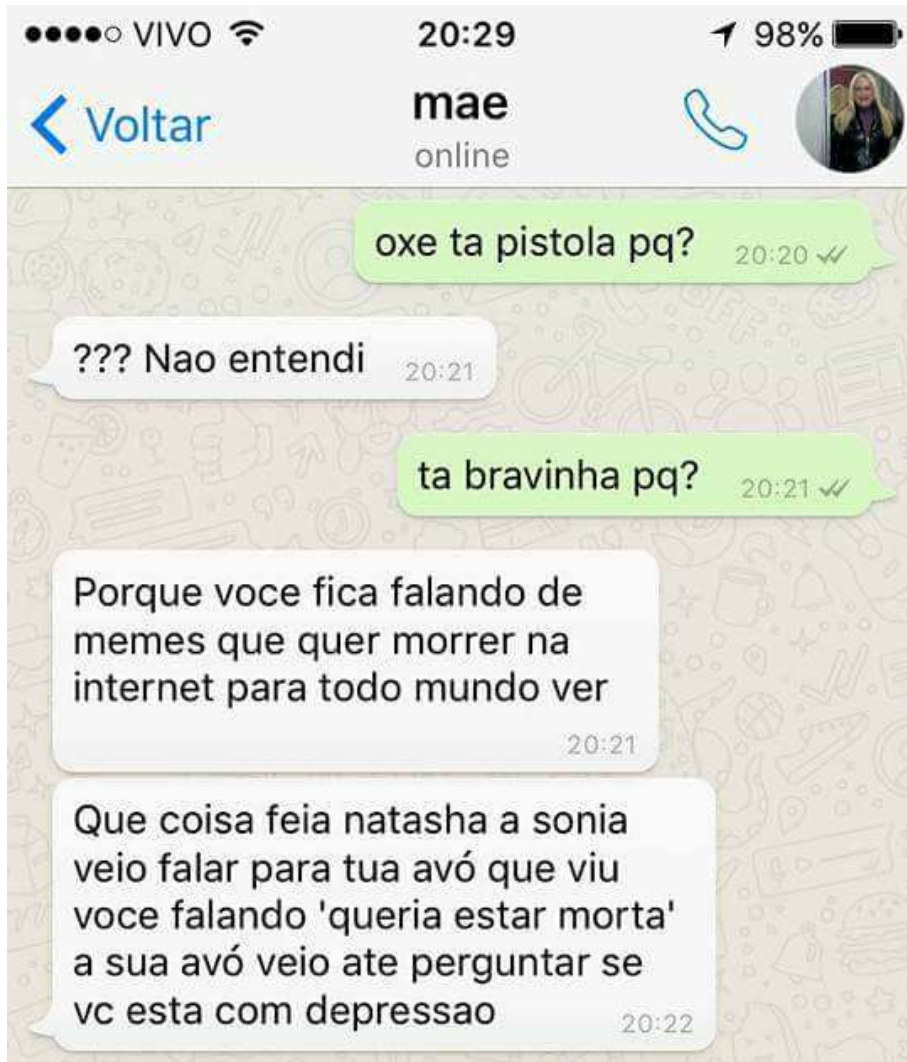
⁵ Fonte: <https://medium.com/dmrc-at-large/meet-gretchen-meme-queen-of-the-brazilian-internet-675cf587364>. Acesso em 02 de outubro de 2017.

⁶ Fonte: <https://es.globalvoices.org/2017/10/02/si-quieres-entender-a-brasil-debes-ver-sus-memes/> Acesso em 02 de outubro de 2017.

⁷ Fonte: <http://gente.ig.com.br/cultura/2017-07-25/memes-brasil-grande-potencia.html>. Acesso em 11 de setembro de 2017.

Figura 1: “O que significa memes?”







Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/blogs/bad-bad-server/mae-tenta-entender-o-que-e-meme-e-briga-com-filha-viraliza-na-web/>
Acesso em 05 jul. 2018

O termo meme foi cunhado por Richard Dawkins, em 1976, em sua obra “O gene egoísta”, pensando na semelhança entre “gene” e “memória”. No entanto, o sentido com o qual ele é empregado hoje não é o mesmo dos anos 70. A palavra vem do grego mimema e significa “imitação/algo que é imitado”.

Segundo Dawkins (2007, p. 200), “um meme de ideia pode ser definido como uma entidade capaz de ser transmitida de um cérebro para outro.”. Ou seja, meme seria um “gene cultural” que se espelha de indivíduo a indivíduo. A memética afirma que os memes são ideias independentes, com vida própria, que necessitam se propagar e os seres humanos, por causa de seu poder de imitação, são apenas seus hospedeiros físicos. Isso significa que a intenção de se reproduzir está no meme e não o ser humano que o produz e compartilha. Entretanto, uma vez que assumimos, em nossa tese, a ideia de que todo texto é produzido por seres estrategistas, que escrevem/falam com uma intenção, tal definição precisou ser revista.

Shifman (2014) pontua que há duas controvérsias que cercam o termo meme na acepção de Dawkins. A primeira é chamada por ela de “analogia biológica” e diz respeito ao fato de se afirmar que os memes são como vírus e genes. O problema dessa analogia é que, de acordo com ela, as pessoas seriam criaturas passivas, suscetíveis à dominação de informações sem sentido que infectariam suas mentes.

A segunda controvérsia, intitulada por Shifman (2014) “Quem é o chefe?”, argumenta que os estudos da memética, especialmente o livro “The meme machine”, de Susan Blackmore (1999 *apud* Shifman, 2014), apresentam as pessoas como aparelhos operados por numerosos memes que eles hospedam e espalham constantemente.

Ainda, para a autora:

A definição inicial de Dawkins era um pouco ambígua: ele se referiu a meme como uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. Seus exemplos de memes foram ideias (Deus), textos (rimas e piadas), e práticas (rituais cristãos). Desde então, o estudo de memes tem se centrado na dicotomia entre mente-corpo ou genótipo-fenótipo, criando três posicionamentos no que diz respeito à natureza dos memes: mentalista, behaviorista, e inclusiva. (p. 37)⁸

Outra diferença diz respeito ao objeto de análise: na teoria de Dawkins, a unidade de análise é abstrata, enquanto os usuários de Internet tendem a apontar o meme como um conteúdo audiovisual observável, como vídeos do YouTube e imagens contendo humor.

⁸ Dawkin’s initial definition was quite ambiguous: he referred to a meme as “a unit of cultural transmission, or a unit of imitation”. His set o memes examples spanned ideas (God), texts (nursery hhymes and jokes), and practices (Christian rituals). Ever since, the study of memes has been subject to disputes centering on the mind-body or genotype-phenotype dichotomy, yielding three positions regardins the nature of memes: mentalist driver, behavior driven, and inclusive.

Mesmo com tais divergências, o termo foi adotado por usuários da Internet a ponto de ter apresentado um grande aumento de buscas no Google a partir de 2011. Milner (2012) afirma que o termo meme foi adotado por participantes de sites de “conteúdo gerado pelo usuário” como 4chan (4chan.org), Reddit (reddit.com) e Tumblr (tumblr.com). Esses usuários começaram a utilizar o termo meme para grande parte do que produziam, de forma que esse termo passou a ser sinônimo de uma peça de discurso midiático “passado de pessoa para pessoa, mudando e evoluindo durante o caminho” (p. 11). Por essa razão, Shifman (2014) explica:

De acordo com Michele Knobel e Koline Lankshear, os usuários da Internet empregam a palavra meme para descrever a rápida apropriação e “espalhamento” de “uma ideia particular apresentada como um texto escrito, imagem, linguagem em movimento ou outra unidade de cultural.” Este uso do termo se difere do uso do estudo acadêmico da memética.(p. 13)⁹

Assim, embora adotemos o termo cunhado por Dawkins, não seguiremos aqui a sua teoria, uma vez que o significado de meme evoluiu desde que passou a ser usado na Internet e a definição de Dawkins já não é suficiente para explicar o fenômeno que estamos vivenciando hoje.

Na verdade, foi esse o posicionamento tomado pelos usuários da Internet ao utilizarem o termo meme. Apesar das diferenças entre o significado original e o empregado agora, o termo meme da Internet foi adotado pelos usuários.

Para Milner (2012), ao utilizar o termo meme, os usuários da Internet estão se referindo a “artefatos multimodais, onde imagem e texto são integrados para contar uma piada, fazer uma observação ou apresentar um argumento” (p. 11).¹⁰

Shifman (2014) sugere uma abordagem um pouco diferente daquela apresentada por Dawkins para definir memes:

Essa sugestão é baseada em dois princípios simples: a) olhar para unidades difusas como incorporadoras de várias dimensões memética – aspectos que as pessoas podem imitar; e b) entender memes não como unidades únicas que se propagam bem, mas como grupos de unidades de conteúdo com características comuns. (p. 39)¹¹

⁹ According to Michele Knobel and Koline Lankshear, Internet users employ the word “meme” to describe the rapid uptake and Spread a “particular ideal presented as a written text, image, language ‘move’, or some other unit of cultural stuff.” This vernacular use of the term, the authors submit, differs utterly from its use in the academic study of memetics.

¹⁰ multimodal artifacts, where image and text are integrated to tell a joke, make an observation, or advance an argument.

¹¹ This suggestion is based on two rather simple principles: a) looking at diffused units as incorporating several *memetic dimensions* – namely, several aspects that people may imitate; and b) understanding memes not as single entities that propagate well, but as *groups of content units* with common characteristics.

Assim, adotamos, para este trabalho, a definição de meme apresentada por Shifman (2014). A autora sugere que se analise os memes não como ideias ou fórmulas que se propagam sozinhas (como propunha Dawkins), mas como grupos que compartilham características comuns. Por isso, ela afirma que se deve olhar para os memes como itens culturais, que possuem três dimensões que as pessoas podem imitar: conteúdo, forma e o que a autora chama de posicionamento. Segundo a autora:

A primeira dimensão relaciona conteúdo a um texto específico, referenciando às ideias e ideologias presentes nele. A segunda dimensão se relaciona à forma: é a representação física da mensagem, percebida pelos nossos sentidos. Inclui dimensões visuais e audíveis específicas para certos textos e a sua organização mais complexa (como animação). Enquanto ideias e suas expressões têm sido bastante discutidas no que diz respeito ao estudo dos memes, a terceira dimensão é apresentada pela primeira vez aqui. Essa dimensão – que se relaciona com a informação que os memes apresentam sobre sua própria comunicação – é nomeada aqui como posicionamento. Eu uso “posicionamento” para mostrar as maneiras através das quais o locutor se posiciona em relação ao texto, aos seus códigos linguísticos, os leitores e outros interlocutores potenciais. Assim como a forma e o conteúdo, posicionamento é potencialmente memético; quando recriamos um texto, usuários podem decidir imitar certo posicionamento que eles acreditem convincente ou usar uma orientação discursiva completamente diferente. (p. 40)¹²

Uma vez que o termo “posicionamento” ainda não havia sido empregado pela autora, ela explica melhor tal categoria ao dividi-la em três subdimensões, baseadas nos conceitos do discurso e estudos da mídia:

(1) estruturas participativas – que delineiam quem pode participar e como, como descrito por Susan Phillips; (2) chave – o tom e estilo da comunicação, como conceitualizado por Erving Goffman e depois desenvolvido por Shoshanna Blum-Kilka e seus colegas; e (3) funções comunicativas, usadas de acordo com a tipologia sugerida por Roman Jakobson.” (p. 41)¹³

¹² The first dimension relates mainly to the content of a specific text, referencing to both the ideas and the ideologies conveyed by it. The second dimension relates to form: this is the physical incarnation of the message, perceived through our senses. It includes both visual/audible dimensions specific to certain texts and the more complex genre-related patterns organizing them (such as lipsynch or animation). While ideas and their expression have been widely discussed in relation to memes the third dimension is presented here for the first time. This dimension – which relates to the information memes convey about their own communication – is labeled here as stance. I use stance to depict the ways in which addressers position themselves in relation to the text, its linguistic codes, the addressees, and other potential speakers. As with form and content, stance is potentially memetic; when re-creating a text, users can decide to imitate a certain position that they find appealing or use an utterly different discursive orientation.

¹³ (1) participation structures – which delineate who is entitled to participate and how, as described by Susan Phillips; (2) keying – the tone and style of communication, as conceptualized by Erving Goffman and further developed by Shoshanna Blum-Kilka and her colleagues; and (3) communicative functions, used according to the typology suggested by Roman Jakobson.

A autora explica que Jakobson identificou seis funções fundamentais da comunicação humana: referencial, que é orientada para o contexto, ou para o mundo (um exemplo seriam os textos jornalísticos); emotiva, que diz respeito às emoções do produtor do texto; conotativa, que se dirige ao leitor e a suas ações (um exemplo seria o uso do imperativo); fática, que estabelece, prolonga ou descontinua a comunicação; metalinguística, que se refere à própria língua (por exemplo, uma definição); e poética, que foca na estética ou na beleza artística da construção da própria mensagem.

No mesmo caminho, Davison (2012) também acredita que um meme pode ser separado em três componentes: a manifestação, o comportamento e o ideal. Para ele:

A manifestação de um meme é o que é observável nele, seu fenômeno externo. (...) Indica qualquer organização de partículas físicas no tempo e espaço que são o resultado direto da realidade do meme. O comportamento de um meme é a ação tomada por um indivíduo a serviço do meme. O comportamento de um meme cria a manifestação. Por exemplo, se o comportamento é fotografar um gato e manipular a fotografia com um software, a manifestação que isso cria é a progressão ordenada de pixels posteriormente enviados para a Internet. O ideal de um meme é o conceito ou ideia apresentado. O ideal dita o comportamento, que por sua vez cria a manifestação. Se a manifestação é uma imagem engraçada de um gato e o comportamento está usando software para fazê-lo, então, o ideal é algo como "gatos são engraçados." (p. 122)¹⁴

Para Bakhtin (2003), gêneros do discurso são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. Para o autor, “este três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.” (p. 280).

Fiorin (2006), ao tratar da concepção bakhtiniana de gêneros do discurso, explica que conteúdo temático é “o domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (p. 62), enquanto a construção composicional é o modo de estruturar o texto, ou seja, sua forma. Por último, o estilo é uma seleção de meios linguísticos, isto é, uma seleção de “meios lexicais, fraseológicos e gramaticais” (p. 62) escolhidos em função da imagem do interlocutor e da compreensão que se espera para o enunciado.

¹⁴ The manifestation of a meme is its observable, external phenomena. (...) It indicates any arrangement of physical particles in time and space that are the direct result of the reality of the meme. The behavior of a meme is the action taken by an individual in service of the meme. The behavior of the meme creates the manifestation. For instance, if the behavior is photographing a cat and manipulating that photograph with software, the manifestation this creates is the ordered progression of pixels subsequently uploaded to the Internet. The ideal of a meme is the concept or idea conveyed.⁷ The ideal dictates the behavior, which in turn creates the manifestation. If the manifestation is a funny image of a cat and the behavior is using software to make it, then the ideal is something like “cats are funny.”

Logo, embora Davison (2012) e Shifman (2014) não citem, em seus trabalhos, Bakhtin, pode ser possível perceber um eco de suas ideias quando ambos, especialmente Shifman, dividem o meme em três dimensões para fins de análise. Com isso, parece-nos que o conteúdo temático seria o que Shifman chama apenas de “conteúdo” e Davison, de ideal, a construção composicional seria a “forma”, de acordo com Shifman e a manifestação, segundo Davison, e o estilo, o que Shifman chama de “posicionamento”. E, embora leve em consideração mais os recursos tecnológicos do que os lexicais, fraseológicos e gramaticais, podemos comparar o aspecto estilo, levantado por Bakhtin, ao que Davison chama de “comportamento”.

O que a Shifman e Davison trazem de inovador é a questão da imitação/repetição. Shifman (2014) conceitua meme como uma unidade cultural que pode ser imitada em seu conteúdo, em sua forma e/ou em seu “posicionamento”. Já Davison (2012) afirma que, ao se analisar como um determinado meme se espalha, é útil identificar quais dos três aspectos levantados por ele foram replicados e quais foram adaptados. Ou seja, os dois autores ressaltam o fato de um meme sempre repetir pelo menos um desses três aspectos.

Assim, parece-nos que ambos os autores caminham juntos para chegar a uma definição de meme da Internet. A definição apresentada por Shifman (2014) – e adotada nesta pesquisa – apresenta-os como “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns como conteúdo, forma e posicionamento”¹⁵ (p. 41). A autora torna sua explicação mais clara com um exemplo: imagens engraçadas de gatos com legendas são memes porque compartilham um tema (gatos), uma forma (imagem somada a legenda) e um posicionamento (humor). Ao analisar posicionamento, Shifman (2014) busca olhar, mais especificamente, para a chave da comunicação, ou seja, para o tom e estilo do texto, que também pode ser imitado e, por isso, tem potencial memético. Para ela, chave “é o tom, ou modalidade, do enquadramento interno de eventos discursivos criado pelos seus participantes. As pessoas podem criar uma chave engraçada, irônica, jocosa, fingida, ou séria, para a sua comunicação”¹⁶(p. 44). É por isso que, para ela, o posicionamento de um meme pode ser irônico, humorístico, político.

Já Davison (2012) exemplifica os três aspectos do meme, tomando como base o meme “Advice Dog”(vide figura 1). Segundo o autor, as manifestações são as imagens individuais, entre as quais numerosos elementos são replicados, como o estilo do fundo, o formato

¹⁵ A group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance.

¹⁶ Is the tone, or modality, of the internal framing of discursive events formed by their participants. People can key their communication as funny, ironic, mocking, pretend, or serious.

quadrado da imagem, a colocação central de uma figura recortada. O comportamento do meme é um conjunto variado de práticas, como visualizar, salvar e responder o meme, ou criar novos memes, contribuindo para variantes do “Advice Dog”. Já o ideal desse meme é mais difícil de descrever, visto que alguns são irônicos, enquanto outros têm significados agressivos ou ofensivos. O autor explica ainda que, embora haja divergências e nem sempre os três aspectos do meme sejam replicados, nós conseguimos identificá-los como parte do “Advice Dog”, porque há mais semelhanças do que diferenças neles.

Figura 2 - Advice Dog



Disponível em: <https://me.me/t/rhetorical?since=1364418080%2C6299486%2C1.000000>
Acesso em 05 jul. 2018.

Os memes brasileiros permitem análises semelhantes a apresentada por Davison, mas, para fazê-las, seguiremos a abordagem de estudo de gêneros do discurso apresentada por Bakhtin (2003). Um bom exemplo são os memes de Nazaré Tedesco, personagem de uma

novela exibida pela Rede Globo entre os anos de 2004 e 2005, intitulada Senhora do Destino, interpretada pela atriz Renata Sorrah. Anos após o fim da novela, um usuário da Internet decidiu usar imagens da personagem para criar memes que foram replicados e reinventados por outros usuários.

Figura 3: Memes “Nazaré Tedesco”



Disponível em: <http://brasiliadefato.com.br/colunas/conversa-afiada/2016/10/memes-de-nazare-tedesco-ganha-o-mundo-e-surpreende-atriz-renata-sorrah/>
Acesso em 05 jul. 2018

O que mais se destaca, nesses memes, é o fato de reproduzirem a mesma construção composicional/forma, pois apresentam a imagem da personagem na novela, somada a uma legenda. Eles também reproduzem o mesmo estilo familiar, marcado por uma informalidade em relação à linguagem, como se pode perceber pela falta de pontuação adequada em grande parte dos memes e reprodução da língua falada, evidente no trecho “mesmo depois de ter confirmado que ia sim”. Já o conteúdo temático aborda comportamentos sociais/individuais diversos, especialmente relacionamentos afetivos, e sempre busca ilustrar as expressões apresentadas nas imagens.

Dos memes de Nazaré Tedesco surgiu ainda outro meme, o Nazaré Confusa, que compartilha construção composicional/forma, nesse caso, sempre uma mesma imagem (às vezes, com cálculos sobrepostos), seguida de uma legenda; estilo informal e jocoso; e

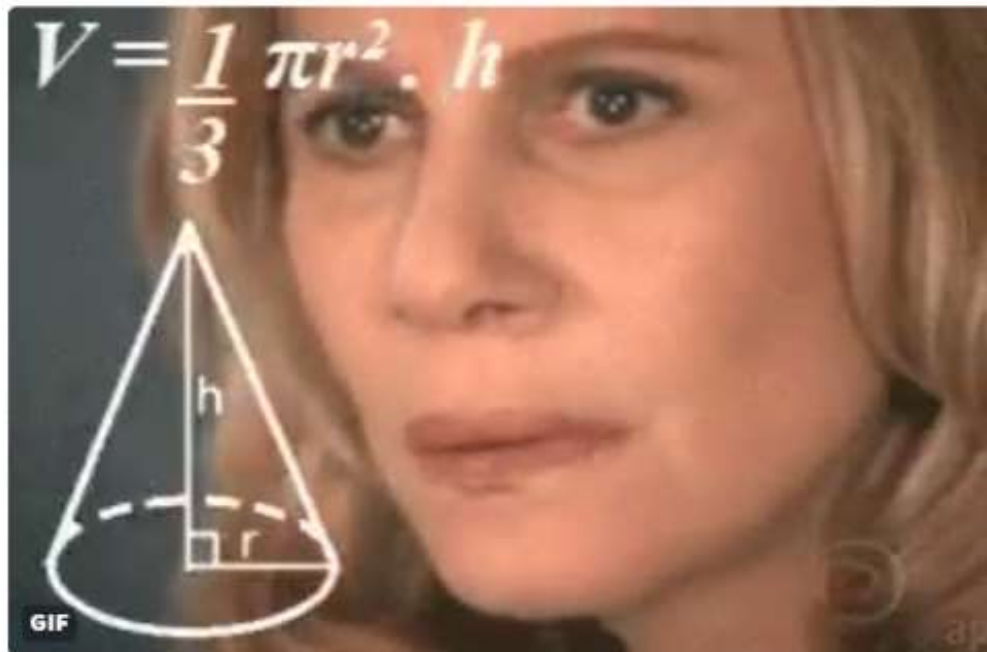
conteúdo temático que sempre aborda algo que é difícil de ser compreendido e que casa perfeitamente com a imagem de Nazaré “confusa”, criando, com isso o efeito de humor que gera o estilo jocoso dos memes.

Figura 4: Memes “Nazaré Confusa”



Página barroca, inovadora, vanguardista
eu tentando entender como funciona o sistema eleitoral dos eua

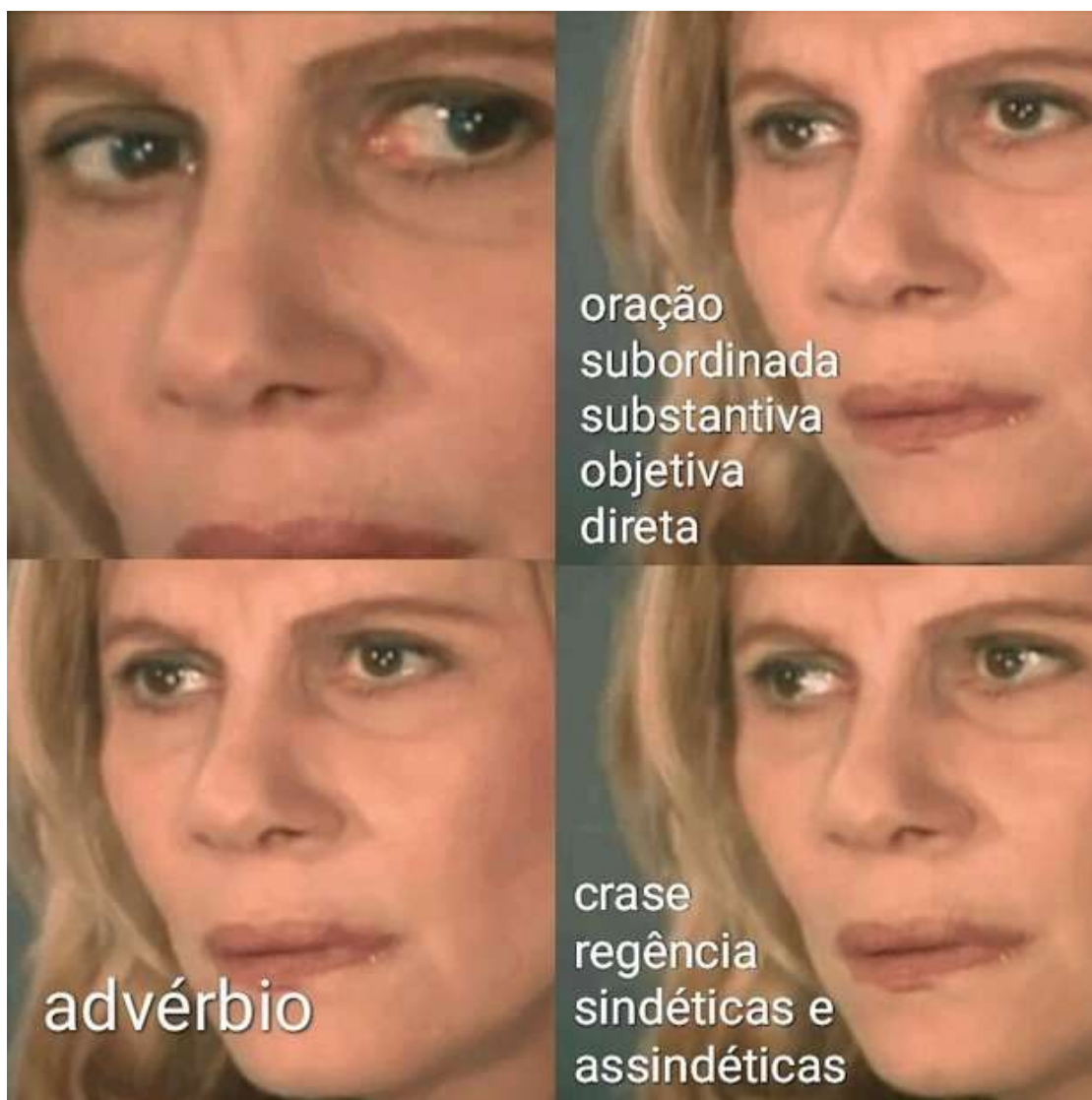
#HorarioDeVeraoComecouE acordei 9 mas já era 10 mas que na verdade era pra ser 9 mas que agora é 10



RETWEETS
82

CURTIDAS
64



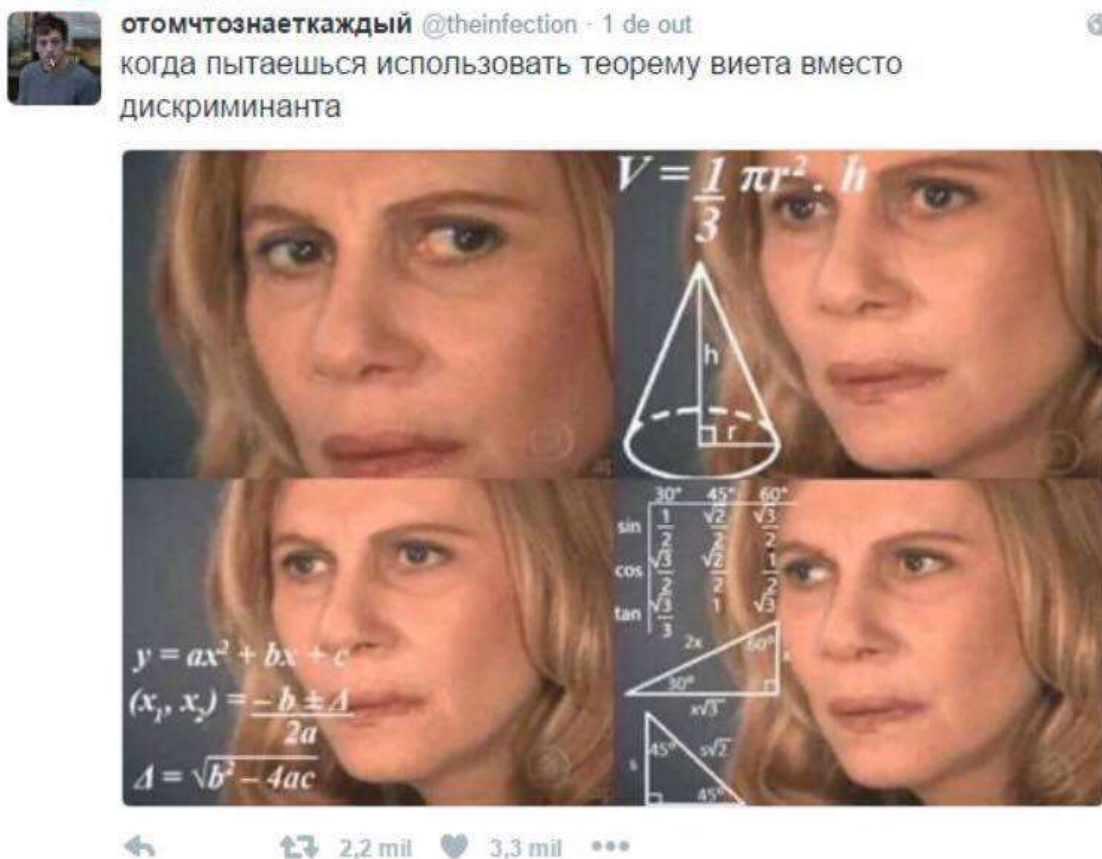


Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/nazare-confusa/>
 Acesso em 29 de setembro de 2016

O meme fez tanto sucesso que foi incorporado por outros países, mas adotando o nome Math Lady ou Confused Blonde. Interessante notar que os estrangeiros dificilmente conheceriam a personagem Nazaré Tedesco e possivelmente sofreriam com a barreira do idioma, mas a construção composicional do meme (imagem de uma mulher com expressão confusa associada a um cálculo matemático universal) permitiu a compreensão – ao menos, parcial – da ideia que se pretendia transmitir com ele e, logo, sua incorporação.

Figura 5: Memes “Nazaré Confusa” ao redor do mundo





Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/nazare-confusa/>
 Acesso em 29 de setembro de 2016

Os memes “Nazaré Confusa” compartilham, especialmente, forma, isto é, temos uma mesma imagem, que é copiada e adotada em diferentes contextos. No entanto, muitas vezes, o que é replicado em diferentes contextos não é a imagem, mas, sim, uma frase ou até uma mesma ideia. Em casos como esses, temos memes que compartilham estilo e conteúdo, respectivamente.

Os multiparticipantes responsáveis pela criação de um meme desempenham um papel muito importante. Shifman (2014) afirma que os memes são criados levando em consideração outros itens já criados no mesmo grupo e “circulam, são imitados, e/ou transformados através da Internet por muitos usuários” (p. 41).¹⁷

Sobre isso, Milner (2012) explica:

Um número incontável de participantes cria, faz circular e transforma memes em redes sociais amadoras de participação cultural mediada. A cada novo

¹⁷ Were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users.

remix, memes são reapropriados de forma a produzir novas interações e variações de ideias, a maioria delas sem assinatura ou citação. (p. 12)¹⁸

No entanto, como se pode perceber, raríssimos são os memes que revelam seu autor. A falta de atribuição de autoria em memes da Internet, segundo Davison (2012), também é uma razão para seu sucesso:

O anonimato permite um certo tipo de liberdade. Esta liberdade pode ter benefícios pessoais óbvios, se o material gerado, compartilhado ou coletado é transgressivo. Para os internautas que se deleitam na existência de memes racistas, sexistas, ou ofensivos, uma prática e um sistema de anonimato pode protegê-los do regulamento ou das penas que a sociedade ou as autoridades podem tentar aprovar em resposta a tal material. No entanto, existe uma camada adicional de liberdade proporcionada por uma falta de atribuição. Sem autores documentados, não existe nenhuma propriedade intelectual. Memes podem ser carregados, reproduzidos, transmitidos, transformados, e enviados sem preocupação com a gestão de direitos, monetização, citação, ou licenciamento. (p. 131)¹⁹

Percebe-se claramente, portanto, que os memes são textos criados com a participação de diversos usuários, sem a preocupação de se deixar clara a sua autoria, e que o que faz com que um determinado texto se insira em um grupo de memes é o fato de ele compartilhar tema, forma e/ou posicionamento com outros memes já produzidos. Logo, um meme nunca é um texto isolado, mas, sim, um grupo de textos transformados e reapropriados por usuários da Internet. Assim, como explica Davison (2012), a identificação de memes reside na identificação de imitações. Isto é, deve-se identificar, em um grupo de textos, o que se repete, o que é imitado neles, para que possamos reconhecê-los como pertencente ao mesmo agrupamento de meme.

Essa é a primeira razão pela qual a imagem mandada pela mãe da menina, na conversa ilustrada no início desta seção, não pode ser considerada um meme. Não há aspecto nela que tenha sido replicado ou adaptado. Trata-se apenas de uma imagem viral, isto é, uma imagem que é compartilhada muitas vezes, mas sem nenhuma alteração em nenhum de seus aspectos.

A definição de memes da Internet ainda não é muito clara na academia e até mesmo entre seus usuários, o que faz com que, muitas vezes, memes sejam confundidos com virais.

¹⁸ Countless participants create, circulate, and transform memes on amateur networks of mediated cultural participation. With each new remix, memes are reappropriated in order to produce new iterations and variations of broader ideas, mostly without signature or citation.

¹⁹ Anonymity enables a type of freedom. This freedom can have obvious personal benefits if the material one is generating, sharing, or collecting is transgressive. For those Internet users who revel in the existence of racist, sexist, or otherwise offensive memes, a practice and system of anonymity protects them from the regulation or punishment that peers or authorities might attempt to enact in response to such material. However, there is an additional layer of freedom afforded by a lack of attribution. With no documented authors, there exists no intellectual property. Memes can be born, replicated, transmitted, transformed, and forwarded with no concern for rights management, monetization, citation, or licensing.

No entanto, existe uma diferença entre eles que, segundo Shifman (2014), corresponde à variabilidade:

Enquanto os virais apresentam uma única unidade cultural (como um vídeo, foto ou piada) que são propagados em muitas cópias, um meme da Internet é sempre **uma coleção de textos**. Você pode identificar um único vídeo e dizer “este é um vídeo viral” sem se referir a nenhum outro texto, mas isso não vai fazer sentido quando se está descrevendo um meme da Internet. Um único vídeo não é um meme de Internet, mas parte de um meme – uma manifestação de um grupo de textos que, juntos, podem ser descritos como meme. (p. 56)²⁰

Disso entende-se que, embora os memes possam ser palavras, imagens, vídeos, hashtags, frases, imagens associadas a uma legenda (esse, o tipo mais popular de meme), a imitação de algo, seja no conteúdo, na forma e/ou no posicionamento é o que faz com que se reconheça um texto como um meme. Com isso, concluímos que algo se torna um meme não apenas porque se tornou viral e foi compartilhado muitas vezes, mas também porque algo presente naquela ideia que se tornou viral foi copiado e transferido para outros contextos. Assim é que uma frase ou uma imagem torna-se um meme, porque foi repetida e apresentada em diferentes situações e não apenas porque foi compartilhada muitas vezes.

A autora faz uma diferenciação entre virais, memes baseados no criador e memes igualitários. Memes baseados no criador são memes da Internet que são espalhados a partir de um texto, vídeo ou foto específico (muitas vezes, viral). A primeira versão é seguida de muitas versões, cada uma vista por menos pessoas. No Brasil, seria o caso, por exemplo, dos memes da “Senhora”, que serão analisados neste trabalho. Esse meme surgiu a partir de uma reportagem apresentada no Jornal Nacional sobre servidores que batiam o ponto da Assembleia de Goiás e iam embora sem trabalhar. Uma das servidoras, quando confrontada pela repórter, fugiu e foi perseguida por ela. A situação inesperada retratada no vídeo gerou inúmeros memes, como veremos em nossas análises.

Já os memes igualitários são várias versões que parecem ter sido criadas simultaneamente sem um texto claro como base. Tais memes são caracterizados por uma distribuição mais popular entre as variadas versões. É o caso, dentre muitos outros exemplos, dos memes que circularam na Internet após a notícia da alta do dólar no final de 2015, que fez com que a moeda atingisse o valor de 4 reais no Brasil.

²⁰ Whereas the viral comprises a single cultural unit (such as video, photo, or joke) that propagates in many copies, an Internet meme is always a collection of texts. You can identify a single video and say “This is a viral video” without referring to any other text, but this would not make much sense when describing an Internet meme. A single video is not an Internet meme but part of a meme – one manifestation of a group of texts that together can be described as the meme.

A título de explicação, Shifman (2014, p. 59) apresenta um quadro com as diferenças entre virais, memes baseados no criador e memes igualitários, com exemplos americanos, que será reproduzido aqui:

	Viral	Memes baseados no criador	Memes igualitários
Número de Versões	Uma	Muitas	Muitas
Distribuição de popularidade	Milhões de visualizações de um vídeo inicial	Um (muitas vezes viral) clip/foto que inicia o meme e é de longe o mais popular	Popularidade se espalha pelas numerosas versões
Foco de derivação	N/A	Pessoas relacionam a uma foto ou vídeo específico	Pessoas relacionam a uma certa fórmula
Envolvimento do Usuário	Meta-comentários	Modificando o texto	Modificando o texto
Exemplos	Evian Roller Babies	“Leave Britney alone”	LOLCats

Quadro 1: Virais, memes baseados no criador e memes igualitários (SHIFMAN, 2014, p. 59)

Embora não trabalhem com virais, essa diferenciação faz-se importante, pois, muitas vezes, memes são confundidos com virais, devido a sua velocidade de propagação. Além disso, mostrar que existem tipos diferentes de memes e explicar cada um deles auxilia na análise que apresentaremos mais à frente.

Dentro desses dois principais tipos de memes, podemos encontrar, ainda segundo Shifman (2014), três grupos de gêneros de memes:

- (1) Gêneros baseados na documentação de momentos da vida real (fotos, *flash mobs*). Esses gêneros sempre são ancorados em um espaço concreto e não-digital.
- (2) Gêneros que são baseados na manipulação explícita de conteúdo visual ou audiovisual de mídia de massa. (reações de *Photoshop*, *lipdubs*, *misheard lyrics*, *recut trailers*). Esses gêneros – que podem ser agrupados como memes *remix* – frequentemente reapropriam itens culturais populares. (...)
- (3) Gêneros que envolvem um novo universo de conteúdo digital e orientado por meme (*LOLCats*, *rage comics*, e *stock character macros*). Esses gêneros, que emergiram principalmente depois de 2007, demonstram o desenvolvimento de um complexo conjunto de signos que apenas aqueles que os conhecem podem decifrar. (...) Esses gêneros estão profundamente associados ao que Ryan Miltner descreve como subcultura

do meme, que floresceu em site específicos como *4chan*, *Tumblr* e *Reddit*. (p. 118)²¹

Necessário destacar que, ao utilizar o termo gênero para falar de memes, a autora não está afirmando que meme seja um gênero de discurso e também não é o objetivo desta tese abordar tal discussão, embora possamos, como já foi mostrado, analisá-los de acordo com conteúdo temático, formato e estilo. Na verdade, ela utiliza esse termo de forma classificatória, como quando nos referimos a filmes, por exemplo, e os classificamos como pertencentes ao gênero romance, suspense, drama ou comédia.

Na definição de memes, é relevante lembrar que uma característica muito importante desse texto é o humor. Segundo Miltner (2011), há uma importante simbiose entre humor e Internet, não apenas porque a maioria dos conteúdos virais contém humor, mas também porque buscar humor é uma das atividades mais comuns de usuários da Internet. A autora afirma ainda que o humor parece ser importante para o sucesso de um meme.

Essa é a segunda razão pela qual a imagem compartilhada pela mãe da garota na conversa reproduzida anteriormente não pode ser considerada um meme: ela não provoca o riso.

Para Milner (2012), embora os memes pareçam simples piadas às quais dedicamos alguns minutos do dia, os memes, assim como qualquer outro texto do dia-a-dia, são importantes, porque textos sociais:

são os artefatos através dos quais os participantes culturais juntam a realidade. Verdades são expostas, posicionamentos são tomados e o mundo é visto através desses artefatos textuais. O estudo da participação cultural é o estudo de textos sociais que constituem a cultura, como memes. (p. 15)²²

Corroborando com a visão de que as piadas contadas pelos memes nos permitem compreender a sociedade e sua cultura, Shifman (2007 *apud* Miltner, 2011) afirma que o humor nos permite uma importante visão de uma sociedade ou de uma cultura, pois, embora sua existência seja universal, sua apreciação é atrelada ao seu contexto de criação, seja ele um

²¹ (1) Genres that are based on the documentation of “real-life” moments (phot fads, flash mobs). These genres are always anchored in a concrete and nondigital space. (2) Genres that are based on explicit manipulation of visual or audiovisual mass-mediated content (reaction Photoshops, lipdubs, misheard lyrics, recut trailers). These genres – which may be grouped as “remix” memes – often reappropriate news and popular culture items. (...) (3) Genres that evolved around a new universe of digital and meme-oriented content (LOLCats, rage comics, and stock character macros). These genres, emerging mainly after 2007, embody the development of a complex grid of signs that only those “in the know” can decipher. (...) These genres are thus strongly associated with what Ryan Milner describes as the meme subculture, which flourishes in specific sites such as 4chan, Tumblr and Reddit.

²² Social texts are the artifacts by which cultural participants piece together reality. Truths are argued, stances are taken, and the world is seen through these textual artifacts. The study of cultural participation means the study of the social texts that constitute that culture, like memes.

grupo de amigos ou uma nação. Ainda segundo a autora, o humor pode servir como uma chave para entender processos sociais e culturais.

Isso ficou bastante claro em uma pesquisa realizada pela autora, juntamente com Hadar Levy e Mike Thelwall, a partir da qual concluiu-se que “enquanto muitas cópias de piadas traduzidas foram encontradas em cinco línguas (russo, português, espanhol, francês e alemão), poucas cópias foram encontradas em chinês e árabe, e ainda menos em coreano e japonês.”²³ (SHIFMAN, 2014, p. 158). Segundo Shifman (2014), tais resultados podem estar ligados à proximidade cultural, uma vez que encontramos memes traduzidos, especialmente, nos idiomas falados em culturas ocidentais, baseadas principalmente na América ou Europa. Assim, “algumas culturas (em particular coreana e japonesa) não parecem participar da globalização cultural através da difusão de piadas”²⁴ (SHIFMAN, 2014, p. 161).

O estudo conduzido pela autora nos mostra, portanto, o quanto a apreciação do humor está atrelada à cultura e, com isso, buscar compreender o humor em um meme é também uma forma de se estudar a cultura e os valores de um país ou de um grupo.

No que diz respeito à questão do idioma, Milner (2012) explica que muito do conteúdo que vemos no Ocidente é escrito em inglês, assumindo uma universalidade sem muito do conhecimento das perspectivas dos não-ocidentais.

Interessante notar que o meme “Nazaré Confusa” foi incorporado em diversos países do mundo, justamente porque o que se compartilhava nele era o formato e não o conteúdo. Logo, não havia a barreira do idioma e nem da cultura, como constatado por Shifman.

Miltner (2011) partilha da mesma acepção. Ela afirma que o humor é o mecanismo através do qual são erguidos e mantidos laços simbólicos: gostos, identidades e situações, e definidos aqueles que pertencem ou não a um grupo. De acordo com a autora, muito importante no estudo dos memes é a compreensão do que é humor de identificação, mais conhecido como “piada interna”. Para ela:

As piadas internas são componentes importantes tanto dos memes quanto das comunidades online (Stryker, 2011; Baym, 1995) devido a sua facilitação do sentimento de pertencimento a um grupo através da premissa de exclusividade de conhecimento compartilhado. (Meyer, 2000, p. 434).²⁵

²³ While many translated joke copies were found in five languages (Russian, Portuguese, Spanish, French, German), fewer copies were found in Chinese and Arabic, and significantly fewer in Korean and Japanese.

²⁴ Some cultures (in particular Korean and Japanese) do not seem to participate in cultural globalization through joke diffusion.

²⁵ In jokes are important components of both memes and online communities (Stryker, 2011; Baym, 1995) due to their facilitation of “in-group-ness” (Bormann, 1972, 1982 in Meyer, 2000: 325) through the assumption of exclusively shared knowledge (Meyer, 2000: 434).

Ainda segundo Miltner (2011), o humor pode ser essencial para se criar identidade de grupo e solidariedade em comunidades online. Por isso, a identificação do humor é muito importante para o estudo dos memes, já que é muito difícil que se reconheça o humor em um meme se não se constrói sentido para ele.

Importante também no processo de compreensão de um meme é captar a intenção que ele carrega: riso pelo riso, liberação, exposição de vícios cômicos, crítica social, denúncia, entre outras, como explica Travaglia (1989) e discutiremos mais a frente neste trabalho.

Milner (2012) afirma que memes são, em sua maioria, jocosos, mesmo que, às vezes, façam humor a partir de questões políticas. Por isso, embora sejam forma de entretenimento, os memes também podem atuar como fontes de informação e comunicação política. Ainda falando sobre a intenção que os memes carregam, Milner (*idem*) traz o exemplo de Kuipers (2002, 2005) sobre os atentados ao World Trade Center em 11 de setembro. Segundo este autor, após o evento, as pessoas começaram a criar memes, remixando fotos, contando piadas e repassando imagens a fim de apresentar comentários e buscar sentido para seus sentimentos ambivalentes sobre os eventos. O meme, naquele momento, portanto, foi uma forma de liberação.

Segundo Miltner (2015), as pessoas compartilham aquilo que é pessoalmente e socialmente relevante para elas, é como se o meme fosse capaz de transmitir algo que é importante para elas, seja em relação à sociedade ou a questões pessoais. Além disso, conforme o meme vai passando por diferentes comunidades, ele é interpretado de outras formas, com novas conotações, muitas vezes, diferentes daquela pretendida por seu criador.

Miltner (2011) explica que a maioria dos memes é parte de uma complexa e interligada rede de textos que estão completamente atrelados ao seu contexto de criação e consumo. Isso significa que os memes surgem de situações concretas e a sua construção de sentidos exige que o leitor compartilhe com o produtor do meme o conhecimento prévio a respeito daquela situação, isto é, de seu contexto de produção. Além disso, é preciso também que ele compreenda a imitação presente no meme. A intertextualidade, portanto, é um elemento chave no meme, já que, na maioria das vezes, ele dialoga e reproduz certos aspectos de outros textos.

De tudo o que foi dito, faz-se necessário recapitular e enfatizar aquilo que consideramos, neste trabalho, como as principais características do meme. A definição de meme apresentada por Milner (2012), segundo a qual memes são artefatos multimodais, onde texto verbal e não-verbal são integrados para produzir humor, fazer uma observação ou apresentar um argumento serve de norteadora para este trabalho, uma vez que é nosso

objetivo analisar como texto verbal e não-verbal se articulam de forma a construir sentido e humor em um meme.

Assumimos, principalmente, a definição de meme apresentada por Shifman (2014), segundo a qual memes são unidades de cultura popular que circulam, são imitadas e transformadas por usuários da Internet, criando uma experiência cultural compartilhada. Para a autora, o que faz de um texto multimodal um meme são duas características importantes: a imitação e o humor. Priorizamos a definição da autora em detrimento da definição de Davison (2012), pois, ao tratar de posicionamento, Shifman leva em consideração aspectos linguísticos – o que é extremamente relevante em nosso trabalho – diferentemente de Davison, que, ao eleger o aspecto comportamento, limita-se a questões tecnológicas. No entanto, de qualquer forma, as análises e asserções do autor muito contribuem para este trabalho.

Como apontado por Shifman (2014), o meme pode ser imitado em seu conteúdo, forma ou “posicionamento”/estilo (como preferimos chamar). Memes não são textos isolados, pois só significam em conjunto. Portanto, diz-se que o meme é carregado de intertextualidade, uma vez que dialoga com outros textos, reproduzindo alguma dimensão deles. É bastante comum que os memes reproduzam um determinado conteúdo temático; por essa razão, deparamo-nos o tempo todo com matérias, na Internet, como “Alta do dólar gera memes”. Trata-se de memes em que a dimensão reproduzida é o domínio de sentido, isto é, todos eles tratarão do mesmo tema, reproduzirão a mesma ideia. Também é muito comum encontrar memes que reproduzam uma mesma construção composicional, por exemplo, uma imagem, associada a legenda, que aparece em diferentes contextos, como é o caso da imagem da “Nazaré Tedesco”, que é reproduzida em diversos memes. Por último, o “posicionamento”/estilo pode ser imitado.

Na verdade, parece já ter ficado claro que todos os memes possuem o mesmo estilo familiar, informal, e que apresentam humor. Tal humor pode variar e ir de algo que provoca o riso pelo riso, até ironia, paródia, crítica, gozação. Acreditamos que, para podermos analisar o meme como uma “coletânea de textos”, como complexos informacionais que funcionam em conjunto, é preciso agrupá-los por suas semelhanças, isto é, buscar o aspecto especialmente reproduzido neles. Assim, se olhássemos para o estilo apenas dessa forma vaga, todos os memes já produzidos no Brasil poderiam pertencer ao mesmo grupo, o que não faz sentido. Entendemos, portanto, que, no caso dos memes, o estilo é reproduzido quando se tem meios linguísticos específicos que são imitados e levados para outros contextos. Isso acontece, por exemplo, quando uma gíria, uma expressão ou até uma frase aparece repetidamente em contextos diferentes, como foi o caso da frase da presidente Dilma Rousseff, em julho de 2015,

ao referir-se à nova fase do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec): “Não vamos colocar uma meta. Vamos deixar a meta aberta e, quando atingirmos a meta, vamos dobrar a meta.”. Tal fala foi inserida em diferentes contextos, criando novos memes e gerando diferentes significados, ainda que ela tenha sido pouco alterada. A frase “Eu queria estar morta”, citada na imagem do início desta seção, é outro exemplo. Foi proferida pela cantora Lana Del Rey, em julho de 2014, em uma entrevista para o The Guardian e reproduzida, em diferentes contextos e com diferentes imagens, por diversos brasileiros desde então.

Figura 6: meme “Eu queria estar morta”



Disponível em: <http://showdomedo.blogspot.com/2015/03/links-que-valem-pena-84.html>
Acesso em 05 jul. 2018

Com esses exemplos, parece ficar claro que, no caso da reprodução de estilo nos memes, tem-se estilos individuais, isto é, frases proferidas por alguém, que transmitem as peculiaridades próprias de seus enunciadores, que são inseridas em outros contextos, criando novos sentidos. Como Fiorin (2006) explica “os enunciados podem adquirir um novo sentido, quando se lhes dá, por exemplo, uma nova entonação (...) ou quando se o transfere para outra esfera de atividade.” (p. 74). No caso dos memes apresentados, as frases foram da esfera jornalística para a esfera cotidiana, ganhando novos sentidos.

A segunda característica importante na definição de um meme é que todo meme apresenta algum tipo de humor e é isso que faz com ele seja reconhecido como um artefato

cultural, pois a compreensão do humor presente nele depende da cultura em que foi produzido e é recebido. Depende, também, é claro, do processamento textual para que aquele texto possa fazer sentido para o leitor e o efeito de humor seja compreendido.

Tendo em vista que o processamento textual é tão importante para que o efeito de humor seja compreendido em um meme, é a isso que nos dedicamos no capítulo seguinte.

2 O TEXTO, A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O EFEITO DE HUMOR

Neste capítulo, apresentamos a perspectiva da Linguística Textual adotada neste trabalho, bem como o conceito de texto assumido aqui. Tais informações são essenciais para justificar o procedimento de análise que apresentaremos mais adiante.

2.1 O conceito de texto

O conceito de texto sofreu diversas mudanças desde o início dos estudos da Linguística Textual. Koch (2010) explica que, em um primeiro momento, o texto foi concebido como unidade linguística superior à frase; combinação de frases; cadeia de pronominalizações ininterruptas, cadeia de isotopias; complexo de proposições semânticas. Depois, passou a ser encarado como uma sequência de atos de fala; como resultado de processos mentais; como parte de atividades mais globais, que vão muito além do texto em si.

Resumidamente, Cavalcante (2014) afirma que, inicialmente, o texto era concebido como artefato lógico do pensamento do autor e caberia ao leitor captar essa representação mental e as intenções do produtor. Depois, ainda se tinha a concepção de um interlocutor passivo, que deveria decodificar o produto de um emissor. É dessa época a relação emissor X receptor do texto. Segundo essa lógica, o interlocutor apenas recebia, do emissor, um produto pronto que deveria decodificar. Hoje, o texto é visto como um processo interacional. Nessa perspectiva, o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação.

De acordo com Koch (2008):

Na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar de interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, como base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes, mas também a sua reconstrução – bem como a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (p. 19)

Nessa concepção de língua como lugar de interação, segundo Koch (2011), o sujeito é tido como entidade psicossocial e desempenha caráter ativo na interação, pois atua na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir (p. 15). A autora retoma as colocações de Brandão (2001, p. 12), que explica que, segundo Bakhtin (2003), no texto,

o sujeito divide seu espaço com o outro porque nenhum discurso provém de um sujeito adâmico que, num gesto inaugural, emerge a cada vez que fala/escreve como fonte única de seu dizer. Segundo essa perspectiva, o conceito de subjetividade se desloca para um sujeito que se cinde porque átomo, partícula de um corpo histórico-social no qual interage com outros discursos, de que se apossa ou diante dos quais se posiciona (ou é posicionado) para construir sua fala. (p. 16)

Logo, o sujeito, no curso da interação, traz ecos de outros discursos para construir seu texto. Por isso, em nosso trabalho, assim como é feito em Santos (2012), adotamos a perspectiva sociocognitivo-interacionista, assumindo que, como afirma Koch (2009):

Na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção: os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente. (...) Nesta perspectiva, as ações verbais são ações conjuntas, já que usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação em que ela é o próprio lugar onde a ação acontece, necessariamente, em coordenação com os outros. Essas ações não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais. São ações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente. (p. 31)

Assim, segundo a autora, as peças do “jogo da linguagem” seriam:

1. o produtor/planejador, que procura viabilizar o seu “projeto de dizer”, recorrendo a uma série de estratégias de organização textual e orientando o interlocutor, por meio de sinalizações textuais (indícios, marcas, pistas) para a construção de sentidos;
2. o texto, organizado estrategicamente de dada forma, em decorrência das escolhas feitas pelo produtor dentre as diversas possibilidades que a língua lhe oferece, de tal sorte que ele estabelece limites quanto às leituras possíveis;
3. o leitor/ouvinte, que, a partir do modo como o texto se encontra linguisticamente construído, das sinalizações que lhe oferece, bem como pela mobilização do contexto relevante à interpretação, vai proceder à construção de sentidos. (KOCH, 2011, p. 19)

Koch, portanto, vê o “jogo da linguagem” como uma tríade em que aparecem o texto em si, as estratégias do produtor para criá-lo e a construção de sentidos por parte do ouvinte, isto é, a situação concreta de interação entre produtor e leitor (atividade/uso).

Vemos, assim, que a produção de sentidos se constitui mediante um diálogo complexo entre o sujeito e as práticas a que está incorporado, de maneira que estes sujeitos internalizam gêneros de ação linguístico-discursiva, podendo atuar para ratificar ou modificar o meio em que estão inseridos e os próprios meios da ação. Os textos não podem ser considerados apenas um produto, mas, sim, como um processo, visto que o seu sentido é construído na interação entre texto e sujeitos e não preexiste à interação.

Segundo Koch (2010), ao construir um texto, o sujeito está em uma inter-relação com outros sujeitos e coloca-se na posição de um planejador/organizador, influenciado por fatores como a especificidade da situação, o jogo de imagens recíprocas, as crenças, convicções e atitudes dos interactantes, os conhecimentos (supostamente) partilhados, as expectativas mútuas, as normas e convenções socioculturais.

Embora a definição de texto apresentada por Koch seja a base de nosso trabalho, faz-se necessário acrescentar que, atualmente, tal definição pode – e precisa - ser ampliada. Kress (2012) afirma que a escrita, durante anos, nas sociedades letradas, se especializou como encarregada de certos tipos de informação. Ela era encarregada de grande parte da carga informativa, mas isso está mudando rapidamente. Hoje, imagem e cor, por exemplo, também são responsáveis por grande parte da carga informativa em um texto.

Da mesma forma, Cavalcante (2014) define texto como “um evento comunicativo em que estão presentes os elementos linguísticos, visuais e sonoros, os fatores cognitivos e vários aspectos.” (p. 21)

Custódio Filho (2011) afirma que:

Essa necessidade de novas explicações nos instiga a propor uma reflexão que coloque em evidência alguns aspectos, relacionados à conceituação de texto e às análises das estratégias textual-discursivas, que não vêm sendo devidamente consideradas nas reflexões em LT. Cremos ser possível levantar questões que encaminhem as análises para, de fato, confirmarem a pertinência dos pressupostos de dinamicidade que assumem. (p. 63)

Concluindo, dentro dessa nova perspectiva, Custódio Filho (2011) propõe algumas reformulações à definição de texto apresentada por Koch (2009, p. 33) e a parafraseia. Assumimos, portanto, para este trabalho, a definição de texto apresentada pelo autor, segundo a qual texto constitui uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza com base nos elementos – verbais e não verbais - presentes na superfície textual e na sua forma de organização. Tal atividade requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação. (p. 65).

Baseados nesse conceito, podemos buscar entender como se dá a construção de sentidos em um texto.

2.2 A construção de sentidos em um texto

Cavalcante (2014) explica que o sentido de um texto não é dado apenas pelo significado das palavras, mas é construído na interação entre locutor, texto e interlocutor. No

mesmo sentido, Koch (2011) afirma que produtor e interpretador do texto são estrategistas, na medida em que mobilizam uma série de estratégias – de ordem cognitiva, interacional e textual – para produzir sentidos. Segundo a autora:

Espera-se sempre um texto para o qual se possa produzir sentidos e procura-se, a partir da forma como ele se encontra linguisticamente organizado, construir uma representação coerente, ativando, para tanto, os conhecimentos prévios e/ou tirando as possíveis conclusões para as quais o texto aponta. O processamento textual, quer em termos de produção, quer de compreensão, depende, assim, essencialmente de uma interação – ainda que latente – entre produtor e interpretador. (p. 19)

São essas estratégias, mobilizadas por produtor e interpretador de texto, que nos interessa analisar nos memes, tendo em vista que o meme é produzido em uma situação concreta de comunicação e, para que tenha efeito de humor, produtor e interpretador devem se tornar cúmplices, isto é, o produtor deve ter a intenção de apresentar um fato humorístico, enquanto o leitor aceita essa intenção e busca construir sentidos para o texto, preenchendo lacunas, fazendo inferências, enfim, desvendando mecanismos de linguagem.

De acordo com Koch (2011), na atividade de produção textual, os parceiros mobilizam diversos sistemas de conhecimento que têm representados na memória, a par de um conjunto de estratégias de processamento de caráter cognitivo, interacional e textual. E, para o processamento textual, contribuem os seguintes sistemas de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o sociointeracional.

O conhecimento linguístico diz respeito ao conhecimento gramatical e lexical e é o responsável pela articulação som-sentido. Responde pela organização do material linguístico na superfície textual, pelo uso dos meios coesivos para efetuar a remissão ou a sequenciação textual, pela seleção lexical adequada ao tema e/ou aos modelos cognitivos ativados. (KOCH, 2009, p. 22). Trata-se do conhecimento que diz respeito ao funcionamento da língua.

O conhecimento enciclopédico ou conhecimento de mundo encontra-se armazenado na memória de cada indivíduo. Pode se tratar de conhecimento do tipo declarativo (proposições a respeito dos fatos do mundo) ou do tipo episódico (os modelos cognitivos socialmente determinados e adquiridos através da experiência). Pode ser adquirido de maneira formal ou informal. (KOCH, 2009, p. 22).

Segundo Koch e Travaglia (1993):

O conhecimento de mundo se estabelece e se armazena na memória não isoladamente, mas se organiza e representa na mente em conjuntos, em blocos, como unidades completas de conhecimento estereotípico, chamadas de conceitos e modelos cognitivos globais. (p. 63)

Existem modelos cognitivos originários da Inteligência Artificial e da Psicologia da Cognição, que recebem denominações como *frames*, *scripts*, *cenários*, *esquemas*, *modelos mentais*, *modelos episódicos ou de situação*, que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que sevem de base os processos conceituais.

“Frames” são “modelos globais que contêm o conhecimento de senso comum sobre um conceito central (por exemplo, Natal, viagem aérea); estabelecem quais as coisas que, em princípio, são componentes de um todo, mas não estabelecem entre eles uma ordem ou sequência (lógica ou temporal)”. Os esquemas diferem dos “frames”, porque “são modelos cujos elementos são ordenados numa progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será feito ou mencionado a seguir no universo textual. As ligações básicas são a proximidade temporal e a causalidade, sendo, pois, os esquemas previsíveis e ordenados”. Exemplos: Comer em um restaurante, pôr um carro em movimento. (...) Planos são “modelos globais de acontecimentos e estados que conduzem a uma meta pretendida. Além de terem todos os elementos numa ordem previsível, levam a um fim planejado”. Exemplo: num texto de instruções para montagem de um aparelho. “Scripts” são “planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas. Diferem dos planos por conterem uma rotina preestabelecida. Trata-se de um todo sequenciado de maneira estereotipada, inclusive em termos de linguagem, ou seja, como se age verbalmente numa situação”. Exemplos: cerimônia religiosa e civil de casamento, certas partes de uma sessão de júri, um ritual religioso qualquer (missa, batizado etc.), sequências de cumprimento. (KOCH; TRAVAGLIA, 1993, p. 65)

Como afirmam Koch e Travaglia (1993), uma vez que o conhecimento de mundo é importante para o processo de compreensão do texto, os interlocutores têm que ter conhecimentos partilhados, pois são eles que determinam a estrutura informacional do texto em termos do que se convencionou chamar de dado e novo.

Já o conhecimento sociointeracional é o conhecimento sobre as ações verbais, sobre as formas de interação através da linguagem. Ocorre quando mobilizamos e ativamos conhecimentos referentes às formas de interação e engloba os conhecimentos do tipo ilocucional, comunicacional, metacomunicativo e superestrutural. (KOCH, 2009, p. 23)

O conhecimento ilocucional permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante pretende atingir em determinada interação. Trata-se de conhecimentos sobre os tipos de atos de fala. O conhecimento comunicacional diz respeito a normas comunicativas gerais, à quantidade de informação necessária numa situação concreta para que o parceiro seja capaz de reconstruir o objetivo do produtor do texto, à seleção da variante linguística adequada a cada situação de interação e à adequação dos tipos de texto às situações comunicativas. O conhecimento metacomunicativo permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis

na comunicação ou sanar conflitos ocorridos por meio da introdução no texto de sinais de articulação ou apoios textuais e pela realização de atividades específicas de formulação ou construção textual. O conhecimento superestrutural permite reconhecer textos como exemplares de determinado gênero ou tipo e envolve também conhecimentos sobre as macrocategorias ou unidades globais que distinguem os vários tipos de texto (KOCH, 2011, p. 49).

Todos esses conhecimentos são ativados na produção e interpretação de um texto, de modo que, em nossa análise, serão apresentados conforme aparecem, sem necessidade dessa divisão, que é meramente didática.

De acordo com Koch (2009), as estratégias de processamento textual implicam a mobilização online de diversos sistemas de conhecimento. Para mobilizá-los são colocadas em prática estratégias de processamento textual cognitivas, sociointeracionais e textuais.

O processamento cognitivo de um texto consiste de diferentes estratégias processuais, entendendo-se estratégia como uma instrução global para cada escolha a ser feita no curso da ação. Como afirma Koch (2009):

Falar em processamento estratégico significa dizer que os usuários da língua realizam simultaneamente em vários níveis passos interpretativos finalisticamente orientados, efetivos, eficientes, flexíveis, tentativos e extremamente rápidos; fazem pequenos cortes no material entrante, podendo utilizar somente informação ainda incompleta para chegar a uma (hipótese de) interpretação. Em outras palavras, a informação é processada on-line. (p. 26)

O processamento estratégico depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo.

Assim, as estratégias cognitivas consistem em estratégias de uso do conhecimento e esse uso, em cada situação, depende dos objetivos do usuário, da quantidade disponível a partir do texto e do contexto, bem como de suas crenças, opiniões e atitudes.

As estratégias cognitivas são resultado, portanto, da execução de algum tipo de cálculo mental por parte dos interlocutores de modo que, no momento da compreensão, seja possível reconstruir não somente o sentido intencionado pelo produtor do texto, mas também outros sentidos, não previstos ou desejados pelo produtor. Essas estratégias determinam a estrutura informacional do texto em termos de *dado* e *novo*. Considera-se nova a informação que o falante apresenta como não sendo recuperável a partir do texto e como dada aquela que o é.

De acordo com Koch e Travaglia (1993), a relação entre *dado* e *novo* em um texto é organizada pelo seguinte princípio:

os ouvintes não gostam de introduzir novas entidades quando as velhas são suficientes para o propósito comunicativo; e os falantes, se são cooperativos, formam seus enunciados de modo a possibilitar ao ouvinte fazer o uso máximo de entidades velhas. Isso tem a ver com a possibilidade do receptor de calcular o seu sentido. (p. 69)

Dessa relação entre *dado* e *novo* surgem as inferências. Para Koch e Travaglia (1993), inferências são conexões que as pessoas fazem quando tentam alcançar uma interpretação do que leem ou ouvem, isto é, o processo através do qual o leitor consegue captar, a partir do significado literal do que é escrito, o que o escritor pretendia veicular.

Os autores afirmam ainda que poderia se pensar que o ideal seria que os textos exigissem poucas inferências para sua compreensão, mas tais textos iriam requerer muito espaço para veicular pouca informação. Os *textos reais* assumem grande quantidade de conhecimento de mundo, ou seja, *dado*, e normalmente requerem que o leitor faça quantas inferências forem necessárias para compreender o que está sendo veiculado.

Segundo Koch (2009), as inferências são exemplo prototípico das estratégias cognitivas, que permitem gerar informação semântica *nova* a partir daquela *dada*, em certo contexto. Durante a produção, o locutor já prevê essas inferências, na medida em que deixa implícitas certas partes do texto, pressupondo que tais lacunas venham a ser preenchidas sem dificuldades pelo interlocutor com base em seus conhecimentos prévios. Assim, os textos só se tornam coerentes para o leitor/ouvinte por meio da inferenciação.

Percebe-se, portanto, que a inferência é uma estratégia cognitiva por meio da qual o interlocutor constrói, a partir da informação veiculada no texto e do contexto, novas representações mentais e/ou estabelece uma ponte entre segmentos textuais, ou entre informação explícita e informação não explicitada no texto (KOCH, 2010, p. 36).

Cavalcante (2014) afirma que as inferências envolvem estratégias cognitivas que relacionam sistemas de conhecimento linguístico, enciclopédico e interacional.

Esses conhecimentos entram em ação no momento em que articulamos as informações que se encontram na superfície textual (contexto) com outras que se acham armazenadas em nossa memória, ao longo de nossas diversas experiências. É a partir dessas deduções que preenchemos várias lacunas deixadas pelo contexto e fazemos antecipações, levantamos hipóteses sobre os sentidos do texto. Essas inferências dependem, por sua vez, de um conjunto de fatores, como o grau de formalidade, o gênero textual, os conhecimentos dos interlocutores, a situação comunicativa em que se dá o texto etc. (CAVALCANTE, 2014, p. 31)

Acreditamos que os memes, por serem textos curtos e de cunho humorístico, exigem muitas inferências do leitor, para as quais ele deve mobilizar diversos sistemas de conhecimento, logo, essa estratégia cognitiva aparecerá bastante em nossas análises.

Uma inferência muito exigida pelos memes diz respeito à intertextualidade implícita. No entanto, uma vez que a intertextualidade é uma de nossas categorias de análise, iremos explicá-la mais a frente, de forma mais detalhada.

Por outro lado, as estratégias interacionais visam estabelecer, manter e levar a bom termo uma interação verbal. Entre elas, destacam-se a realização dos diversos tipos de atos de fala, as estratégias de preservação de faces e/ou de representação positiva do *self*, que envolvem o uso das formas de atenuação, grau de polidez, estratégias de negociação, e atribuição de causas a mal-entendidos (KOCH 2010, p. 37).

De acordo com Koch (2010), a estratégia de preservação das faces aparece nos atos preparatórios, eufemismos, rodeios, mudança de tópico, marcadores de atenuação e grau de polidez, que é determinado com base nos papéis sociais desempenhados pelos participantes da interação.

Ainda segundo a autora:

Toda interação envolve a negociação de uma definição da própria situação e das normas que a governam. Na verdade, todos os aspectos da situação relativos aos participantes estão sujeitos à negociação. Isso vai resultar numa construção social da realidade, já que, sendo a realidade social e constituída no processo contínuo de interpretação e interação, os seus vários aspectos podem ser considerados e (re) negociados de forma explícita ou implícita. (p. 37)

No entanto, acreditamos que tais estratégias não serão muito relevantes para os memes, pois eles são muito concisos, o que dificulta o aparecimento de estratégias de negociação ou atribuição de causas a mal-entendidos, por exemplo. Além disso, por ser voltado para um interlocutor universal e por não ter autoria declarada, não há necessidade de se buscar a preservação de faces ou representação positiva do *self*.

Enquanto as estratégias interacionais resultam numa construção social da realidade, visto que ela é constituída no processo contínuo de interpretação e interação, as estratégias textuais dizem respeito às escolhas textuais que os interlocutores realizam, desempenhando diferentes funções e tendo em vista a produção de determinados sentidos. Tais estratégias correspondem à organização de informação, referenciação, formulação e “balanceamento” entre explícito e implícito.

As estratégias de organização da informação dizem respeito à distribuição do material linguístico na superfície textual. Fazem parte dessas estratégias a distribuição dado/novo e as estratégias de articulação tema/rema.

A estrutura informacional de um texto exige a presença de elementos dados e elementos novos. Com base na informação dada, se introduz a informação nova, com o objetivo de ampliar os conhecimentos. No entanto, essa questão da distribuição de informação nova/dada já foi explicada anteriormente, pois se liga diretamente às estratégias cognitivas.

Sobre as estratégias de articulação, Koch (2010) explica que cada enunciado divide-se em duas partes – tema e rema. A primeira consiste no segmento sobre o qual recai a predicação trazida pela segunda. Assim, o tema seria comunicativamente estático e o rema seria comunicativamente dinâmico.

Já as estratégias de formulação correspondem aos vários tipos de inserção de informação e reformulação. Como explicado por Koch (2010):

Por meio da inserção, introduzem-se explicações ou justificativas, apresentam-se ilustrações ou exemplificações, fazem-se comentários metaformativos que têm, muitas vezes, a função de melhor organizar o mundo textual. (...) Quanto às estratégias de reformulação, postulamos que podem ser retóricas ou saneadoras. A reformulação retórica realiza-se, basicamente, através de repetições e parafraseamentos cuja função precípua é a de reforçar a argumentação (...). A reformulação saneadora, por sua vez, pode ocorrer sob formas de correções ou reparos, e também de repetições e paráfrases, todas elas com a função de solucionar imediatamente após a verbalização de um segmento, dificuldades nele detectadas (...). (p. 40)

As estratégias de referenciação dizem respeito à ativação e reativação de referentes no texto. Uma vez que consideramos tais estratégias essenciais na construção de sentidos em memes, iremos nos aprofundar na explicação de tais estratégias mais adiante.

Por fim, as estratégias de balanceamento entre explícito e implícito correspondem às relações entre informação textualmente expressa e conhecimentos prévios, pressupostos como partilhados. Elas podem ser estabelecidas por meio de estratégias de “sinalização” textual, tais como situação comunicativa, “scripts” sociais, conhecimentos intertextuais, através das quais o interlocutor é levado a recorrer ao contexto sociocognitivo (KOCH, 2010, p. 42), como já foi explicado anteriormente ao falarmos sobre inferência e intertextualidade. Pode-se perceber que também são estratégias que envolvem o cognitivo.

Parece ter ficado claro que, como Koch (2011) explica, as estratégias textuais não deixam de ser também interacionais e cognitivas. Isso porque, ainda segundo a autora, no momento da interação, em obediência à Máxima da Relevância (Grice, 1975) e com base em seu modelo de interlocutor, o produtor explicita apenas as unidades referenciais e

representações necessárias à compreensão e que não possam ser deduzidas sem esforço pelo interlocutor. Isto quer dizer que não existem textos totalmente explícitos, o produtor faz um “balanceamento” entre o que necessita ser explicitado textualmente e o que pode permanecer implícito, por ser recuperável via inferenciação, o que exige um esforço cognitivo.

Assim, ainda que a escolha dos objetos de discurso a que o texto faz referência e o balanceamento da informação sejam estratégias textuais, o cálculo mental feito para calcular o implícito – por parte do produtor do texto – e desvendar as inferências – por parte do interlocutor – é uma estratégia cognitiva. E tudo isso se dá no curso da interação, levando-se em conta o gênero produzido e os interlocutores, o que faz com que estratégias sociointeracionais também sejam colocadas em prática.

Em nossa tese, como já foi explicado anteriormente, buscaremos analisar as estratégias mobilizadas para a construção de sentidos nos memes que fazem parte de nosso *corpus*. Assim como aconteceu com os tipos de conhecimento, a divisão das estratégias foi feita apenas com fins didáticos e, logo, tal separação não aparecerá em nossa análise. Evidenciaremos as estratégias mobilizadas à medida que elas aparecem, o que irá variar de acordo com o meme analisado.

No entanto, acreditamos que, no processo de construção de sentidos e criação do efeito de humor em memes, as estratégias textuais – que, como já foi dito, acabam por envolver também as cognitivas e interacionais – em especial a intertextualidade e referenciação, desempenharão um papel importante, razão pela qual, em nossa análise, olharemos para ela com especial atenção. Por esse motivo, passaremos agora a uma explicação um pouco mais detalhada desse processo.

2.2.1 A Intertextualidade

A intertextualidade está sendo considerada aqui como uma estratégia textual, porque diz respeito, por parte do produtor do texto, ao balanceamento da informação na materialidade do texto. No entanto, como já foi explicado, ela não deixa de ser, também, uma estratégia cognitiva, uma vez que seu reconhecimento exige inferências e cálculos mentais por parte do interlocutor.

De acordo com Cavalcante et al. (2014), a intertextualidade é um processo em que um texto remete a outro(s), de maneira mais explicitamente marcada ou não. A manifestação desse diálogo entre textos forma o que se chama de *intertexto*. Para Koch e Elias (2007), a “intertextualidade ocorre quando, em um texto, está inserido outro texto (intertexto) anteriormente produzido, que faz parte da memória social de uma coletividade” (p. 92).

A intertextualidade pode ser verificada quando se insere um texto em outro por menções explícitas (caso das citações tipograficamente marcadas e com indicação do autor) ou por indicação de pistas que referem a outro texto, mesmo sem mencioná-lo (caso em que temos a intertextualidade implícita). Como os memes são texto concisos, encontram-se neles, com frequência, exemplos de intertextualidade implícita, mas sem se restringir apenas a esse tipo.

Também é possível reconhecer a intertextualidade quando um texto deriva outro, tomando por base o texto-fonte e operando-lhe modificações de forma e de conteúdo ou imitando o estilo do autor ou o gênero do discurso em que o texto-fonte se enquadra (caso da paródia e *détournement*).

Como afirma Cavalcante (2014), o *détournement* é um tipo leva de paródia que se restringe a textos mais curtos e não chega a transformar um texto completo em outro. Além disso, segundo Koch, Bentes e Cavalcante (2007), ele “o interlocutor a ativar o enunciado original para argumentar a partir dele; ou então ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações ou orientá-lo para outro sentido, diferente do sentido original” (p. 45).

Já a paródia, segundo Cavalcante (2014), acontece quando um texto deriva de outro previamente existente. Trata-se de um recurso bastante criativo que se constrói a partir de um texto fonte retrabalhado – ou seja, há uma *transformação de um texto fonte* – com o intuito de atingir outros propósitos comunicativos, não só humorísticos, mas também críticos, poéticos etc” (p. 155).

Nesses casos, o produtor do texto espera que o leitor seja capaz de estabelecer o “diálogo” proposto entre o meme e o texto implícito nele, além de também perceber o “efeito de sentido provocado pelo deslocamento ou transformação de ‘velhos’ textos e o propósito comunicativo dos novos textos construídos” (KOCH; ELIAS, 2007, p. 95).

Vê-se, assim, que o reconhecimento do intertexto envolve estratégias cognitivas e a ativação de diferentes sistemas de conhecimento. O conhecimento de mundo aparece no reconhecimento do “texto-origem” presente no meme, enquanto o conhecimento sociointeracional surge quando o leitor é capaz de reconhecer o propósito comunicativo daquele meme, como ficará evidente em nossas análises.

No entanto, em trabalho mais recente, Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) sugerem que se subdivida a intertextualidade em duas formas:

- i) **estrita**, dada pela copresença (inserção efetiva de um texto em outro) ou pela transformação/derivação de um texto específico ou de partes dele em

outro texto e ii) **ampla**, dada (...) por uma marcação menos facilmente apreensível (...): por indícios alusivos à forma composicional de um padrão de gênero; ao estilo de um autor deduzido de vários de seus textos; ou a uma temática particular divulgada por diversos textos. O que dá um caráter amplo a essa intertextualidade é o fato de o diálogo não se dar entre textos individuais e de essa ligação acontecer por mecanismos de alusão a traços de composição de gênero, de estilo do autor ou de temas de textos. (p. 12)

No que diz respeito à intertextualidade estrita, as autoras não trazem modificação. Tem-se, nessa subdivisão, as relações de copresença, que são a citação, o parafraseamento e a alusão estrita – que se diferencia das anteriores, porque “a primeira apresenta-se como transcrição exata de um trecho do texto original; a segunda, como repetição de conteúdos do texto-fonte sob uma outra forma de expressão; a terceira, como referência indireta, que se incorpora sutilmente” (p. 14). Além disso, a paráfrase busca manter a semântica do trecho eleito e deve fazer referência ao texto-fonte, enquanto a alusão pode apenas se valer de elementos notadamente intertextuais para remeter a um texto todo.

Ainda dentro da intertextualidade estrita, segundo as autoras, encontramos as relações de derivação, onde entram as paródias – para Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), “todas as transformações humorísticas que se distanciem do texto-fonte” (p. 17) - e a transposição, que ocorre quando acontecer uma transformação que mantenha proximidade do original, sem efeito humorístico.

O último tipo de intertextualidade estrita apontado pelas autoras é a metatextualidade, que se dá quando um texto brota de outro com a finalidade de comentá-lo, caso das resenhas acadêmicas, por exemplo.

A intertextualidade ampla é definida pelas autoras como o diálogo tangível entre um texto e um conjunto de textos. Nela, não é possível atribuir a intertextualidade a um único texto-fonte, pois remete a vários textos que abordam certa temática ou situação. Temos, assim, como exemplo de intertextualidade ampla, casos que textos, ao invés de transformarem um texto específico, imitam o estilo de certos gêneros, ou remetem a uma situação partilhada coletivamente em uma dada cultura.

Essa nova maneira de se olhar para a intertextualidade será muito relevante para nossa pesquisa, uma vez que nos levará a reconhecê-la em memes que possivelmente não chamariam nossa atenção para esse aspecto em particular.

2.2.2 A Referenciação

Referenciação é o processo de introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes que se encadeiam para o desenvolvimento de um tópico em um texto e para a construção da coesão e coerência.

De acordo com Koch e Elias (2007):

Denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial. (p. 123)

As autoras explicam que a referenciação é uma atividade discursiva, uma vez que “as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos em função de um querer-dizer” (p. 124)

Justamente porque a referenciação diz respeito a escolhas do sujeito num processo de interação com outros sujeitos, os referentes, como explicam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), podem ser definidos como “entidades construídas a partir das representações mentais elaboradas pelos sujeitos, sobre as quais recai a significação substancial dos textos/discursos” (p. 154). Assim, eles são construídos a partir de uma negociação entre interlocutores, que envolve um trabalho sociocognitivo. Ainda segundo os autores, quando uma expressão remete a um referente construído no texto, tem-se uma expressão referencial.

No que diz respeito às estratégias de referenciação, temos a ativação, a retomada e a desfocalização. A ativação/introdução ocorre quando um referente ou objeto de discurso não mencionado é introduzido no texto, colocando-o em foco. (KOCH; ELIAS, 2007, p. 125). Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), “o processo de introdução referencial ocorre quando uma entidade for considerada nova no texto e, portanto, não tiver sido engatilhada por nenhuma outra entidade, atributo ou evento.” (p. 155). Para os autores, a introdução de um referente pode acontecer para marcar um ponto de vista. Além disso, os referentes não precisam ser introduzidos por expressões referenciais, pois “qualquer pista verbal ou não verbal pode levar o interlocutor a construir referentes novos no texto.”

Já a retomada se dá quando um objeto já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, fazendo com que ele permaneça em foco. (KOCH; ELIAS, 2007, p. 125). Esse processo é chamado de anáfora. Por último, a desfocalização ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido e o objeto antigo é retirado de foco, permanecendo, entretanto, à disposição para utilização imediata se necessário.

Os referentes podem ser introduzidos de forma ancorada ou não-ancorada. A introdução não-ancorada ocorre quando um objeto totalmente novo é introduzido no texto. A

ativação ancorada se dá quando um novo objeto de discurso é introduzido no texto a partir da associação com elementos já presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo. Incluem-se, nesse tipo de ativação, as anáforas indiretas e as anáforas associativas.

A anáfora indireta é uma estratégia de ativação de referentes novos sem que eles tenham sido claramente apresentados anteriormente no texto. Segundo Marcuschi (2005), a “anáfora indireta é geralmente constituída por expressões nominais definidas, indefinidas e pronomes interpretados referencialmente sem que lhes corresponda um antecedente (ou subsequente) explícito no texto” (p. 53).

É importante salientar aqui que, na anáfora indireta, não ocorre uma retomada de referentes, mas sim uma ativação de novos referentes e que ela ancorados no universo textual.

Um exemplo apresentado pelo autor é: “Essa história começa com uma família que vai a *uma ilha* (...). Quando amanheceu eles foram ver como estava *o barco*, para ir embora (...) (p. 53). Nesse caso, o referente barco surge como se fosse conhecido, ancorado na expressão “uma ilha”.

Já a anáfora associativa introduz um referente novo no texto por meio de relações em que um dos elementos pode ser considerado ingrediente do outro. Esse tipo de anáfora estabelece relações mais óbvias entre os referentes, enquanto a anáfora indireta exige do leitor operações mais sofisticadas de ordem conceitual.

A partir de agora, veremos como se dá a retomada ou manutenção, isto é, como se dá a progressão referencial.

De acordo com Koch (2011), conforme se postulou em Koch e Marcuschi (1998), faz-se necessário estabelecer uma distinção entre categorias como *referir*, *remeter* e *retomar*. Essa definição também é bastante importante para nossa pesquisa, uma vez que trabalharemos com esses termos durante a análise. Segundo a autora:

Referir é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; *remeter* é uma atividade de processamento indicial a co-textualidade; *retomar* é uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. (p. 84)

A retomada é uma estratégia de progressão referencial extremamente importante, uma vez que, como explicam Koch e Elias (2007), é a responsável pela manutenção em foco, no texto, de objetos previamente introduzidos, o que origina as cadeias coesivas, responsáveis pela progressão referencial do texto. As principais estratégias de progressão referencial são o uso de pronomes ou elipses, o uso de expressões nominais indefinidas e o uso de expressões nominais definidas.

Segundo Koch (2011), as expressões nominais introduzidas por um artigo indefinido não são normalmente adequadas para a retomada de referentes já introduzidos no texto. No entanto, elas podem desempenhar essa função em três casos: quando se relaciona a um referente no interior de um conjunto já mencionado (anáfora indireta); quando se nomeiam partes de um referente previamente mencionado (anáfora associativa); ou quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula, isto é, o sentido que aquela expressão irá produzir do que o prosseguimento da cadeia coesiva.

O uso de expressões nominais definidas é o uso de formas linguísticas constituídas de artigo definido ou pronome demonstrativo seguidas de um nome. Sua função é ressaltar as características ou traços do referente de acordo com as intenções do locutor. Dentre elas, podemos destacar as descrições definidas e as nominalizações.

De acordo com Koch (2011), a descrição definida consiste na ativação, dentre os conhecimentos supostamente partilhados com os interlocutores, de características ou traços que o locutor deseja enfatizar. (p. 87). Ainda segundo a autora, “a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor ouvinte informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (p. 88).

Já a nominalização atribui o estatuto de referente ou objeto de discurso a um conjunto de informações que anteriormente não possuíam tal estatuto, assinalando uma mudança de nível e uma condensação de informação. (KOCH, 2011, p. 90). As formas nominais referenciais podem funcionar tanto como anafóricas quanto como catafóricas. As nominalizações, “ao encapsularem as informações-suporte contidas em segmentos precedentes do texto, sintetizam-nas sob a forma de substantivo-predicativo, atribuindo-lhes o estatuto de objetos de discurso.”

Ainda segundo a autora, as escolhas lexicais desempenham papéis importantes nas formas nominais referenciais. Nas nominalizações e também nas rotulações, o nome-núcleo, embora possa ser genérico, é dotado de carga avaliativa. Em outros casos, o produtor escolhe uma metáfora para a recategorização do referente, a fim de realizar uma avaliação que permita estabelecer orientação argumentativa para o texto.

Para ela, as formas nominais referenciais desempenham funções cognitivas muito importantes, visto que, por um lado, possibilitam a (re)ativação, na memória do interlocutor, de elementos anteriormente apresentados no texto e, por outro lado, operam uma recategorização ou refocalização do referente, ou sumarizam e rotulam as informações-suporte, desempenhando, ao mesmo tempo, função predicativa.

A recategorização é, particularmente, uma função muito importante desempenhada pelas nominalizações, visto que, como afirma Lima (2003),

na designação de um referente qualquer, o falante pode deixar de lado a denominação-padrão correspondente ao nível básico da categorização do conceito e fazer as devidas adaptações à expressão, atendendo aos seus objetivos comunicacionais e operando, assim, um processo de recategorização lexical. Esse processo também pode ser visto como uma reapresentação de um objeto de discurso de um modo novo, a partir da qual se pode fazer uma nova predicação de atributo. (p. 59)

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), a recategorização:

é um contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto. As modificações por que passa o objeto referido se revelam em variados índices cotextuais. (...) Em todo texto, o locutor constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicações, disponíveis, em diferentes graus, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação. (p. 156)

Assim, a recategorização se dá através de pistas que vão sendo dadas ao longo do texto, pelo locutor, e fazem com que a imagem do referente que o interlocutor construiu em sua memória vá evoluindo a partir de uma reinterpretação ou refocalização.

Faz-se importante destacar que nem sempre a recategorização remete a um item lexical identificável no texto. Marcuschi e Koch (2002) explicam que “a recategorização acha-se fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação” (p. 46).

Lima (2007 *apud* Custódio Filho, 2011), ao estudar as recategorizações metafóricas, afirma que existem recategorizações nas quais a associação entre o alvo (a expressão explicitada no cotexto) e a fonte (o referente manifesto pela expressão) se processa num nível mais cognitivo que material, o que quer dizer que as transformações pelas quais passa um referente podem acontecer apenas no plano cognitivo.

Por isso, como afirma Koch (2011), ao se estudar referenciação, deve-se levar em conta as funções cognitivas, semânticas, pragmáticas e interativas das diversas formas de expressões nominais, visto que sua função não é apenas referir. Uma vez que são multifuncionais, elas contribuem para elaborar o sentido, mostrando pontos de vista e direções argumentativas e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva. Isso quer dizer que um referente não é dado, mas, sim, construído ao logo da interação, de acordo com as intenções comunicativas de produtor e leitor do texto.

A inserção do plano cognitivo na análise do processo de referenciação se justifica porque, como explica Custódio Filho (2011), os atuais estudos da referenciação, além de entender como as relações entre as expressões referenciais podem ser tratadas sob o viés sociocognitivo-discursivo, buscam investigar como “os referentes, construtos fundamentais para a produção dos sentidos, são elaborados, levando-se em conta que tal construção (...) não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais” (p. 139). Nessa nova perspectiva, o autor vê o processo de referenciação como o:

conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s). (p. 121)

Trata-se, para nós, de uma definição mais abrangente e de acordo com os nossos objetivos de pesquisa, razão pela qual iremos adotá-la em nosso trabalho, uma vez que leva em conta os vários elementos que participam de um texto para a construção de sentidos.

Segundo Custódio Filho (2012), o questionamento que se coloca, nessa nova tendência é “de que maneira vários elementos que participam da configuração textual (materialidade verbal e não verbal, aparato cognitivo, aspectos sociohistoricos e circunstanciais) são acionados para a construção de referentes?” (p. 844).

O autor, ainda, defende a não-linearidade no processo de referenciação. Para ele:

Quando se trata de construir referentes em um texto, o caminho seguido não precisa, necessariamente, obedecer à linearidade do enunciado, ou seja, não precisa, apenas, reconhecer as relações entre um antecedente e seus diversos anafóricos, na ordem em que aparecem. O trabalho interpretativo é muito mais difuso, feito de idas e vindas, de maneira que tanto o enunciador quanto os interlocutores (sabedores de que é assim que as coisas são) articulam suas ações via texto com base nesse parâmetro. (p. 153)

Assim, segundo o autor, a ação de construir referentes é um processo textual-discursivo, passível de ser efetivado pelas idas e vindas do interlocutor no (con)texto, e a abordagem não linear garante um trabalho interpretativo mais eficaz que “só é possível porque os participantes da interação via texto – enunciador(es) e interlocutor(es) –, sabedores das reais complexidades envolvidas na compreensão textual, se dispõem a usar, de forma estratégica, os recursos à sua disposição” (p. 154) Mais uma vez, portanto, percebemos enunciador e interlocutor atuando como estrategistas no processo de construção de sentidos de um texto.

Essa perspectiva, segundo o autor, não busca compreender como os diversos elementos responsáveis pela produção de sentidos no texto configuram uma determinada expressão referencial, mas, sim, explicar como um referente, enquanto construção dinâmica, pode surgir a partir da integração desses elementos. Trata-se, portanto, de se levar em conta o aparato cognitivo na apreensão de sentidos e – no caso dos memes – do humor.

Seguindo esse novo tratamento dado à referenciação, Lima (2009) caracteriza o processo de recategorização da seguinte forma:

i) A recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência de (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais. (p. 57)

Isso significa que a recategorização nem sempre apresentará pistas lexicais e pode ser realizada no nível cognitivo. É o que Custódio Filho (2011) chama de recategorização sem menção referencial. Para explicá-la, o autor faz uma distinção entre tal processo e a anáfora indireta, que iremos apresentar aqui, pois, certamente, auxiliará nas análises a serem realizadas.

Segundo o autor, nas anáforas indiretas o (con)texto vem estabelecendo um determinado conjunto de propriedades relevantes que permitem a manifestação de uma entidade “nova” como conhecida, assim, surge uma expressão que designa essa entidade, como foi mostrado no exemplo de Marcuschi (2005). Isso é verdadeiro tanto para uma anáfora indireta quanto para a associativa.

Por outro lado, existem estratégias referenciais de natureza distinta, em que as recategorizações sugeridas não aparecem no texto sob a forma de expressões referenciais, mas são bastante previsíveis e absolutamente necessárias para a compreensão dos propósitos discursivos dos enunciadores. “Podemos dizer que elas continuam a expressar o fenômeno de construção da referência, contudo, em uma direção diferente da manifestada pelo procedimento anafórico indireto.” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 171). São os casos em que a atividade referencial é passível de ocorrer sem que haja um sintagma nominal específico para isso. Custódio Filho (2005) chama essa estratégia de *recategorização sem menção referencial*. Um exemplo dessa estratégia pode ser encontrado em:

– Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?

- Eu era funcionário público!
- OK! O senhor pode contar até dez?
- É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás. (50 piadas, de Donald Buchweitz.)

Em primeiro lugar é importante reforçar que, nesse exemplo, o referente “entrevista de emprego” (cuja depreensão é essencial para que se perceba o humor do texto) é construído sem que haja uma menção a ele. Trata-se de um referente altamente saliente, embora não se manifeste explicitamente. Isso já evidencia os cálculos mentais necessários no processo de referenciação.

Mas, ainda no mesmo exemplo, notamos um exemplo de recategorização sem menção referencial. Como explica Custódio Filho (2012), não se pode afirmar que as expressões “o senhor”, “eu” e “funcionário público”, utilizadas para se referir ao candidato entrevistado, dão conta da construção do referente. Há uma recategorização para que ele seja considerado pelo interlocutor como “preguiçoso”, que é resultado não apenas de uma cadeia coesiva relacionada ao candidato entrevistado, mas que “emerge da integração de porções diferentes do cotexto, em conjunção com o aparato cognitivo ativado para a depreensão do humor” (p. 849). Percebe-se, assim, no exemplo, a recategorização sem menção anafórica, pois o referente é manifestado no texto por uma expressão nominal sem que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que pode participar.

Vê-se, portanto, que a construção do sentido é resultado da integração de múltiplos fatores (linguísticos e extralinguísticos) e que, em casos como esse, é necessário explicar “como a recategorização, enquanto construção dinâmica, pode surgir a partir da integração desses elementos” (p. 849).

Outro exemplo apresentado por Custódio Filho (2011) é:

- Um amigo conta pro outro:
- Minha sogra caiu do céu!
- Ela é maneira assim mesmo?
- Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa.

Para ele, a recategorização de sogra em bruxa ocorre sem manifestação da expressão na materialidade textual. Ela se estabelece a partir de relações inferenciais complexas, mas o final do processo de recategorização implícita não recai sobre uma expressão.

Em ambos os exemplos, é necessário que o interlocutor leve em consideração porções do cotexto, ao mesmo tempo em que ative seu aparato cognitivo, para depreensão do humor.

Acreditamos que, ao analisar memes, será possível nos depararmos com recategorizações sem menção referencial como a apresentada acima, mas ainda com o

diferencial de que, por estarmos trabalhando com textos multimodais, imagens participarão desse processo, deixando também pistas para a construção de sentido. Assim é que pretendemos discutir, quando nos depararmos com uma recategorização, os diferentes traços recategorizadores que podem ser atribuídos aos referentes.

Em casos como esses, como explica Custódio Filho (2012), deve-se levar em conta que o “aparato extratextual necessário para a produção dos referentes (e, conseqüentemente, dos sentidos) não se limita à identificação de associações entre a materialidade textual e os conhecidos esquema (socio)cognitivos. É necessário ter em mente que as operações textuais para construção de referência são específicas de cada interação.

Assim, é possível concluir, como explicam Cavalcante et al. (2014), que “a construção referencial se dá por meio de outros substratos, além das expressões utilizadas para que se identifique um dado referente” (p. 44). Tal construção, como afirmam os autores, nem mesmo chega a depender exclusivamente de sintagmas nominais. Muitas vezes, ela se dá a partir de predicções que aparecem ao longo do texto.

Na mesma direção, Carmelino (2015) afirma que é possível se ampliar o escopo da referenciação considerando não apenas as expressões especificamente referenciais (“aquelas que identificam ou designam um objeto de discurso”), mas também as expressões referenciais atributivas. Segundo a autora, “as expressões nominais atributivas incorporam os complementos predicativos codificados por formas nominais (predicativo do sujeito ou do objeto) e por apostos” (p. 97), atribuindo predicados a um objeto de discurso já instituído.

Sobre isso, Roncarati e Neves da Silva (2006) afirmam:

Há que se considerar a função de expressões atributivas no processo da construção da referência e de seu sentido, uma vez que a referência constitui o próprio objeto de discurso e este, por sua vez, é construído no interior do texto. Portanto, parece pertinente que sua constituição deve levar em conta também os atributos de sua predicção que lhe são remetidos. (p. 324)

Acreditamos que tais expressões atributivas não necessariamente aparecerão na materialidade textual, mas podem ser depreendidas a partir do contexto de produção e de operações cognitivas, como se pode ver a seguir. Além disso, como afirma Neves da Silva (2002), elas podem gerar evoluções referenciais, recategorizações e reorientações discursivas e argumentativas.

Essas novas reflexões surgem para complementar a abordagem mais tradicional da referenciação. Para Custódio Filho (2011), elas fortalecem o paradigma pragmático-cognitivo-discursivo sobre a linguagem. Escolhemos apresentá-las em nosso trabalho, pois, certamente,

contribuirão para as análises de memes que pretendemos realizar, visto que acreditamos que, nesses textos, muitas vezes, os referentes não surgem de maneira ancorada, mas são depreendidos a partir de processos cognitivos

É pela importância da referenciação no processo de elaboração de sentido em um texto que dedicamos um olhar especial a ela ao analisarmos memes. Dentro da nova perspectiva de estudos da referenciação, apontada por Custódio Filho (2011) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), esta passa ser considerada não apenas uma estratégia textual de construção de sentidos, mas também cognitiva, uma vez que leva em conta os conhecimentos ativados pelos interlocutores, o que é extremamente relevante para nosso trabalho.

2.2.2.1 A Referenciação e a multimodalidade

Para Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), multimodalidade é uma “característica dos textos cujos significados são realizados por meio de mais de um código semiótico. O texto é multimodal sempre que, para a configuração dos sentidos, houver o entrecruzamento de linguagens – verbal (oral e/ou escrita), visual, sonora” (p. 152). Logo, o meme é um texto multimodal.

Como já evidenciamos anteriormente, ao apresentarmos a definição de texto adotada para este trabalho, acreditamos que o não verbal tem grande importância no processo de construção de sentidos em um texto, especialmente em textos multimodais como os memes. Por isso, pensamos que a imagem, em muitos memes, será essencial para a construção do efeito de humor, visto que ora instaura um objeto de discurso que é recategorizado pelo texto verbal, ora recategoriza um objeto instaurado pelo texto escrito.

De acordo com Ramos (2011):

Os signos visuais podem compor objetos do discurso, a exemplo do que ocorre nas produções escritas. Tais objetos são construídos no processo sociointerativo com o intuito de fazer referência a informações surgidas no bojo do próprio texto. À medida que a produção oral ou escrita avança, ocorre o mesmo com os objetos, sendo recuperados ou modificados anaforicamente ou servindo de base para o surgimento de outros referentes. (p. 146)

Ratificando a hipótese apresentada nesta tese, Lima (2017) afirma que os referentes podem ser homologados pela imagem. Para a autora:

A imagem, além de introduzir um referente, tanto pode homologar sua recategorização, quanto evocar a sua reconstrução ancorada no plano cognitivo-discursivo. Desse modo, nos textos multimodais, é possível a ocorrência do processo de recategorização homologado por signos verbais,

por signos não-verbais ou numa relação de interdependência entre signos verbais e não verbais. (p. 104)

Tal afirmação apresentada pela autora nesse recente artigo nos leva a crer que, de fato, os memes devem ser estudados considerando-se a imagem como um objeto de discurso.

No entanto, Custódio Filho (2011) explica que ainda falta, na Linguística Textual, um aparato teórico que dê conta do caráter multimodal a que podem se submeter estratégias textual-discursivas, especialmente no que diz respeito à referenciação, visto que a consideração de aspectos multimodais pode desestabilizar o que se tem estudado sobre o assunto. Ainda segundo o autor:

A concepção sociointeracionista de texto, que o define como um objeto constitutivamente multifacetado, impele à consideração e à análise de situações nas quais o verbal não é exclusivo ou predominante. Consideramos, então, que os avanços nas conceituações não devem se limitar a reconhecer que o texto vai além do material; trata-se, também, de assumir que esse material pode ser construído a partir de diferentes produtos, os quais participam da dinâmica textual-discursiva, muitas vezes, da mesma forma que os recursos verbais. (p. 99)

O autor lança a pergunta “se há uma construção referencial que prescinde do verbal, que outros elementos contribuem para ela?” (p. 150) e explica que essa parte que prescinde o verbal no processo pode ser entendida como o aparato de conhecimentos prévios (assentados sociocognitivamente) ativados para a produção e a compreensão textuais. E é também a partir desse conteúdo não verbal que podem surgir os referentes sem menção referencial.

Assim é que, seguindo o autor, em nosso trabalho, assumimos o meme como um texto multifacetado, em que a imagem não apenas complementa o verbal, mas é parte essencial do processo de construção de sentidos e pode ajudar, muitas vezes, na construção de referentes sem menção referencial, como defende Cavalcante (2011).

Por isso, faz-se necessário realizar análises que levem em consideração, de fato, a imagem na produção dos sentidos. Custódio Filho (2011) propõe uma análise que integre os diversos fatores participantes da construção dos referentes, dentre eles, a imagem, que será apresentada a seguir, já que será útil no caminho que pretendemos percorrer em nossa tese.

O autor explica que a multimodalidade diz respeito não apenas à caracterização de gêneros textuais, como vem sendo feito nas investigações dentro do campo da Linguística Textual, mas também – e principalmente – a outros aspectos que fazem parte da interação pela linguagem, dentre eles, a referenciação.

Isso equivale a deixar de considerar que os recursos não verbais compreendem o entorno paraverbal e passar a encará-los “como parte da materialidade manifesta na superfície

textual, pertencente, portanto, ao cotexto” (p. 176), visto que os elementos se mostram integrados na materialidade do texto de forma que, a partir deles, os interlocutores possam construir sentidos.

Por essa razão, Custódio Filho opta por enfatizar “o papel dos recursos multimodais como ferramentas utilizadas pelo enunciador na concretização de seu projeto discursivo, para o que é necessário estabelecer certos caminhos de interpretação dos referentes” (p. 176), via de análise também escolhida por nós.

O autor explica que considerar a multimodalidade no processo de referenciação trata não apenas de considerar o papel da imagem na construção de anáforas, mas compreender que ela participa do processo de formas múltiplas.

Segundo ele, até o momento, foram apresentadas diferentes formas de se abordar a relação imagem/texto, mas nenhuma delas pode ser considerada satisfatória para o trabalho que pretende desenvolver.

Para o autor, a Gramática do Design Visual não pode ser adotada dentro da perspectiva sociointeracional da Linguística Textual, pois não leva em conta o papel da imagem na tessitura textual, por apenas buscar reconhecer as regularidades sintáticas das imagens e sistematizá-las em certos subtipos recorrentes. Já a abordagem semiótica da matriz visual, apresentada por Santaella (2005), é insuficiente, porque só pretende descrever os signos visuais, desconsiderando a interação. Para Custódio Filho (2011), ambas as propostas deixam de lado “a compreensão dinâmica da imagem, que só é realmente significada na interação, em relação a todos os outros elementos cotextuais e a todos os princípios textual-discursivos regentes do contexto sociocognitivo mais amplo” (p. 184).

Assim é que, dentro do arcabouço sociocognitivista determinado como pilar para a análise proposta pelo autor, ele pressupõe que imagem e verbal possam realizar as mesmas funções no que diz respeito ao tratamento da referência, ainda que cada modo semiótico apresente diferenças estruturais. Por isso, o autor considera como elementos analisáveis o conteúdo verbal, que inclui a expressão referencial, mas não se limita a ela, e o conteúdo imagético. Considera, ainda, que as relações entre as duas semioses devem ser observadas com vistas a reconhecer seu papel na apresentação e transformação dos referentes.

Por fim, considerando os novos estudos da referenciação, Custódio Filho (2011) propõe os seguintes caminhos para análise, que serão também adotados em nossa pesquisa:

- 1) a construção de referência, no que diz respeito aos elementos do cotexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto na natureza quanto na extensão) da materialidade verbal;
- 2) todos os modos semióticos de um texto, por fazerem parte de sua materialidade, são substrato para a

elaboração de objetos de discurso; 3) o estabelecimento e a transformação de referentes podem se dar sem a menção referencial cotextual; 4) a recategorização referencial é um processo eminentemente discursivo, não linear; 5) o processo de construção e transformação dos referentes demanda operações cognitivas de reelaboração do conteúdo textual com vistas a organizar as recategorizações em etapas funcionais; 6) a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos. (p. 181)

Tais caminhos resumem a abordagem adotada pelo autor, pois mostram que, para os estudos da referenciação, é necessário levar em conta não apenas o verbal, mas todos os modos semióticos de um texto. Além disso, dão destaque às operações cognitivas realizadas durante o processo de referenciação.

Uma vez que optamos por seguir os passos de Custódio Filho, levaremos em conta essas questões em nossas análises, não apenas ao refletir sobre a maneira como se dá a referenciação em memes, mas ao pensarmos em todas as estratégias colocadas em prática para a construção de sentidos nesses textos.

Além disso, se a multimodalidade é parte constitutiva deste trabalho e se vamos levar em conta as imagens e a relação entre verbal e não-verbal no processo de construção de sentidos dos memes, faz-se importante, também, olhar para a maneira como essa relação se dá.

McCloud (1995), ao analisar a linguagem da história em quadrinhos, apresenta cinco formas de relação entre palavra e imagem:

- Específica: que pode ser de palavras, em que as imagens pouco acrescentam ao texto verbal; de imagem, em que o texto apenas representa a imagem, isto é, não acrescenta muito a ela; e duo-específico, em que palavras e imagens transmitem a mesma mensagem
- Aditiva: o texto verbal amplia o significado da imagem
- Paralela: texto verbal e imagem seguem cursos diferentes
- Montagem: o texto verbal é parte integrante da imagem
- Interdependente: texto e imagem não podem transmitir a ideia separadamente

Ainda, olhando especificamente para as imagens dos memes, constatamos que, diversas vezes, temos a figura de uma pessoa neles. Por essa razão, consideramos importante, também, olhar para a linguagem transmitida por ela.

Guiraud (1991) afirma que “falamos com o corpo e nosso corpo fala” (p. 5). Assim, divide a linguagem do corpo em três campos: cinésica (gestos e mímicas); proxêmica (a

posição do corpo na situação comunicativa) e a prosódica (entonações e variações de voz que exprimem os sentimentos e intenções dos interlocutores).

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), as conversações exploram diferentes recursos semióticos para se construir. Assim, temos o material verbal, que são as unidades que derivam da língua, o material paraverbal, que são as entonações, pausas, intensidade articulatória, elocução, e o material não verbal, que engloba os signos estáticos (tudo que constitui a aparência física dos participantes) e são os responsáveis por fornecer índices de contextualização à interação, os cinéticos lentos (distâncias, atitudes, posturas) e os cinéticos rápidos (jogos dos olhares, das mímicas, dos gestos).

Ainda segundo a autora, os dados paraverbais e não-verbais são indicadores do estado afetivo dos participantes, pois as entonações, os olhares, as mímicas e a voz são “vetores privilegiados para a expressão das emoções” (p. 41).

Todas essas categorias de análise de imagem e relação entre verbal e não-verbal serão levadas em conta em nossa pesquisa.

2.3 O efeito de humor

Propp (1992) afirma que há estudiosos que acreditam que o riso surge da contradição, da contraposição entre ideal e real, entre elevado e rebaixado, porém, para ele, essas contraposições não explicam a comicidade. A contraposição não estaria nem no sujeito que é objeto do riso, nem naquele que ri. Mas o autor acredita que há uma, sim, contraposição baseada em duas condições para explicar a comicidade. A primeira condição decorre do fato de que “quem ri tem algumas concepções do que considera justo, moral, correto” (p. 173). A segunda condição “é observar que no mundo a nossa volta existe algo que contradiz esse sentido do certo que está dentro de nós e não lhe corresponde. Em poucas palavras, o riso nasce da observação de alguns defeitos no mundo em que o homem vive e atua.” (p. 174). Assim, para o autor, a contradição entre esses dois princípios é o alicerce para o nascimento da comicidade e o riso que ela produz.

Logo, de acordo com Propp (1992), os defeitos estão na base do riso. E é por essa razão que ele opta por separar o riso em riso bom e riso mau. O riso mau é aquele mais frequente, pois carrega a zombaria suscitada por alguns defeitos daquilo ou de quem se ri. No entanto, o riso também pode ocorrer não por repulsão, mas por uma avaliação positiva e aprovação. Esse é o riso bom. Dentro dessa separação, ao longo de sua obra, Propp (1992) apresenta alguns tipos de riso, que serão válidos para nossas análises. Dentre os risos maus,

temos o principal riso: o de zombaria, que nasce do desmascaramento de defeitos da vida interior, espiritual do homem. Para o autor:

Em muitos casos os defeitos são visíveis por si só e não têm necessidade de ser desmascarados. (...) Na maioria dos casos, porém, não é isso que acontece. Os defeitos estão escondidos e precisam ser desmascarados. A arte ou o talento do cômico, do humorista e do satírico estão justamente em mostrar o objeto do riso em seu aspecto externo, de modo a revelar sua insuficiência interior ou sua inconsistência. O riso é suscitado por certa dedução inconsciente que parte do visível para chegar ao que se esconde atrás desta aparência. (p. 175)

Outro riso mau é o riso cínico, um riso individual, que estabelece a inferioridade humana e consequentemente social de quem se torna objeto do riso.

Já o riso bom é aquele provocado por defeitos irrelevantes. Nessa categoria, encontra-se, também, o riso de alegria, que representa uma vitória das forças vitais e da alegria de viver.

Em alguns momentos de nossa análise, será relevante apresentar o tipo de riso apresentado nas imagens, razão pela qual escolhemos apresentar brevemente as considerações de Propp (1992). No entanto, não será nosso foco discutir aprofundadamente os defeitos desmascarados por cada meme, pois isso foge ao nosso objetivo de análise linguística.

De toda forma, parece-nos que a ideia de contraposição, assim como evidencia Propp (1992) está, de fato, na base de diversos estudos sobre humor. Ramos (2011) apresenta algumas teorias criadas para explicar o humor em piadas, tais como a Teoria da Incongruência e a Teoria dos Scripts. A segunda é uma evolução da primeira, mas ambas têm em comum o fato de que se espera que uma piada apresente dois scripts compatíveis com o texto e, em algum momento, um gatilho evidenciará a oposição entre ambos.

Gil (1991 *apud* Ramos 2011) fala sobre a surpresa narrativa das piadas e afirma que a “comichidade surge da passagem do sério para o jocoso, que se sobrepõe à leitura séria no processo de formação do sentido.” (RAMOS, 2011, p. 51).

Com isso, Ramos (2011) afirma que o desfecho surpreendente, em uma piada, é “evidenciado pela presença de um elemento-chave, que permite a passagem de uma leitura “séria” para outra, “não séria” ou jocosa. Em geral, essa passagem se dá no fim da narrativa.” (p. 52).

Aqui, gostaríamos de chamar a atenção para um trecho importante da afirmação do autor: o fato de que a passagem da leitura séria para a jocosa, em uma piada, se dá “no fim da narrativa”. Acreditamos que aí resida a principal diferença entre o humor de uma piada e de

um meme: o meme, diferentemente da piada, não é uma narrativa. Não há desfecho em um meme, pois ele não conta uma história. Assim, torna-se impossível buscar o “desfecho surpreendente”, discutido por tantos autores da área.

No entanto, acreditamos que é, sim, possível buscar o gatilho responsável por deflagar o efeito de um humor em um meme e é a isso que dedicaremos nosso trabalho.

Quando afirmamos, em nosso trabalho, que buscaremos evidenciar o efeito de humor, o que queremos dizer é que procuraremos descrever os “elementos-chave” que desencadeiam o riso. No entanto, há de se considerar que o efeito de humor está totalmente atrelado à construção de sentidos, uma vez que, se o leitor do meme não compreende o mecanismo que deveria desencadear o riso, ele não será capaz de construir sentido para o meme e não compreenderá seu humor. Assim, o que pretendemos, em nossas análises, é, após evidenciar como se deu o processo de construção de sentidos, apenas deixar claro o que foi o responsável, naquele meme específico, por provocar o riso. Percebe-se, com isso, que o efeito de humor é secundário, pois ele está atrelado às estratégias analisadas e apenas comprova que o leitor foi capaz de compreender o meme.

Esse riso pode se dar pelos processos de referência, pelas relações entre texto verbal e não-verbal, entre outros gatilhos, como veremos mais adiante, bem como por alguns mecanismos linguísticos, como discute Possenti (1998).

Possenti (1998) afirma que a linguística deve servir para análise de diversos tipos de manifestação da linguagem e, “eventualmente, algumas áreas da linguística podem fornecer instrumentos melhores para clarear determinados aspectos da linguagem da criança, do afásico, do humor, de certo tipo de texto literários etc.” (p. 21). Assim, discutir sintaxe, morfologia, fonologia etc em textos humorísticos pode ser muito enriquecedor, visto que se poderá analisar as características textuais, verbais, que desencadeiam o riso.

Para o autor, os mecanismos responsáveis pelo humor são fonologia, morfologia, léxico, dêixis, sintaxe, pressuposição, inferência, conhecimento prévio, variação linguística e tradução. Explicaremos cada um deles nos utilizando dos exemplos e explicações do autor.

Na piada: “ – Sabe o que o passarinho disse pra passarinha? – Não. – Qué danoninho?”, a fonologia é responsável pelo efeito de humor. Segundo Possenti (1998), o que gera humor no texto é “a possibilidade de duas leituras da sequência ‘danoninho’, que pode ser lida como uma só palavra, significando um pote pequeno de danone (Danoninho), ou, alternativamente, como ‘que(r)da(r) no ninho’, ou seja, como uma cantada que o passarinho passa na passarinha” (p. 28).

No entanto, para o autor, é muito difícil tratar de piadas morfológicas sem incluir a questão da fonologia. Com isso, a piada acima também pode ser considerada morfológica, uma vez que também se deve levar em consideração, para o efeito de humor, a divisão de palavras. “Bastaria pôr em primeiro plano a formação de uma das sequências (danone+inho) ao lado da outra (da(r)+no+ninho), para que isso fique evidente” (p. 30).

O léxico também pode ser responsável pelo efeito de humor em uma piada. Em “Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena. Quando passaram por um café, disse: – Vamos entrar e tomar alguma coisa? Seu amigo o conteve: – Mas, Herr Hofrat, o lugar está cheio de gente!”, temos um exemplo desse tipo. O humor, nesse caso, envolve o duplo sentido da palavra “tomar”, que pode significar beber e apossar-se de. Ainda, como explica Possenti (1998), esse texto veicula seu discurso indiretamente, à medida que, de alguma maneira, significa ‘os banqueiros são ladrões’ (p. 31).

A dêixis como responsável pelo humor aparece na piada “Duas ‘cobras’ olhando o céu, numa noite estrelada: – Como nós somos insignificantes! – Você e quem?” (L.F.Veríssimo). Nesse caso, como explica Possenti, “as diferenças entre eu+você e eu+outros da minha espécie – como sentidos possíveis de ‘nós’ – podem dar o que falar, isto é, podem ser fonte de equívoco.” (p. 32), o que gera o efeito de humor nesse caso.

Em “– Sua mãe tá aí. Você não vai receber? – Receber por quê? Por acaso ela me deve alguma coisa?”, encontramos a sintaxe como mecanismo para o efeito de humor, pois é possível recuperar dois complementos para o verbo receber. “Na primeira sequência, lemos o texto como se ele significasse sem dúvida ‘você não vai receber sua mãe?’”(p. 32), na segunda sequência, percebemos que o verbo receber pode ter dois sentidos e, assim, vemos que, nela, “o complemento possível é algo do campo dos bens (dinheiro ou objetos que a mãe entregaria/devolveria ao filho)” (p. 32).

A piada “– Preciso de um emprego. Tenho 15 filhos. – E o que mais o senhor sabe fazer?” é baseada na pressuposição. “Segundo este texto, fazer filhos passa a fazer parte das habilidades que poderiam, supostamente, constar no currículo de quem procura emprego” (p. 33) e o que nos leva a depreender isso é a pressuposição introduzida pela partícula “mais”.

Há ainda piadas cujo mecanismo linguístico responsável pelo humor é a inferência. Em “Diálogo entre Hagar e Eddie Sortudo, personagens de uma tira: Eddie pergunta: - Hagar, o que significa a expressão ‘Os opostos se atraem’? Hagar responde: – Significa que você vai se casar com uma mulher bonita, inteligente e de grande personalidade.”, o leitor “deve fazer o trabalho de concluir o que Hagar pensa (ou sabe) a respeito de Eddie (...). Isto é, a partir da

interpretação de ‘oposto’ e de ‘vai casar’, conclui-se que Eddie é o oposto de *casado*, de *bonito*, de *inteligente* e de *grande personalidade*” (p. 33).

Também o conhecimento prévio é um mecanismo bastante utilizado em piadas. Em “Acharam o Ulysses. Estava no mato procurando amora/a Mora.”, é necessário que se tenha conhecimentos prévios a respeito do acidente no qual desapareceram no mar Ulysses Guimarães, sua esposa e um casal de amigos. Além disso, é necessário saber que o nome da esposa de Ulysses Guimarães era Mora.

A variação linguística aparece na piada: “Domingo à tarde, o político vê um programa de televisão. Um assessor passa por ele e pergunta: – Firme? O político responde: – Não. Sírvio Santos.”. “Esta piada exige uma análise da sequência ‘firme’ que descubra nela dois sentidos: num funciona como cumprimento informal (...); noutro, funciona como variante popular de ‘filme’ - caso em que a pergunta significa: ‘o que o senhor está vendo é um filme?’” (p. 34).

Há piadas em que o humor depende estritamente do sentido das palavras em determinada língua. Nesse caso, o efeito de humor se perde na tradução. Um exemplo seria a piada “There was once a cannibal who decided to join the police. When he was begin interviewed, the inspectors asked him why he wanted to be a policeman. – I want to grill all the suspects, he said.”. “Grill significa tanto interrogar quanto grelhar. (...) O verbo grill veicula os dois sentidos simultaneamente. É o que faz a resposta do candidato a policial ser engraçada” (p. 36).

Possenti (1998) defende que as piadas são bons exemplos para explicitar princípios de análise linguística, além de fornecerem excelentes argumentos para várias teses ligadas às teorias textuais e discursivas. Ainda para o autor “Para quem quer defender a hipótese de que o leitor é um elemento crucial no processo da leitura, as piadas fornecem argumentos dos mais poderosos” (p. 39).

No entanto, memes são diferentes de piadas e, por essa razão, uma vez que eles aliam texto verbal e não-verbal, nem sempre será possível reconhecer uma palavra ou expressão que foi a responsável pelo efeito de humor. Logo, muitas vezes, os mecanismos linguísticos, tal como discutido por Possenti (1998), não serão suficientes para explicar o efeito de humor. Assim, julgamos que será necessário recorrermos à descrição das estratégias de processamento textual para discutir “como” se constrói o sentido e, conseqüentemente, chega-se ao efeito de humor, nos memes.

Além disso, discutiremos também, os objetivos do humor em cada meme apresentado. Travaglia (1989) estabeleceu seis categorias de análise para o humor: humor quanto à forma

de composição (descritivo, narrativo e dissertativo); objetivo do humor (riso pelo riso, liberação, crítica social, denúncia); humor quanto ao grau de polidez (humor de salão, médio e sujo); humor quanto ao assunto (negro, sexual, social e étnico); humor quanto ao código (verbal ou linguístico e não verbal); o que provoca o riso (scripts- estupidez, esperteza, absurdo, ridículo, mesquinhez - e mecanismos – cumplicidade, ironia, mistura de lugares sociais, ambiguidade, estereótipos, contradição, sugestão, descontinuidade de tópico, paródia, jogo de palavras, quebra-língua, exagero, desrespeito a regras conversacionais, observações metalinguísticas, violação de normas sociais.)

Dentre as categorias elencadas por Travaglia, interessa-nos destacar aqui os objetivos de humor, que evidenciaremos ao apresentarmos cada meme, embora devamos deixar claro que muitos elementos das outras categorias também serão discutidos em nossas análises. De acordo com Travaglia (1989) há quatro subcategorias para os objetivos do humor. Na categoria riso pelo riso “o objetivo do humor seria única e exclusivamente divertir, fazer rir” (p. 49). Em liberação, evidencia-se “um caráter sociopsicológico uma vez que através do humor se rompa a proibição e a censura imposta ao indivíduo ou a grupos” (p. 50). Já a crítica social, que pode ser “política, de costumes, instituições, serviços, caracter ou tipo humano e governo” (p. 50), é “um dos objetivos básicos do humor”. Para o autor, este tipo de humor, “desejando a modificação da sociedade, quase sempre mostra o absurdo e o ridículo de muitos comportamentos do homem, para que este veja a necessidade de romper com a estrutura social vigente.” (p. 50). Por último, temos a denúncia, que se diferencia da crítica social por alguns detalhes. Segundo Travaglia (1989):

A crítica se dirige normalmente aos comportamentos explícitos, admitidos e mesmo incentivados, pela sociedade. Muitos comportamentos não são admitidos pelas normas sociais explícitas, mas são praticados de acordo com um outro código que afronta o primeiro e se mantém graças à dissimulação, à hipocrisia e à convivência social de todos (como no caso da corrupção, desvios institucionais). Nestes casos, a crítica toma a forma de denúncia porque além de mostrar o negativo que marca o comportamento é preciso mostrar que ele existe. (p. 50)

Tudo indica que, em nosso *corpus*, temos representantes desses quatro objetivos do humor e, em virtude disso, julgamos que essa também é uma categoria de análise importante para nossa pesquisa.

3 OS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Antes de iniciarmos nossa análise, é imprescindível explicarmos a forma como foram agrupados os memes para fins de análise e apresentarmos as categorias analíticas desta pesquisa. Além disso, devemos também apresentar o contexto de produção do *corpus* selecionado para pesquisa.

3.1 O agrupamento de memes

Para nossa pesquisa, coletamos, entre os anos de 2015 e 2016, memes que tiveram grande repercussão no país. Em seguida, indo ao encontro da definição de meme estabelecida por Shifman (2014), segundo a qual memes são “um grupo de itens digitais que compartilham características comuns como conteúdo, forma e posicionamento” (p. 141), separamos os memes selecionados de acordo com aquilo que compartilham.

Uma vez que, como já foi explicado anteriormente, a definição de Shifman para memes parece ecoar a definição de Bakhtin (2003) para gêneros do discurso, apresentados pelo autor como tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo, escolhemos esses três aspectos apresentados pelo autor para agrupar nossos memes.²⁶

Como já deve ter ficado claro no capítulo 1, meme não é um texto apenas, individual, isolado, mas complexos informacionais, grupos de textos que só significam em conjunto. Por isso, selecionamos três coletâneas de memes, que compartilham conteúdo temático, outras três que compartilham construção composicional e, por último, mais três que compartilham estilo. Faz-se importante dizer que o aspecto que escolhemos apontar como compartilhado é aquele que mais se destaca para o agrupamento, o que não significa que um meme que está dentro de um agrupamento que compartilhe forma, por exemplo, não possa, também, compartilhar conteúdo com outros memes. Cada uma das três coletâneas é composta por cinco memes prototípicos, totalizando quinze memes em cada agrupamento. Com isso, analisaremos quarenta e cinco memes em nossa pesquisa. A escolha de tais números se deve ao fato de essa quantidade de textos nos parecer razoável para encontrarmos semelhanças e disparidades entre eles e podermos discutir nossos resultados com certo embasamento.

²⁶ Faz-se importante esclarecer, neste momento, que os estudos de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso vão muito além da análise fragmentada de conteúdo temático, construção composicional e estilo. No entanto, em nossa pesquisa, optamos por tal fragmentação apenas para fins metodológicos, levando em consideração o eco de Bakhtin na obra de Shifman, quando esta busca definir memes. Assim, é preciso considerar que não é nosso objetivo analisar os memes como gêneros do discurso, o que implicaria, obviamente, uma análise muito mais aprofundada que levasse em consideração diversos outros aspectos abordados por pelo autor e que não são mencionados em nosso trabalho.

Para nossa análise, agruparemos memes de acordo com a dimensão que é imitada, de modo que, embora façamos tal agrupamento seguindo a definição de Bakhtin (2003) para gêneros do discurso, levamos em conta, também, a definição apresentada por Shifman (2014) para memes da Internet. Isso porque, uma vez que o meme pode ser considerado um gênero do discurso, todos eles, a princípio, teriam conteúdos temáticos, construções composicionais e estilos parecidos, afinal, é dessa forma que se caracteriza um gênero e é por isso que podemos considerá-los como tal. Por isso, não podemos apenas buscar a semelhança em cada uma dessas dimensões, temos que buscar a imitação.

Assim, embora, como explica Fiorin (2006), Bakhtin caracterize o conteúdo temático como o “domínio de sentido de que se ocupa o gênero” (p. 62), em nossa análise, entenderemos conteúdo temático não apenas como domínio de sentido, mas como o tema específico abordado no meme, caso contrário, seria difícil agrupá-los, pois todos estão no mesmo domínio de sentido: entretenimento. Essa especificação para tal agrupamento também se baseia em Shifman (2014), que define conteúdo do meme como as ideias e ideologias nele expressas. Por isso, o primeiro agrupamento será de acordo com o tema específico que cada um dos 3 grupos compartilha.

Para Bakhtin (2003), construção composicional é a forma do gênero. Entretanto, todos os memes selecionados para nosso trabalho têm a mesma construção composicional: imagem acompanhada de legenda. Shifman (2014), ao analisar a forma dos memes de sua pesquisa, também atenta para a repetição de uma figura ou de um enquadramento específico. Com isso, para nossa pesquisa, agrupamos memes que reproduzem o mesmo formato, isto é, a mesma imagem, mas com legenda variável.

Por último, Bakhtin (2003) explica que estilo são os recursos da língua, isto é, “são recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais” (p. 280), escolhidos em função da imagem do interlocutor e da compreensão que se espera para o enunciado. Para nossa análise, consideraremos que memes que compartilham estilo são aqueles que reproduzem literalmente – ou com pequenas alterações – um enunciado dito por alguém e levado para contextos diferentes, gerando diferentes interpretações. Bakhtin (2003) afirma que o “enunciado oral e escrito, primário e secundário, em qualquer esfera da comunicação verbal – é individual, e por isso pode refletir a individualidade de quem fala (ou escreve)” (p. 285). Justamente porque o enunciado reflete a individualidade de quem fala/escreve, optamos por agrupar memes que compartilham estilo levando em consideração a reprodução de enunciados que têm seus enunciadorez facilmente identificados, uma vez que, ao encontrarmos tais enunciados, em contextos diferentes daquele em que eles foram pronunciados, reconhecemos imediatamente o

estilo do enunciador, mas, ao mesmo tempo, criamos novos sentidos para eles. Mais uma vez, se restringíssemos nosso agrupamento apenas a memes que compartilham os mesmos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais, todos estariam no mesmo grupo, já que todos caracterizam-se pelo humor (ainda que de diferentes tipos) e pela informalidade, por exemplo.

Como foi explicado anteriormente, Shifman (2014), ao analisar o posicionamento dos memes de sua pesquisa, busca evidenciar o tom utilizado (irônico, engraçado, gozador, sério, falso, político, crítico), de modo que, embora tenhamos acreditado que isso não fosse o suficiente para agrupar os memes por estilo, também apontaremos esse aspecto em nossas análises.

O fato de ser impossível realizarmos nossa análise a menos que buscássemos a imitação em cada um dos aspectos apontados por Bakhtin (2003) é o que nos leva a acreditar que memes podem ser considerados gêneros do discurso – embora não seja nosso objetivo, nesta pesquisa, discutir tal questão – e, ao mesmo tempo, que nosso *corpus* é composto, de fato, por coletâneas de memes. Afinal, o que se pode perceber, em um primeiro olhar para o *corpus*, é que se trata de textos cuja temática aborda o entretenimento; sua construção composicional corresponde a uma imagem associada a texto verbal e o seu estilo é informal e jocoso. Isso nos ajuda a pensar em memes como gêneros do discurso. A segunda – e talvez mais importante – constatação a que pretendemos chegar, a partir do *corpus* de análise, é que todas as coletâneas de textos replicam, entre si, ao menos uma das três dimensões que o compõem. Isso é que o faz deles memes.

Assim, é importante que fique claro que os memes analisados foram agrupados de acordo com as características apontadas por Bakhtin, mas, a fim de evidenciarmos a dimensão compartilhada por cada grupo de memes, resolvemos restringir cada uma delas, buscando a imitação e, com isso, nos aproximando mais da definição de Shifman.

3.2 As categorias de análise

A seguir, apresentamos as categorias escolhidas para a análise do *corpus*. Acreditamos que a explicitação de tais categorias nos levará a compreender como se dá a construção de sentidos e o consequente efeito de humor nos memes:

- Sistemas de conhecimento mobilizados: conhecimento linguístico, enciclopédico e sociointeracional.
- Estratégias cognitivas: relação entre dado e novo; conhecimento prévio, inferenciação; intertextualidade.

- Estratégias textuais: organização da informação, balanceamento entre implícito e explícito, referenciação:
 - Objeto de discurso verbal e não verbal: introdução/ativação de objetos do discurso, anáfora, recategorização e recategorização sem menção referencial.
- Objetivos do humor

Como já foi dito no capítulo anterior, apontaremos e discutiremos tais sistemas de conhecimento e estratégias mobilizadas à medida que eles aparecerem no corpus selecionado.

Consideramos que os sistemas de conhecimento estão intrinsecamente ligados às estratégias de processamento textuais, uma vez que são mobilizados por elas. Assim, nossa análise centrar-se-á em tais estratégias e os conhecimentos mobilizados serão discutidos quando necessário.

Optamos por não incluir as estratégias interacionais nas análises, pois, como já foi explicado, os memes são textos concisos, o que dificulta o aparecimento de estratégias de negociação, reformulação ou atribuição de causas a mal-entendidos. Além disso, por ser voltado para um interlocutor universal e por não ter autoria declarada, não há necessidade de se buscar a preservação de faces ou representação positiva do *self*. Assim, julgamos que tais estratégias não são tão utilizadas no processamento textual dos memes.

Como fica evidente nas categorias de análise, as estratégias cognitivas e textuais, muitas vezes, caminham juntas. Isso porque as escolhas sobre organização da informação, objetos de discurso a que o texto faz referência e balanceamento entre implícito e explícito são estratégias textuais, mas o cálculo mental feito para calcular qual deve ser a informação nova e qual deve ser a informação dada – por parte do produtor do texto – e desvendar as inferências – por parte do interlocutor – é uma estratégia cognitiva.

Dentre as estratégias textuais, daremos especial enfoque à referenciação devido aos sentidos que podem ser depreendidos a partir de estratégias como recategorização. Como aponta Custódio Filho (2012), ao falar sobre a segunda tendência nos estudos sobre referenciação, nosso interesse será discutir como os referentes, fundamentais para a construção de sentidos, são elaborados, “levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais” (p. 29). Ainda segundo o autor, as estratégias referenciais são mais complexas que o universo das expressões nominais, visto que o referente ou objeto de discurso emerge da própria interação.

Além disso, partimos do pressuposto de que a imagem, nos memes, atua como um objeto de discurso e, em conjunto com o texto verbal, é essencial para a construção de sentidos e o consequente efeito de humor. Como explica Custódio Filho (2012), texto verbal e imagem são intrinsecamente ligados, logo, não há a necessidade de distingui-los como intra ou extralinguísticos. Por isso, deve-se compreender a interação social como um todo e entender verbo e imagem como ferramentas utilizadas para que o enunciador concretize seu projeto discursivo de estabelecer referentes.

Assim, ao realizar a análise das estratégias envolvidas no processamento textual dos memes, buscaremos evidenciar como tais mecanismos linguísticos são, ao mesmo tempo, responsáveis pela construção dos sentidos e pelo efeito de humor nos memes.

3.3 O contexto de produção dos memes analisados

O contexto é fundamental para a interpretação de qualquer texto, seja ele apenas verbal ou multimodal. No entanto, as concepções de contexto variam ao longo dos anos e se diferenciam de um autor para o outro. De acordo com Koch (2011):

O contexto, da forma como hoje é entendido no interior da Linguística Textual abrange, portanto, não só o cotexto, como a situação de interação imediata, a situação mediata (entorno sociopolítico-cultural) e também o contexto sociocognitivo dos interlocutores que, na verdade, subsume os demais. (p. 25)

Ainda segundo Koch (2008), podem-se distinguir diversos tipos de contexto, como o cultural, o situacional, a modalidade, o verbal e o pessoal. O contexto cultural ajuda a compreender os textos de cada cultura, enquanto o contexto situacional fornece pistas para inferências. Já a modalidade (oral ou escrita) tem reflexos no processamento textual, uma vez que ler e ouvir operam com estratégias diferentes. O contexto verbal é o cotexto, isto é, as propriedades linguísticas do texto. Por último, o contexto pessoal inclui conhecimentos, atitudes, metas e fatores emocionais dos interlocutores.

Todas essas questões contextuais serão levadas em conta em nossas análises. Isso quer dizer que entendemos que o contexto envolve os saberes trazidos pelos sujeitos durante a interlocução (contexto sociocognitivo), bem como seus conhecimentos sobre a situação de produção e sobre o momento sociopolítico e cultural vivido. No entanto, neste momento, interessa-nos explicar a situação mediata ou o contexto cultural, isto é, o entorno sociopolítico-cultural em que cada agrupamento de memes selecionado para a análise surgiu.

Faz-se importante destacar que a criação de memes tem sido considerada uma característica do brasileiro, que já até “exporta” memes para o resto do mundo, haja visto o

memes de Nazaré Tedesco, apresentado no capítulo 1. Como explica o coordenador do Museu dos Memes, Viktor Chagas, doutor em História, Política e Bens Culturais²⁷, temos um caráter cultural muito forte de atrelar as coisas, por mais sofridas que sejam, ao humor, o que repercute inclusive na política.

Porque o brasileiro produz tantos memes, selecionar o corpus para essa pesquisa foi uma tarefa árdua. Passemos agora para sua apresentação, começando pelos memes que compartilhavam o tema da alta do dólar.

Seguindo a classificação de Shifman (2014), podemos considerá-los memes igualitários, uma vez que suas diferentes versões parecem ter sido criadas simultaneamente, sem um texto claro como base.

Figura 7 - “Alta do dólar”



Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/03/o-impacto-dos-memes-na-sociedade-nao-deve-ser-menosprezado.html>.

Acesso em 11 set. 2017

Tais memes foram criados em setembro de 2015, quando, depois de uma forte instabilidade na moeda brasileira, o câmbio americano subiu e alcançou o valor de R\$4,00.

²⁷ Fonte: <http://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2017/03/o-impacto-dos-memes-na-sociedade-nao-deve-ser-menosprezado.html>. Acesso em 11 de setembro de 2017.

Como é característico dos brasileiros, imediatamente foram criados memes que procuravam brincar com a situação.

Na época, culpou-se o Partido dos Trabalhadores pelo ocorrido, o que ficou também evidente nos memes sobre o assunto. Assim, esses memes vinculam a ideia de que o governo PT era o responsável pela decadência do país.

Outro agrupamento selecionado para este trabalho tratava da votação do processo de impeachment da então presidente Dilma Rousseff. Esse agrupamento também é formado por memes igualitários e é possível relacioná-los a uma certa fórmula (SHIFMAN, 2014). No caso, a fórmula remete ao discurso de votação do impeachment.

Após Dilma ser acusada de crimes de responsabilidade fiscal (abertura de créditos suplementares sem a autorização do Congresso Nacional e realização de operações de crédito com instituição financeira controlada pela União, as chamadas “pedaladas fiscais”), abriu-se no congresso a votação sobre a admissibilidade do processo de impeachment no dia 17 de abril de 2016. Tal votação foi transmitida, ao vivo, em rede nacional pela Rede Globo, Record e Band e, enquanto ocorria, já eram criados memes a seu respeito, evidenciado, especialmente, o discurso seguido por quase todos os deputados durante a votação, como discutiremos mais a frente.

Figura 8: meme “Votação do Impeachment”



Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/memes/103782-melhores-memes-votacao-impeachment-dilma.htm>

Acesso em 05 jul. 2018.

Logicamente, a situação de crise em que o país se encontrava gerou manifestações populares, com destaque para a ocorrida em 15 de março de 2016, organizadas por grupos como o Movimento Brasil Livre e Vem pra Rua, que acabaram por contribuir para que a votação fosse levada ao Congresso.

O último agrupamento de memes que compartilham tema, selecionado para esta pesquisa, trata do assunto Enem feminista. São também memes igualitários, que surgiram simultaneamente durante e logo após a prova do Enem 2015.

Figura 9: meme “Enem feminista”



Disponível em: <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
Acesso em 05 jul 2018

Tais memes surgiram depois que o Exame Nacional do Ensino Médio apresentou, em seu primeiro dia de prova, uma questão que trazia uma citação de Simone Beauvoir: “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino”. Já no segundo dia de prova, o tema proposto para redação foi “A persistência da violência contra mulher”. As temáticas de cunho feminista levantadas pelo Enem geraram

polêmica, desde revolta por parte da bancada mais conservadora no Congresso até acusações de doutrinação por parte do MEC, incluindo, claro, repúdio ao governo PT e a Dilma Rousseff, e fizeram com que surgissem diversos memes sobre o assunto na Internet.

Enquanto os memes que compartilham tema tendem a ser mais efêmeros, uma vez que estão muito atrelados a assuntos discutidos no momento em que foram criados, isto é, a situação mediata de produção, os memes que compartilham forma tendem a ser mais perenes e, muitas vezes, ressurgem com assuntos novos.

No agrupamento de memes que compartilham forma, temos, em primeiro lugar, o meme “Amiga, me segura”. São memes baseados no criador, pois foram espalhados a partir de uma imagem específica (SHIFMAN, 2014).

Figura 10: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <https://plus.google.com/+EduChaves/posts/8e7buu892EH>
Acesso em 05 jul. 2018.

Esse meme surgiu a partir de uma montagem criada em 2008 para o concurso chamado "RenSightings 3", do site Worth1000. Trata-se de uma montagem de uma pintura neoclássica de 1885, do artista William-Adolphe Bouguereau, chamada Love Disarmed.

Figura 11: Love disarmed



Disponível em: <http://www.sequelanet.com.br/2015/05/meme-amiga-me-segura-que-eu-mesegura.html>

Acesso em 05 jul. 2018.

Vemos, assim, que a pintura inicial retratava a imagem de uma mulher segurando o cupido, impedindo-o de atirar suas flechas, que estão no chão. O anjo não parece muito feliz com a situação, mas a mulher que o segura parece calma e satisfeita. Na montagem, o anjo é substituído por um E.T. (que também aparenta revolta) e o arco e flecha são suprimidos. Esse é o formato desse meme, cujo sentido final estará sempre associado ao conteúdo da legenda.

A presença de um E.T. em uma obra neoclássica, por si só, já gera o efeito de humor, por se tratar de algo inusitado, de um rebaixamento grotesco, ao se fazer a troca de um anjo por um E.T. No entanto, foi a possibilidade de se tratar de diferentes assuntos a partir da legenda “Amiga, me segura/me solta” que fez com que esse fosse um dos memes mais conhecidos e utilizados no Brasil.

Outro meme bastante conhecido no Brasil é o meme “Senhora”, também baseado no criador, pois foi gerado a partir de um vídeo específico.

Figura 12: meme “Senhora?”



Disponível em: https://aminoapps.com/c/memes-hu3-br/page/blog/volta-aqui-senhora/B2qZ_bKtwu5vB8agMvQVvLzvDVnqVRwRj3
Acesso em 05 jul. 2018.

Esse meme surgiu depois que a equipe de reportagem Rede Globo acompanhou por três dias servidores públicos da Assembleia Legislativa de Goiás que batiam o ponto e iam embora sem trabalhar. Dentre os servidores, estava Edinar Maria dos Santos Moraes, que, ao ser questionada sobre o fato, primeiramente, respondeu “Não, não fiz isso”. Depois de ser confrontada pela repórter, que afirmou estar acompanhando sua rotina há três dias, a funcionária pública saiu correndo e foi perseguida pela repórter, que gritava “Senhora? Senhora!”.

A situação, no mínimo, inusitada foi transmitida pelo Jornal Nacional, no dia 28 de setembro de 2015, e, instantaneamente, gerou memes que são compartilhados e modificados até hoje. Seu formato é sempre o mesmo: um quadro em que a funcionária aparece com a fisionomia de quem estranha/não gosta da pergunta, seguido de um ou mais quadros

mostrando a perseguição por parte da repórter. As legendas é que imprimirão o motivo para tal perseguição, como veremos adiante.

Por último, dentre os memes que compartilham forma, temos os memes do “Deboísmo”, uma filosofia de vida criada em julho de 2015 por dois moradores de Goiânia, Carlos Abelardo e Laryssa de Freitas. Numa era em que as discussões no mundo virtual – e fora dele – estão cada vez mais acirradas, os amigos decidiram criar essa nova filosofia de vida, que pretende combater esse problema através de memes. O protagonista de tais memes é um bicho-preguiça.

Também são memes baseados no criador, pois as pessoas os relacionam à imagem da preguiça e à filosofia criada pelos jovens.

Figura 13: meme “Deboísmo”



Disponível em: <https://minilua.com/voce-pratica-deboismo/>
Acesso em 05 jul. 2018

Embora esse meme se diferencie um pouco dos outros, pois a imagem compartilhada não é exatamente a mesma, ainda podemos enquadrá-lo no agrupamento de memes que compartilham forma, pois temos sempre a imagem de uma preguiça, associada a uma legenda que irá auxiliar na construção de sentido, e é tal imagem que faz com que possamos reconhecer, imediatamente, esse meme como pertencente ao grupo do Deboísmo.

O meme ficou tão conhecido que, em 2 de setembro de 2015, o Ministério do Trabalho decidiu criar um deles e postar em sua página no Twitter.

Figura 14: Deboísmo no Ministério do Trabalho



Disponível em: <https://veja.abril.com.br/economia/ministerio-do-trabalho-sugere-o-deboismo-mas-claro-so-para-quem-tem-emprego/>
 Acesso em 05 jul. 2018.

No entanto, a situação de desemprego no país fez com que os internautas reconhecessem o meme como uma resposta do governo à crise vivida, o que gerou uma avalanche de críticas. A forma do meme, isto é, a imagem do bicho-preguiça foi o que mais chamou a atenção, levando as pessoas a ignorarem a legenda e a acreditarem que o MTE estava associando sua imagem a uma preguiça.

Por fim, temos o agrupamento de memes que compartilham estilo. O primeiro deles trata de um discurso de Dilma Rousseff. No dia 28 de julho de 2015, ao anunciar 15 mil novas vagas no Pronatec Aprendiz, a então presidente se atrapalhou quando falava sobre o aumento de oportunidades no programa e proferiu a seguinte frase: “Não vamos colocar meta. Vamos deixar a meta aberta, mas, quando atingirmos a meta, vamos dobrar a meta.”. Logo, são memes baseados no criador, porque foram criados a partir de um texto específico, facilmente identificável (SHIFMAN, 2014), no caso, a fala de Dilma.

Figura 15: meme “Meta de Dilma”



Disponível em: <https://forum.outerspace.com.br/index.php?threads/humans-of-pt.414008/page-100>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Imediatamente, surgiram vários memes que reproduziam o discurso, isto é, o estilo de Dilma, mas buscavam construir sentidos distintos para ele, associando-lhe imagens e/ou inserindo um referente ao qual a meta estaria associada, como veremos nas análises.

A esta altura, o descontentamento em relação ao governo de Dilma já crescia dentre parte da população e a imprensa buscava reforçar isso, evidenciando não apenas as falhas no governo, como também o discurso confuso da presidente, em diferentes ocasiões. Assim, os memes que surgiram reproduzindo a fala sobre a meta deixam clara essa situação.

O segundo agrupamento de memes que compartilham estilo é o “Bela, recatada e do lar.” Ele surgiu após uma matéria publicada pela revista *Veja*, no dia 18 de abril de 2015, que trazia um perfil da esposa do então vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, e se referia a ela como “Bela, recatada e ‘do lar’”. Esse era, inclusive, o título da matéria, em que a “vice-primeira-dama do lar” é apontada como a “nossa Grace Kelly” e caracterizada como uma mulher “recatada” e “educadíssima”. Esses também são memes baseados no criador, pois surgiram a partir do texto publicado pela revista *Veja* e os leitores são capazes de relacioná-lo a esse episódio.

Figura 16: “Bela, recatada e do lar”

/ BRASIL

Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”

A quase primeira-dama, 43 anos mais jovem que o marido, aparece pouco, gosta de vestidos na altura dos joelhos e sonha em ter mais um filho com o vice

Por: Juliana Linhares © 18/04/2016 às 19:14 - Atualizado em 18/04/2016 às 19:14



Marcela, mulher do vice, Michel Temer: jantares românticos e apelidos carinhosos (Bruno Poletti/Folhapress)

Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>
Acesso em 18 jul. 2018.

A matéria causou revolta entre os internautas, especialmente, entre as mulheres, por partir do pressuposto de que esse seria o ideal de mulher a ser copiado por todas as brasileiras. O resultado foram diversos memes que reproduziam a frase “Bela, recatada e do lar” (ou faziam pequenas alterações nela, mas mantendo o mesmo estilo), associada às mais diferentes imagens, como ficará claro nas análises.

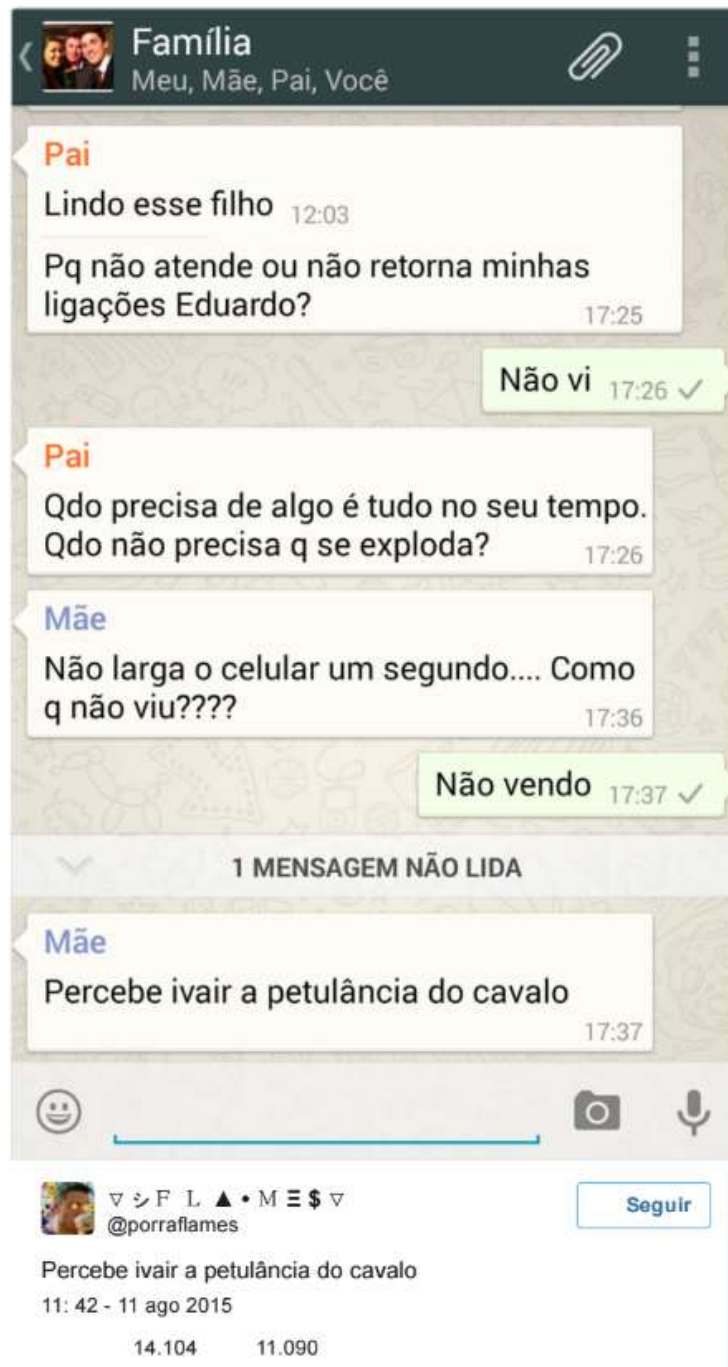
Esse meme teve uma grande repercussão, pois acabou se tornando uma forma de protesto. Mesmo aquelas mulheres que não tinham o hábito de criar memes, acabaram postando suas fotos com a legenda como uma resposta à revista Veja e à ideia de que apenas esse tipo de mulher tem valor.

Logicamente, ao apresentar um perfil de Marcela Temer quando já se discutia o impeachment de Dilma Rousseff, a revista Veja tentava apresentar a “mulher de classe” que estaria ao lado de Temer na presidência, caso Dilma deixasse o cargo. No entanto, em um

momento em que tanto se fala sobre empoderamento feminino e as mulheres buscam cada vez mais fugir dos estereótipos, a matéria acabou por causar muito mais revolta do que admiração.

Por último, temos o meme “Percebe Ivair”, que surgiu em 22 de abril de 2016, depois que Eduardo Pintel publicou em seu Twitter o seguinte print de uma conversa com sua família no Whatsapp.

Figura 17: meme “Percebe Ivair”



Disponível em: <http://atl.clicrbs.com.br/infosfera/2016/03/24/voce-ja-viu-o-meme-percebe-ivair-a-petulancia-do-cavalo-entao-olha-por-que-ele-ja-ganhou-varias-versoes/>
Acesso em 18 jul. 2018. Fonte: Google Imagens

Trata-se, como se pode ver, de uma bronca que os pais estavam dando no filho por não ter atendido as ligações. Ao perceber a indiferença do filho, a mãe fica ainda mais brava e se dirige ao pai (Ivair) chamando o filho de cavalo.

A frase escrita pela mãe “Percebe Ivair a petulância do cavalo” fez sucesso entre os internautas, que passaram a reproduzi-la, muitas vezes, com pequenas alterações, mas estas não só remetiam ao estilo da autora, como ainda, associadas às imagens selecionadas, ampliavam o efeito de humor. Logo, porque são memes baseados em um texto, com um criador específico, estes também são memes baseados no criador.

Assim como os memes que compartilham tema, os memes que compartilham estilo também tendem a ser mais efêmeros, pois estão muito ligados ao momento em que as frases reproduzidas foram proferidas, bem como à sua autoria. No entanto, ainda hoje, se as ouvirmos, somos capazes de reconhecer seu contexto de produção, bem como lembrar os memes originados a partir delas.

4 A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E O EFEITO DE HUMOR EM MEMES

Uma vez que deixamos claro o entorno sociocultural e político de que os memes que fazem parte de nosso corpus fazem parte, bem como a forma como pretendemos analisá-los, podemos nos dedicar a essa tarefa.

4.1 Memes que compartilham tema

Em cada um dos agrupamentos analisados a seguir, encontraremos memes que estabelecem, entre si, relações de intertextualidade ampla, definida por Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), como “o diálogo tangível entre um texto e um conjunto de textos” (p. 19).

O primeiro agrupamento trata da situação social da alta do dólar; o segundo, do impeachment de Dilma Rousseff e o terceiro, da abordagem feminista no Enem 2015.

4.1.1 A alta do dólar

Começamos pelo agrupamento de memes que compartilham o tema “Alta do dólar”. O primeiro deles já foi apresentado ao contextualizarmos sua situação de produção:

Figura 18: meme “Alta do dólar”



Disponível em: http://pt-br.meme.wikia.com/wiki/Arquivo:Dilma_e_a_meta_do_d%C3%B3lar.jpg
Acesso em 18 jul. 2018.

Temos aqui um objeto de discurso visual instaurado: *Dilma Roussef*. Na imagem, ela aparece com o dedo indicador em riste e sua feição apresenta um meio sorriso. A cor de sua roupa é vermelha, símbolo do Partido dos Trabalhadores, ao qual a ex-presidente pertence.

Nessa imagem, a informação é passada especialmente por recursos cinésicos ou material não-verbal: a expressão de Dilma e seu dedo levantado indicam que ela está fazendo um discurso. No entanto, a expressão em seu rosto, material cinético rápido, com o meio sorriso, parece indicar certo deboche. Ela não olha para o interlocutor, parece estar falando dele e não com ele (dado cinético lento). É como se fosse observada pelo leitor, sem se dar conta disso. Como recurso prosódico ou material paraverbal, percebemos que não há variação de voz, já que ela não parece estar gritando, nem pela feição, nem pela legenda, assim, não exprime raiva, mas, sim, calma. A cor vermelha de sua roupa é um signo estático que fornece índice de contextualização importante, pois remete imediatamente ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Sem a legenda, os sentidos atribuídos para essa imagem não vão muito além disso. É o texto verbal que será responsável por construir o sentido final que parece ter sido intencionado pelo criador desse meme.

O exemplo apresentado é um caso de relação entre palavra e imagem interdependente. A mensagem intencionada pelo produtor do meme jamais seria transmitida sem a associação de ambas. Por isso, é necessário colocar o texto verbal em relação com a imagem.

Em primeiro lugar, a legenda sobreposta à imagem de Dilma Roussef leva o leitor a inferir que tal texto foi produzido por ela. É a partir de tal inferência que ele passa a construir sentido para o meme. Passemos agora a buscar compreender o texto verbal.

No que diz respeito às estratégias mobilizadas para a construção de sentidos nesse meme, destacam-se as estratégias cognitivas. É necessário que, ao deparar-se com a frase “2013: dólar a R\$2,00?”, o interlocutor ative seu conhecimento de mundo para se recordar de que esse era o valor atribuído ao dólar nessa época. Em seguida, tem-se o texto “Vamos dobrar esta meta”. Aqui, mais uma vez, o conhecimento de mundo do interlocutor deve ser ativado. Ele deve partilhar do conhecimento prévio a respeito do discurso feito por Dilma, em julho de 2015, em que ela proferiu essa frase. Na época, como já foi explicado, tal discurso foi considerado bastante confuso e virou uma brincadeira entre os internautas buscar sentido para ele.

Percebe-se presente, nesse meme, a intertextualidade, na forma de alusão estrita, à medida que faz referência indireta a um texto proferido por Dilma Roussef em outra ocasião, incorporando-o sutilmente. Por isso, não há marcas tipográficas que demarquem a fronteira

entre o trecho citado e o texto em que ele se encontra, como costuma acontecer em citações. Isso porque nem toda citação vem necessariamente marcada nos casos em que o produtor do texto considera que seu interlocutor conseguirá recuperar o intertexto (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO & BRITO, 2014). Também não há, verbalmente, autoria atribuída a Dilma, mas isso é feito pela imagem apresentada, contando-se, mais uma vez, com a capacidade de inferência do leitor. Logo, essa intertextualidade é implícita.

Assim, o meme dá a entender que, finalmente, descobriu-se a qual meta Dilma se referia ao falar que iria dobrá-la: o valor do dólar. Inferencia-se, com isso, a oração “dobrar a meta *do valor do dólar*”. São estes três objetos de discurso instituídos no meme que dão pistas para o leitor construir sentido para ele: *Dilma Rousseff* (objeto de discurso visual), *dólar* e *meta*.

Por último, mais um cálculo mental necessita ser feito por parte do interlocutor: ele precisa dobrar o valor do dólar apresentado na legenda, R\$2,00, chegando, assim, ao valor que ele tinha atingido na época em que o meme foi criado: R\$4,00. Depreende-se, assim, o referente *alta do dólar*, construído sem que haja menção explícita a ele. Os objetos de discurso *Dilma*, *dólar* e *meta* nos dão pistas para chegar até ele, mas são os cálculos mentais feitos pelo interlocutor que o constroem.

A quantidade de inferências e cálculos mentais necessária para a construção de sentido nesse meme deixa claro que ele apresenta muito mais novo do que dado, isto é, seu produtor partiu do pressuposto de que o leitor compartilharia de diferentes conhecimentos prévios e, ao mesmo tempo, seria capaz de realizar cálculos mentais para chegar ao efeito de humor intencionado. Essa organização da informação no texto, isto é, o balanceamento entre implícito e explícito é, também, uma estratégia textual.

Com isso, retomando Possenti (1998), podemos chegar a três mecanismos linguísticos responsáveis pelo efeito de humor nesse meme: inferência e conhecimento prévio, já explicados, e sintaxe, tendo em vista que, a partir desses dois primeiros mecanismos, é possível inferir o adjunto adnominal *do valor do dólar* para meta e chegar a oração “dobrar a meta *do valor do dólar*”. É justamente a ironia presente nessa expressão a chave para o efeito de humor.

Por último, é necessário ampliarmos o sentido do meme, colocando-o em relação com a imagem. É a relação cinésica apresentada na imagem, isto é, o dedo em riste de Dilma, como quem faz um discurso, e sua feição de deboche, como quem caçoa daquele que ouve sua fala – ou será atingido por ela – aliada ao conteúdo do texto verbal que traz a ideia de que a ex-presidente está caçoando ou até querendo prejudicar o interlocutor, no caso, o cidadão

brasileiro. A imagem, sozinha, não diria quase nada, e o texto verbal, sem a instauração do objeto de discurso visual, não levaria o leitor a atribuir autoria para seu conteúdo, deixando, também, o sentido pela metade.

Em última instância, tem-se depreendido o sentido de que a alta do dólar foi um “capricho” de Dilma Rousseff, algo que ela decidiu fazer, com a ajuda do PT (como é evidenciado na cor de sua roupa), para prejudicar o brasileiro.

Trata-se, assim, de um meme que se enquadra na categoria do humor com objetivo de crítica social. Longe de apenas se querer fazer rir com este meme, o objetivo de seu produtor parece ter sido o de criticar o governo, culpá-lo pelas mazelas pelas quais o país passava, dentre elas, especialmente naquele momento, a alta do dólar. Através dele, atribuiu-se uma fala e comportamento absurdos a Dilma Rousseff com vistas a levar a população a também culpá-la e querer romper com a estrutura social vigente.

O próximo meme também busca atribuir a alta do dólar ao governo PT:

Figura 19: meme “Alta do dólar”



Disponível em:

<https://www20.opovo.com.br/app/maisnoticias/brasil/2015/09/23/noticiasbrasil,3508361/alta-do-dolar-inspira-memes-nas-redes-sociais.shtml>

Acesso em 18 jul. 2018.

Aqui o objeto de discurso visual instaurado é *Lula*. Tem-se a imagem do ex-presidente com uma roupa laranja, com o logotipo da Petrobras, além de boné com a mesma marca, e a mão esquerda, com quatro dedos, lambuzada de petróleo. Ele esboça um sorriso, com a boca entreaberta, mas sem mostrar efetivamente os dentes, e olha diretamente para o interlocutor. Trata-se de uma foto tirada em 21 de abril de 2006, quando foi inaugurada a plataforma P-50, evento considerado o marco da autossuficiência do petróleo no país, e o meme estabelece uma intertextualidade estrita com ela. O gesto de Lula repetia a imagem de Getúlio Vargas que, em 1952, sujou a mão direita de petróleo, simbolizando a posse do produto brasileiro, após sua campanha “O petróleo é nosso”. Logo, por reproduzir uma situação similar, a foto de Lula acaba por apresentar uma intertextualidade ampla com a imagem de Getúlio Vargas.

Não fosse a legenda do meme, isso é o que a imagem representaria. No entanto, o texto verbal atribui outro sentido a ela. Mais uma vez, temos uma relação interdependente entre imagem e texto. Por isso, é essencial analisar a imagem associada à legenda.

O texto verbal diz: “Lula/Quanto tá o dólar?”. A imagem traz a resposta ao apresentar a mão do então presidente com 4 dedos (sabe-se que ele perdeu um deles em um acidente de trabalho, quando era metalúrgico). Os recursos cinésicos – ou material não-verbal - são muito importantes nessa imagem, pois o sorriso no rosto de Lula, quando ele mostra sua mão, dá a entender que ele está satisfeito com a situação.

Ao analisarmos as estratégias textuais nesse meme, percebemos que o balanceamento de informações traz mais dados implícitos do que explícitos. Com isso, para construção de sentido desse meme, mais uma vez, as estratégias cognitivas são essenciais. Em primeiro lugar, o leitor precisa inferir que a imagem traz uma resposta de Lula à pergunta que é apresentada na legenda. Depois, ele precisa ativar seu conhecimento de mundo a respeito do valor do dólar no momento em que o meme foi criado. Caso não partilhe desse conhecimento com o produtor do texto, será mais difícil compreender o efeito de humor no meme.

Em seguida, o leitor deve ativar o conhecimento a respeito do contexto em que a foto foi tirada. Assim, ele será capaz de reconhecer que o meme apresenta uma paródia. Trata-se, como explicam Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), de uma transformação humorística que se distancia do texto-fonte. Nesse caso, temos um meme derivado de uma foto e, embora a imagem não tenha sido alterada, seu sentido foi, ao se inserir a legenda, criando o efeito humorístico. Caso o leitor não partilhasse do conhecimento a respeito da foto, não seria capaz de reconhecer a paródia, mas, ainda assim, o efeito de humor estaria garantido, por razões que explicaremos a seguir.

Tem-se, nesse meme, a instauração de três referentes muito importantes para construção do sentido: *Lula* (objeto de discurso visual, reforçado pelo texto verbal), *dólar* (objeto de discurso verbal) e a *mão com quatro dedos* (objeto de discurso visual).

A relação entre esses três objetos de discurso é responsável por ressignificar a imagem. Em seu contexto original, ela revela Lula, com a mão coberta de petróleo, feliz porque o Brasil havia alcançado a autossuficiência na produção do produto. No meme, a partir da leitura da legenda e do reconhecimento de tais objetos de discurso, entende-se que Lula está feliz com o valor que o dólar atingiu, como se ele desejasse o pior para o país. Trata-se de uma subversão de sentido, pré-requisito da paródia. O preto em sua mão deixa de representar o petróleo e passa a apenas carregar a carga negativa da cor.

No capítulo dois, apresentamos alguns apontamentos levantados por Custódio Filho (2011), que devem ser levados em conta ao se analisar o processo de referenciação em um texto. Dentre eles, enfatizamos, para a explicação a seguir, o fato de que “o estabelecimento e a transformação de referentes podem se dar sem a menção referencial contextual” e de que “a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos” (p. 181).

Como foi dito anteriormente, Carmelino (2015) afirma que é possível se ampliar o escopo da referenciação às expressões referenciais atributivas. Segundo a autora, “as expressões nominais atributivas incorporam os complementos predicativos codificados por formas nominais (predicativo do sujeito ou do objeto) e por apostos” (p. 97), atribuindo predicados a um objeto de discurso já instituído.

Assim, aqui a imagem do meme nos leva a estabelecer o objeto de discurso *Lula*. No entanto, tal referente se modifica de acordo com o contexto da imagem: enquanto, ao analisarmos a foto de Lula em seu contexto original, levando em conta o momento em que foi tirada e o discurso proferido pelo então presidente na ocasião, depreendemos a expressão referencial atributiva *Lula feliz com a produção de petróleo autossuficiente*, no meme, a expressão referencial atributiva depreendida passa a ser *Lula feliz com o dólar a 4 reais*. Percebe-se, portanto, uma recategorização do referente Lula, dada a partir do texto verbal do meme, que nos leva a depreender predicacões diferentes a respeito do mesmo objeto de discurso. A imagem é a mesma, mas o sentido atribuído a ela passa a ser outro. No primeiro caso, o predicativo *feliz* significa satisfeito/ realizado com um acontecimento bom para o Brasil, já, no segundo caso, *feliz* ganha um sentido irônico, pois o ex-presidente estaria contente com a decadência do país. Logo, temos a retomada do referente *Lula* em um contexto distinto - o meme - com sentido distinto.

Cabe ressaltar que, embora tal recategorização traga certo efeito de humor, ela não é a principal responsável por ele e sequer é necessário que o interlocutor conheça o contexto de produção original da imagem para construir sentido para o meme. O efeito de humor desse texto reside principalmente na relação entre os objetos de discurso verbais *dólar* e *Lula* e o objeto de discurso visual *mão com quatro dedos*, pois é a partir dela que se depreende o valor do dólar e se compreende a piada feita com o fato de Lula possuir o mesmo número de dedos que o valor do dólar: quatro. É a mão de Lula a responsável pelo efeito de humor. O sentido não seria o mesmo se a pergunta fosse “Qual o valor do dólar?” e houvesse a imagem de uma pessoa qualquer, mostrando quatro dedos.

Esse objeto de discurso visual *mão com quatro dedos* faz o leitor ativar, em sua memória, as diversas brincadeiras e histórias que já ouviu a respeito dos quatro dedos de Lula – há quem diga, até, que ele cortou, de propósito, esse dedo para poder se aposentar por invalidez. Com isso, ao mesmo tempo, o meme ajuda a desmoralizar a figura de Lula e faz com que, mais uma vez, o leitor possa vê-lo como o responsável pela decadência do país.

Logo, o conhecimento prévio também funciona como um gatilho para desencadear o efeito de humor

Assim como o meme anterior, esse também é um exemplo em que o humor tem como objetivo a crítica social. Ao se apresentar Lula sorrindo e mostrando quatro dedos após ser questionado sobre o valor do dólar, o leitor é levado a inferir que o ex-presidente não só é responsável pela alta do dólar como também está satisfeito com isso. E, assim, apresenta-se, novamente, a crítica ao governo PT, que estaria feliz com a decadência do país.

No próximo meme, ainda encontramos a relação entre elevação do dólar e governo Dilma Rousseff.

Figura 20: meme “Alta do dólar”



Disponível em: <https://economia.uol.com.br/album/2015/09/22/dolar-a-r-4-vira-motivo-de-piadas-e-memes-nas-redes-sociais.htm>

Acesso em 18 jul. 2018.

Tem-se instaurado, aqui, o objeto de discurso visual *Joaquim Levy*, então ministro da Fazenda. A linguagem cinésica, ou material não-verbal, é muito importante para se construir sentido para essa imagem, pois o que se vê é que o ministro esboça um sorriso sem graça e está com as mãos levantadas, com as palmas voltadas para o interlocutor. Essa expressão, somada aos gestos (recurso cinético rápido), dá a impressão de que ele não quer se envolver em algo ou não sabe o que dizer em alguma situação. Embora não olhe diretamente para o leitor, está de frente para ele.

É a legenda que complementa o sentido da imagem, ao trazer um questionamento. Mais uma vez, portanto, temos uma relação interdependente entre imagem e texto verbal, que diz “Levy pra quanto vai o dólar?”. A partir desse texto é possível reconhecer que a expressão e o gesto de Levy são uma resposta a essa pergunta. Com isso, compreende-se, a partir dos recursos cinésicos, que ele está respondendo algo como “Não tenho a mínima ideia” ou “Nem me pergunte”. É na relação entre imagem e texto verbal que o humor se constrói, mas, para isso, estratégias cognitivas também precisam ser ativadas.

Para construção de sentidos desse meme e consequente compreensão do efeito de humor, é necessário, em um primeiro momento, que o leitor partilhe do conhecimento a respeito de quem é Levy, já que não há, no texto, nenhuma pista a esse respeito. Além disso, espera-se que o leitor também esteja a par do valor que o dólar havia atingido no momento em que o meme foi criado, conseguindo, dessa forma, compreender a razão da pergunta que nele

aparece. Trata-se, portanto, de um texto em que o balanceamento da informação apresenta muito *novo* e pouco *dado*. Com isso, o conhecimento prévio é o principal mecanismo linguístico responsável pelo efeito de humor nesse meme.

A imagem desse meme apresenta uma intertextualidade estrita, que aparece de forma implícita, isto é, sem fazer referência direta ao contexto original de onde a imagem foi tirada. No entanto, diferentemente do meme anterior, não se trata de uma imagem famosa, razão pela qual não é essencial, para a construção de sentido, que o leitor seja capaz de reconhecer a relação estabelecida entre esse meme e a imagem apresentada em outro contexto.

Nesse meme, assim como no anterior, é o conhecimento sociointeracional, especialmente o superestrutural, que leva o leitor a reconhecer esse texto como pertencente ao gênero meme e, logo, aceitar a informalidade e os desvios às normas gramaticais encontrados no texto verbal, dentre os quais podemos citar a falta de vírgula após o vocativo, nos dois casos, o uso de “tá” no lugar de “está” no meme de Lula e o uso de “pra” no lugar de “para” no meme de Levy.

Esse meme também pode ser considerado um exemplo em que o humor funciona como crítica social, pois, embora diferentemente dos anteriores, não atribua claramente a alta do dólar ao governo Dilma/PT/Lula, temos o ministro da Fazenda do governo Dilma na imagem e ele, assim como nos outros dois casos, parece, pelos recursos cinésicos, não estar muito preocupado com a situação apresentada na legenda.

Percebe-se que esses três memes analisados vinculam a ideia de que o governo PT era o responsável pela decadência do país. Já o próximo meme vai em uma direção diferente dos anteriores:

Figura 21: meme “Alta do dólar”



Disponível em: http://pt-br.meme.wikia.com/wiki/Arquivo:O_d%C3%B3lar_%C3%A9_treta.jpg
Acesso em 18 jul. 2018.

São instaurados três objetos de discurso visuais, em dois quadros sobrepostos: a *nota de um dólar*, que aparece em um deles, *Galvão Bueno* (locutor esportivo da Rede Globo) e *Pelé* (famoso jogador de futebol), que aparecem no outro. Galvão Bueno e Pelé estão abraçados, recurso cinético lento que indica uma postura de comemoração e alegria, com os braços para cima e a boca muito aberta. Percebemos, portanto, levando em conta tais recursos cinésicos (ou material não-verbal), que estão felizes, comemorando algo. A expressão de

ambos, aliada à legenda, com ponto de exclamação, dá entender que estão gritando. Esses são recursos prosódicos, como explica Guiraud.

O texto verbal aqui é importante, mas apresenta função aditiva, isto é, ele amplia o significado da imagem, sem criar dependência. Ele instaura o objeto de discurso verbal *tetra*.

Para construção de sentido desse meme as estratégias cognitivas são muito importantes, pois, mais uma vez, no que diz respeito às estratégias textuais, o balanceamento de informação apresenta mais novo do que dado. O leitor precisa, primeiramente, estabelecer uma relação entre os objetos de discurso visuais *nota de um dólar*, *Galvão Bueno* e *Pelé*. Para tanto, ele deve inferir que a imagem de Galvão e Pelé, apresentada no segundo quadro, diz algo sobre a nota de um dólar que aparece no primeiro quadro. Deve, ainda, partilhar do conhecimento de que *tetra* significa quatro. E, por último, é necessário que partilhe do conhecimento a respeito do valor que o dólar havia atingido: 4 reais. Assim, em primeira instância, é possível inferir que o objeto de discurso verbal *tetra*, apresentado no grito “É tetra!”, do segundo quadro, refere-se ao valor do dólar e, portanto, relaciona-se com o objeto de discurso visual *nota de um dólar*. Por fim, todos esses três objetos de discurso dão pistas para que o leitor chegue ao referente *alta do dólar*, que não é expresso textualmente, e compreenda que o meme representa uma comemoração (?) desse fato. Depreende-se tal referente a partir de cálculos mentais.

No entanto, apenas esses cálculos mentais não garantem o efeito de humor do meme. Para chegar a ele, diferentemente do meme de Lula, é essencial que o leitor partilhe o conhecimento a respeito do momento em que a imagem do segundo quadro foi fotografada. Tem-se, assim, a intertextualidade estrita como recurso primordial nesse meme, pois ele recupera uma imagem famosa de quando o Brasil conquistou o tetracampeonato de futebol, em 1994. Nela, Galvão Bueno, que narrava a conquista na Rede Globo, e Pelé, que atuava como comentarista junto a Galvão, comemoram o título, gritando “É tetra! É tetra!”. No entanto, tal intertextualidade é implícita, por não citar explicitamente, o contexto de onde a imagem foi retirada, o que exige cálculos mentais do leitor para reconhecê-la.

O fato de o dólar ter atingido o valor específico de 4 reais permitiu que o produtor do texto se lembrasse da clássica cena do grito do “Tetra” e estabelecesse uma relação entre o valor do dólar e a imagem. Trata-se de uma paródia, como explicam Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), por levar o operar um desvio de conteúdo na imagem original, com finalidade humorística. Na mudança de contexto da imagem de celebração do tetracampeonato brasileiro para celebração da alta do dólar, o objeto de discurso *tetra* é

recategorizado e deixa de se referir à quantidade de vezes que o país foi campeão no futebol para passar a se referir ao valor do dólar.

Também os objetos de discurso visuais são recategorizados. A partir da imagem, em seu contexto original, depreendemos a expressão referencial atributiva *Galvão e Pelé extasiados com o tetracampeonato de futebol*. No meme, a expressão referencial atributiva depreendida passa a ser *Galvão e Pelé extasiados com o dólar a quatro reais*. Percebe-se, portanto, uma recategorização dos referentes *Galvão e Pelé*, dada a partir da relação com o objeto de discurso visual *nota de um dólar* e com o objeto de discurso verbal *tetra*, o que nos leva a reconhecer que o sentido atribuído à imagem é outro, embora ela ainda seja a mesma. Na imagem original, Galvão e Pelé estariam comemorando/felizes com uma vitória do Brasil, enquanto, no meme, eles estariam comemorando/felizes com um problema do país, o que faz com que sejam vistos, pelo interlocutor, como cínicos.

O humor, nesse meme, vem, em um primeiro momento, da relação insólita estabelecida entre o valor atingido pelo dólar e a comemoração dos comentaristas. Não se espera que alguém deseje celebrar a alta do dólar, já que isso é ruim para o país. No entanto, mais do que isso, para se construir sentido para esse meme, é necessário reconhecer a cena da comemoração.

Logo, o conhecimento prévio é um dos responsáveis pelo efeito de humor. Sem ele, os objetos de discurso são identificados e a relação entre eles é estabelecida, no entanto, não se reconhecem as recategorizações e, com isso, não se chega ao efeito de humor dependente da ativação, na memória, da imagem simbólica da conquista do tetra.

Além disso, um mecanismo linguístico que funciona como gatilho para o efeito de humor é o léxico, visto que a palavra *tetra* significa quatro e, nesse caso, deixa de significar quatro vezes campeão para significar o valor do dólar.

Tivemos, nesse caso, o humor com objetivo de crítica social, por buscar evidenciar e criticar a situação social em que o país se encontrava naquele momento.

O próximo meme também tem como objetivo o riso pelo riso:

Figura 22: meme “Alta do dólar”



Disponível em: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/10-memes-que-satirizam-subida-historica-do-dolar/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Aqui instaura-se o objeto de discurso visual *nota de 5 reais*. Com a legenda, instaura-se o objeto de discurso verbal *nota de um dólar*. A relação entre texto verbal e não-verbal, aqui, é essencial para a construção de sentidos, portanto, tem-se uma relação interdependente entre imagem e texto.

Em primeiro lugar, para construção de sentidos, o leitor deve partilhar do conhecimento a respeito do fato de que o dólar havia atingido o valor de 4 reais na época em que o meme foi criado. Assim, ele infere que a legenda “Nova nota de um dólar” refere-se a tal fato, arredondando o valor do dólar para 5 reais, e, portanto, é apenas com essa nota de 5 reais que, a partir daquele momento, será possível adquirir um dólar.

No entanto, o efeito de humor nesse meme decorre não só desse conhecimento prévio, partilhado entre produtor e leitor do texto, mas também da recategorização do objeto de discurso visual a partir do texto verbal, isto é, o efeito de humor decorre também do fato de o objeto de discurso visual *nota de 5 reais* ter sido recategorizado em *nova nota de um dólar*. Para chegar a tal compreensão, são necessários cálculos mentais, como foi evidenciado anteriormente. Essa expressão *nova nota de um dólar* funciona, portanto, como um gatilho para o efeito de humor.

Passemos agora a analisar os memes que compartilham o tema “Votação do processo de impeachment de Dilma Rousseff”.

4.1.2. Votação do processo de impeachment de Dilma Rouseff

O primeiro meme analisado nesse agrupamento exige diversas estratégias cognitivas, pois é extremamente atrelado ao conhecimento prévio, visto que, até para reconhecer os objetos de discurso nele instaurados, é necessário que se partilhe de certos conhecimentos de mundo.

Figura 23: meme “Votação do impeachment”



Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/os-memes-da-votacao-do-impeachment/>

Acesso em 18 jul. 2018.

Assim, para construção de sentidos nesse texto, é necessário, primeiramente, que o leitor ative em sua memória o conhecimento a respeito do cenário representado na imagem. Trata-se do cenário do programa *Tentação*²⁸, apresentado por Sílvio Santos, no canal SBT. Com isso, instaura-se o objeto de discurso visual *cenário do programa Tentação*. Assim, o conhecimento prévio que deve ser ativado para que o leitor compreenda que se trata do programa *Tentação* não está atrelado à nenhuma palavra ou expressão, isto é, ao texto verbal, mas, sim, à imagem que aparece no meme.

Além disso, ele deve, também, partilhar do conhecimento prévio a respeito do esquema do programa. Como explicam Koch e Travaglia (1993), esquemas “são modelos cujos elementos são ordenados numa progressão, de modo que se podem estabelecer hipóteses sobre o que será feito ou mencionado a seguir no universo textual”. (p. 65). No caso desse

²⁸ *Tentação* é um programa exibido no canal SBT, em que o apresentador, Sílvio Santos, faz uma pergunta aos participantes, que devem se dirigir ao portal que considerem apresentar a resposta correta. À medida que vão errando as respostas, os participantes vão sendo eliminados.

programa, o apresentador Silvio Santos faz uma pergunta e as pessoas devem se dirigir ao portal com a resposta. São sempre três opções de resposta e, enquanto elas se decidem, toca uma música com a letra “Não sei se vou ou se fico/não sei se fico ou se vou”, indicando a indecisão dos participantes sobre a melhor escolha.

No caso do meme apresentado, as opções de resposta instauram os seguintes objetos de discurso verbais *Deus*, *minha família* e *crime de responsabilidade*, que dizem respeito à votação do Impeachment. Para reconhecer isso, era necessário que o leitor partilhasse do conhecimento prévio a respeito do *script* da votação. Ainda segundo Koch e Travaglia (1993), *scripts* são “planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações deles esperadas. (...). Trata-se de um todo sequenciado de maneira estereotipada, inclusive em termos de linguagem, ou seja, como se age verbalmente numa situação”. (p. 65). No *script* da votação, os deputados justificavam seu voto e, em seguida, o apresentavam. A votação ficou verbalmente estereotipada da seguinte forma: “Pela minha família/pelos meus filhos, por Deus, pelo país, eu voto sim.” Logo, são os objetos de discursos instaurados pelo texto verbal, no meme, que nos levam a ativar o conhecimento a respeito do *script* da votação. Por isso, temos um exemplo de interdependência entre texto verbal e imagem, pois o sentido só é verdadeiramente compreendido a partir da relação entre os dois.

O reconhecimento de tal *script* era essencial para a construção de sentidos e consequente efeito de humor no meme, pois ele nos leva a depreender o referente “Votação do impeachment”. Sem isso, é impossível compreender do que o meme trata e torna-se mais difícil chegar ao efeito de humor. Além disso, é essa compreensão que nos leva a compreender a recategorização do objeto de discurso visual *cenário do programa tentação* em *votação do impeachment*. Trata-se de uma recategorização de objeto de discurso visual sem menção referencial.

Reconhecem-se, ainda, duas intertextualidades amplas nesse meme. A primeira diz respeito ao fato de ele remeter ao Programa Tentação, mas sem levar o interlocutor a reconhecer uma imagem específica, de um programa apresentado em um dia específico. A segunda se refere à votação do impeachment e imita não um texto-fonte específico, mas o estilo dos discursos proferidos naquele dia.

O efeito de humor, no caso desse meme, vem, portanto, do conhecimento prévio, da intertextualidade e da recategorização.

Mas há que se reconhecer que, nesse meme, o humor tem a denúncia como objetivo, uma vez que busca expor um comportamento negativo – e hipócrita. A partir dos

conhecimentos de mundo ativados, era possível inferir que, se há um grupo de pessoas no portal com a resposta que indica *Deus*, outro grupo no portal que indica *minha família* e ninguém no portal *crime de responsabilidade*, isso significa que, na votação do Impeachment, nenhum deputado estava justificando seu voto baseado no fato de ter havido um crime de responsabilidade.

Mais do que isso, espera-se que o leitor seja capaz de inferir, a partir das pistas verbais e visuais, que Deus e a família não são razões para se pedir o impeachment de uma presidente e que tal processo só deveria ocorrer caso existisse a comprovação de um crime de responsabilidade. No entanto, a imagem evidencia que não há tal crime, visto que ele não aparece na justificativa dos deputados.

Esse é mais um exemplo de texto com muito mais informação nova do que dada, que exige, portanto, muitos cálculos mentais do leitor, para que realize as inferências exigidas para a compreensão do meme e de seu efeito de humor.

Por último, tem-se o conhecimento sociointeracional, em especial o superestrutural, como o responsável pelo leitor reconhecer esse texto como pertencente ao gênero meme e, com isso, relevar as edições toscas da imagem, que deixam claro que se trata de uma montagem. Sabe-se que o meme é um texto cujo objetivo é ser transformado por diversos usuários da Internet e não se espera que eles sejam profissionais do *Photoshop* para poder fazer isso.

O próximo meme também retoma o *script* da votação do impeachment:

Figura 24: meme “Votação do Impeachment”



Disponível em: <https://optclean.com.br/voto-de-tiririca-pelo-impeachment-vira-meme-e-viraliza-na-web-2/>

Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura o objeto de discurso visual *Tiririca*, que deveria ser recuperado a partir de conhecimento prévio do leitor. Tiririca foi palhaço, cantor brasileiro de músicas humorísticas e, na época da votação, era deputado federal. O fato de ele estar usando um terno (signo estático), no congresso, evidencia que estamos diante do Tiririca deputado. Assim, depreendemos, pelo contexto, a expressão referencial atributiva *deputado*, que predica um atributo a Tiririca.

Ele segura um microfone, tem um semblante sério e está com a boca entreaberta. Os recursos cinésicos – ou material não-verbal - nos levam a crer que está falando algo. A legenda reforça isso ao apresentar: “Pela Forentina de Jesus”/Voto Simmmm!! O prolongamento do “m” na palavra “sim”, aliado aos dois pontos de exclamação são recursos prosódicos que indicam que ele está gritando.

Também nesse meme o leitor deveria partilhar do conhecimento sobre o *script* da votação do impeachment para reconhecê-lo na legenda. Trata-se de uma intertextualidade ampla por imitar o estilo do discurso da votação do impeachment, ao invés de remeter a um texto-fonte específico. No entanto, diferentemente do meme anterior, ainda que não reconhecesse o *script*, a imagem auxiliaria o leitor na construção do sentido, uma vez que foi retirada do momento da votação e apresenta um placar “Sim”X “Não/Abstenção/Faltas”, que, por si só, já indica que algo está sendo votado.

A legenda instaura o objeto de discurso verbal *Forentina de Jesus*. Para compreendê-lo, faz-se necessário que o leitor ative seu conhecimento de mundo a respeito de uma música de Tiririca, cuja letra dizia: “Forentina, Forentina/Forentina de Jesus/Não sei se tu me amas/Pra que tu me seduz?” e reconheça a intertextualidade estrita dada por relação de copresença da música.

Com isso, o objeto de discurso visual *Tiririca deputado* é recategorizado, a partir do texto verbal: ele deixa de ser o deputado e volta a ser o *cantor/palhaço*. Trata-se de uma recategorização sem menção referencial, pois ela não está explícita, é necessário depreendê-la a partir das pistas linguísticas deixadas no meme.

É através da ativação, na memória do leitor, do objeto de discurso *Tiririca cantor*, a partir do reconhecimento da intertextualidade, que o efeito de humor é construído. Com isso, percebe-se que a relação entre imagem e texto verbal é interdependente, pois ambos são necessários para a construção de sentidos.

Mais uma vez, portanto, é no conhecimento prévio, na intertextualidade e na recategorização que reside o efeito de humor do meme e, por isso, diversos cálculos mentais são necessários para se chegar a ele, ainda mais, ao levarmos em conta que há pouca informação dada e muita informação nova.

Em última instância, trata-se também de um meme cujo objetivo do humor é a denúncia. Ao se retomar o atributo de palhaço de Tiririca, associando a justificativa de seu voto favorável ao impeachment à “musa” de uma música dele, tenta-se evidenciar o absurdo de uma votação sem justificativas plausíveis.

O meme a seguir exige a recuperação de dois *scripts* diferentes:

Figura 25: Meme “Votação do Impeachment”



Disponível em: <http://www.olhardireto.com.br/noticias/exibir.asp?id=418919¬icia=memes-pos-impeachment>
 Acesso em 18 jul. 2018

Esse meme instaura dois objetos de discurso visuais, *Xuxa*, reconhecida a partir do conhecimento prévio do leitor, e *um menino*. Pelo fundo, com a presença de luzes e outras crianças, percebe-se que se trata do programa *Xou da Xuxa*²⁹. Xuxa olha para o garoto, com um microfone na mão e o garoto, por sua vez, olha para ela. São recursos cinésicos que evidenciam que está ocorrendo um diálogo entre ambos.

O texto verbal, nesse caso, aparece em um recurso dos quadrinhos, isto é, na forma de um balão, atribuindo uma fala ao menino, o que não é tão comum em memes. Para construir sentidos para ele, é necessário que o leitor ative dois *scripts* diferentes e os coloque em relação. O primeiro deles diz respeito ao *script* da votação do impeachment. O outro diz respeito a uma despedida típica do programa *Xou da Xuxa*: sempre que uma criança tinha a palavra no programa, a apresentadora perguntava “Quer mandar beijo pra quem?” e a resposta

²⁹ Xou da Xuxa foi um programa exibido na Rede Globo, sob o comando da apresentadora Maria das Graças “Xuxa” Meneghel. Era voltado para crianças, que também ficam na plateia e eram convidadas a participar de brincadeiras diversas. Ao final das brincadeiras, a apresentadora perguntava aos participantes “Quer mandar um beijo pra quem?”, ao que grande parte respondia: “Pra minha mãe, pro meu pai e pra você”.

clássica, quase automática, era “Pra minha mãe, pro meu pai e pra você.” Reconhecendo esse *script*, o leitor seria capaz de percebê-lo na fala do garoto, misturado ao *script* da votação do *impeachment*. Mais uma vez, temos a relação interdependente entre imagem e texto verbal, pois o sentido só se constrói na relação entre eles.

Nesse meme há duas intertextualidades amplas. A primeira diz respeito ao fato de ele remeter ao Xou da Xuxa, de maneira geral, sem levar o interlocutor a reconhecer um programa apresentado em um dia específico. A segunda se refere à imitação do estilo dos discursos da votação do *impeachment*. O reconhecimento de ambas era relevante para que se chegasse ao efeito de humor.

É a sobreposição de dois *scripts* diferentes, um real – a despedida no programa – e outro absurdo – a votação do *impeachment* no programa - , a responsável pelo efeito de humor. Por isso, reconhecimento da intertextualidade e o conhecimento prévio a respeito de ambos é essencial. Fica evidente, também, a recategorização de Xou da Xuxa em votação do *impeachment* a partir do texto verbal. No entanto, mais uma vez, trata-se de uma recategorização sem menção referencial. Era necessário que o leitor partilhasse do conhecimento prévio a respeito do *script* da votação para que pudesse realizar os cálculos mentais que o levariam a tal recategorização.

Ao colocar a votação do *impeachment* no cenário de um programa infantil tem-se, novamente, o humor com objetivo de denúncia, por buscar evidenciar a falta de relevância dos argumentos para o *impeachment*.

Os três memes analisados vinculam a ideia de que os votos a favor do *impeachment* não tinham justificativa. O próximo meme, embora não imite o discurso proferido no momento da votação, busca evidenciar o descaso.

Figura 26: Meme “Votação do Impeachment”



Disponível em: <https://www.clickpb.com.br/brasil/votacao-do-impeachment-rende-inumeros-memes-na-web-203542.html>

Acesso em 18 jul. 2018.

Instaura-se, aqui, um objeto de discurso visual: *Rubens Barrichello*, que é recuperado pelo conhecimento prévio do leitor. Seu semblante é muito sério, um recurso cinésico – ou material não-verbal – que contribui para passar a impressão de que ele está diante de um momento muito importante. A cor preta de fundo no meme também leva a essa impressão por estar, normalmente, relacionada ao luto.

Ao lado de Rubens Barrichello, há o texto verbal “Eu voto sim/Fora Collor!”, que estabelece dois objetos de discurso verbais: *eu* e *Collor*. Para construir sentido para esse meme, a relação entre texto verbal e imagem é essencial e, portanto, interdependente. O objeto de discurso verbal *eu* se refere ao objeto de discurso visual *Rubens Barrichello* e, com isso, leva à interpretação de que a legenda representa uma frase dita por ele. Já o objeto de discurso *Collor* chama a atenção por, aparentemente, estar fora de contexto, uma vez que o meme foi criado durante a votação pelo impeachment de Dilma Rousseff.

Essa aparente incoerência acontece porque, para chegar ao efeito de humor, nesse meme, é necessário que o leitor partilhe de dois conhecimentos prévios. O primeiro é que Rubens Barrichello foi um corredor de Fórmula 1 que ficou conhecido por sempre chegar por último ou alcançar posições muito ruins. Por isso, ele passou a ser recategorizado, no imaginário brasileiro, como uma *pessoa atrasada*. Tal recategorização trata-se de uma intertextualidade ampla, por remeter ao fenômeno que Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) chamam de alusão ampla: a retomada de uma “referência a uma situação partilhada

coletivamente em uma dada cultura” (p. 20). No caso, a situação partilhada no coletivo do brasileiro é “Rubinho é uma pessoa que não acompanha os acontecimentos”.

O segundo é que Fernando Collor de Melo foi um presidente do Brasil que sofreu impeachment em 1992, tal qual Dilma Rousseff estava prestes a sofrer naquele momento.

A partir desses dois conhecimentos prévios, bem como do reconhecimento da intertextualidade ampla, era possível inferir que o meme quer dizer que, enquanto todos votavam pelo impeachment de Dilma Rousseff, Rubens Barrichello votava pelo impeachment de Collor. Esse meme, portanto, predica algo sobre Rubens Barrichello, reforçando seu estatuto de retardatário.

O efeito de humor, no caso desse meme, baseia-se, assim, na recategorização de Rubens Barrichello, no conhecimento prévio e exige inferências do leitor.

Trata-se de um meme cujo objetivo é a crítica social, por evidenciar o descaso com o qual o assunto estava sendo tratado na sociedade.

O próximo meme também retoma a ideia do impeachment de Collor:

Figura 27: meme “Votação do Impeachment”



Disponível em: <https://maringapost.com.br/ahduvido/quais-as-diferencas-entre-as-cassacoes-de-dilma-e-collor/hqdefault/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura o objeto de discurso visual *Fernando Collor de Melo*, recuperado apenas pelo conhecimento prévio do leitor, uma vez que não há nenhuma menção verbal a ele. Collor está sorrindo, de braços abertos, um material cinético lento, que indica saudação, que

está recebendo alguém com alegria. Veste um terno e a faixa presidencial, signo estático que ajuda a ativar, na memória do leitor, o fato de que Collor já foi presidente do Brasil.

Tendo em vista que, como Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) defendem, devem ser abarcadas sob o rótulo de paródia “todas as transformações humorísticas que se distanciem do texto-fonte, desde as mais sutis até as que resultem em rebaixamento do estilo sério do texto original a um estilo mais vulgar” (p. 17), é possível reconhecer nesse meme uma paródia de uma imagem séria e conhecida pelos brasileiros do dia em que Collor foi empossado como presidente do Brasil. A transformação na imagem original se dá a partir da legenda, que apresenta o texto verbal “Dilma trago notícias” e instaura os objetos de discurso verbais *Dilma e notícias*.

Diversos cálculos mentais são necessários para que se coloque esses objetos de discurso em relação e se consiga construir sentidos para esse meme. Em um primeiro momento, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento de mundo a respeito do fato de que Collor sofreu um processo de impeachment em 1992. Além disso, ele deve estar a par do contexto em que o meme foi produzido: logo após a votação do impeachment de Dilma Rousseff, que teve placar favorável a esse processo.

Com isso, o leitor consegue inferir que a legenda é uma fala de Collor e que o objeto de discurso *notícias* refere-se ao resultado da votação do impeachment de Dilma. Mas o sentido vai além disso: o fato de Collor estar feliz, com os braços abertos, indica que ele está satisfeito por receber a então presidente no “grupo” daqueles que sofreram o impeachment. Os recursos cinésicos do objeto de discurso visual são, portanto, muito importantes para a construção de sentidos desse meme. Logo, tem-se uma relação interdependente entre imagem e texto verbal.

Trata-se de um meme que exige muitas inferências do leitor, uma vez que há muitas informações novas e poucas informações dadas. Por isso, o efeito de humor dele depende de estratégias cognitivas, do conhecimento prévio do leitor, além de sua capacidade de ler imagens.

O objetivo do humor, neste meme, é a crítica social, à medida que representa a felicidade por Dilma Rousseff ingressar no mesmo grupo que Fernando Collor e, com isso, representa a parcela da população que desejava sua saída do governo.

Passamos agora aos memes que compartilham o tema “Enem feminista”.

4.1.3. Enem Feminista

O primeiro meme instaura o objeto de discurso visual *Simone de Beauvoir*, recuperado a partir do conhecimento prévio do leitor. Tem-se uma imagem retirada de outro contexto, portanto, ao retomá-la, instaura-se uma intertextualidade estrita nesse meme. No entanto, o reconhecimento de tal intertextualidade, bem como desse objeto de discurso visual, não era tarefa fácil, já que ela estava implícita e, quando a prova do Enem foi realizada, poucos conheciam o rosto da feminista e muitos sequer haviam ouvido falar de suas obras. Os memes contribuíram, certamente, para que seu rosto ficasse famoso no país. Ela olha diretamente para o leitor e tem um sorriso largo em seu rosto, trata-se de recursos cinésicos – ou material não-verbal – que nos ajudam a construir sentidos para o meme. Entretanto, a legenda é essencial para que, de fato, se compreenda essa imagem e, especialmente, o sorriso de Simone de Beauvoir.

Figura 28: meme “Enem feminista”



Disponível em: <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Temos, portanto, mais uma vez, uma relação de interdependência entre imagem e texto verbal, pois o meme só faz sentido na relação de ambos. Dois objetos de discurso verbais são instaurados, na legenda, *Enem 2015* e *machistas*, sobre o qual se afirma *não*

passarão. Para colocar esses objetos de discurso verbais em relação com o objeto de discurso visual e, conseqüentemente, construir sentidos para o meme era necessário que o leitor partilhasse alguns conhecimentos com o produtor do texto.

Em primeiro lugar, além de reconhecer a imagem de Simone de Beauvoir, ele deveria estar familiarizado com seus pensamentos, isto é, com o fato de que ela foi uma intelectual de grande influência na teoria feminista. Em seguida, era necessário que o leitor partilhasse do conhecimento sobre a prova do Enem 2015, que abordou uma questão que apresentava uma teoria feminista da autora. Depois, era necessário ativar o conhecimento a respeito do termo *machista*, que, basicamente, é aquele que tem pensamentos opostos ao feminismo.

Com isso, é possível inferir que a legenda quer dizer “Machistas não passarão no Enem 2015”, ou seja, não serão aprovados na prova do Enem de 2015. Infere-se, também, que eles não passarão na prova, porque não conhecerão a teoria feminista de Simone de Beauvoir. O sorriso no rosto da pensadora, na imagem, dá a entender que ela está feliz com esse fato. Trata-se, assim, do que Propp (1992) chama de riso de alegria, que representa uma vitória das forças vitais e da alegria de viver. Assim, esse riso que Simone de Beauvoir manifesta e compartilha com o leitor é um riso de alegria de quem venceu o machismo.

No entanto, mais um sentido pode ser construído a partir da legenda. O termo “não passarão” ficou conhecido como um grito antifascista e, até hoje, ressurgue sempre que um movimento autoritário aparece como ameaça. Tem-se, portanto, uma intertextualidade implícita, em que um texto é retomado sem nenhum tipo de marca, logo, seu reconhecimento demanda maior capacidade de inferência por parte do leitor. Essa intertextualidade também é ampla, por fazer uma alusão a todos os textos que retomam esse grito antifascista.

Com isso, pode-se compreender que a legenda não quer dizer apenas que os machistas não passarão na prova do Enem. O predicado “não passarão” leva à inferência de que eles não resistirão, não conseguirão impor suas ideias. Logicamente, apenas o leitor que reconhecesse a intertextualidade implícita e, portanto, partilhasse do conhecimento a respeito desse termo seria capaz de chegar a essa inferência.

Temos, portanto, um meme cujo efeito de humor baseia-se no conhecimento prévio do leitor. Além disso, a estratégia textual de balanceamento de informações, com mais novo do que dado, exige muitas inferências e, com isso, as estratégias cognitivas também são constantemente mobilizadas.

Trata-se de um exemplo de humor com o objetivo de crítica social, uma vez que busca criticar aqueles que têm pensamento machistas e evidenciar que não há lugar para eles na sociedade.

Passemos agora a um meme com o mesmo objeto de discurso visual, mas texto verbal diferente:

Figura 29: meme “Enem feminista”



Disponível em: <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
 Acesso em 18 jul. 2018.

O objeto de discurso visual instaurado nesse meme é o mesmo do anterior: *Simone de Beauvoir*. Logo, pode-se dizer que aqui temos uma intertextualidade estrita, apresentada de forma implícita e dada não apenas pela relação entre esse meme e a imagem original, mas, também, pela relação entre esse meme e o anterior.

A imagem é exatamente a mesma: ela sorri, olhando para o leitor. Embora os recursos cinésicos – ou material não verbal, sejam exatamente os mesmos do meme anterior, a legenda levará o leitor a interpretá-los de maneira diferente.

A legenda dá a entender que a própria Simone dialoga com o leitor, ao apresentar o texto verbal “Já pensou não passar por minha causa?”. Assim, texto verbal e imagem são interdependentes, isto é, não constroem sentidos sozinhos.

Nesse caso, diferentemente do meme anterior, não se instaura o objeto de discurso verbal “Enem 2015”. No entanto, ele é apreendido pelo contexto de produção, isto é, pelo fato de o meme ter sido produzido logo após a prova do Enem, e pelas seguintes pistas: o objeto de discurso visual *Simone de Beauvoir*, que havia aparecido em uma questão da

avaliação, e o verbo “passar”. Chegar ao referente *Enem 2015* era essencial para que o efeito de humor do meme se mantivesse e exigia cálculos mentais do leitor.

Assim, a partir de tal referente, o leitor infere que a legenda quer dizer “Já pensou não passar na prova do Enem por causa de Simone de Beauvoir?”. Porém, para chegar a tal inferência, era necessário que se partilhasse do conhecimento enciclopédico a respeito de quem é Simone de Beauvoir e sobre o conteúdo da prova do Enem.

Mais estratégias cognitivas são ativadas, pois é necessário também que o leitor infira a quem Simone de Beauvoir estaria se referindo ao lançar a frase “Já pensou não passar por minha causa?”. Conclui-se que ela se refere aos machistas, àqueles incapazes de se familiarizar com as ideias feministas.

Uma pista para tal inferência é o sorriso da pensadora, que leva o leitor a crer que ela está feliz com o fato de que aquele que não reconhece seu trabalho será, de alguma forma, punido. Daí vem a expressão *por minha causa*, na pergunta que ela dirige ao leitor, que quer diz que Simone de Beauvoir estaria feliz/satisfeita por ser a razão pela qual aqueles que não estão a par de sua teoria serão reprovados no Enem.

Aqui, diferentemente do meme anterior, ela não ri com o leitor, ela ri do leitor. Trata-se do que Propp (1992) chama de riso cínico, um riso individual, que estabelece a inferioridade humana e consequentemente social de quem se torna objeto do riso. O riso faz visível a todos um defeito escondido.

Logo, embora estejamos diante da mesma imagem do meme anterior, com os mesmos recursos cinésicos, o texto verbal acaba por transformá-la e, com isso, o sentido atribuído ao sorriso de Simone de Beauvoir adquire outro significado.

O efeito de humor desse meme reside no conhecimento prévio e nas inferências, além da necessidade de colocar em relação imagem e texto verbal. Trata-se de um texto cujo objetivo do humor é a crítica social àqueles que rejeitam ou escolhem ficar alheios às ideias feministas.

Outro símbolo feminista aparece no próximo meme:

Figura 30: meme “Enem feminista”



Disponível em: <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Instauram-se, nesse meme, dois objetos de discurso visuais: *Frida Kahlo* e a cantora *Chavela Vargas*. No entanto, o mais conhecido deles é Frida Kahlo, artista feminista da década de 40, considerada muito a frente de seu tempo. Trata-se de um meme que estabelece uma relação de intertextualidade estrita dada pela copresença de uma imagem que já havia sido publicada em outro contexto. Essa intertextualidade não é sinalizada de nenhuma forma e, portanto, é implícita, o que exige mais inferências do leitor. Ambas as mulheres olham para o leitor e riem. Embora Frida tampe os lábios com a mão, é possível perceber o riso pelas suas expressões, Chavela, por sua vez, apresenta um riso largo. São recursos cinésicos – ou material não-verbal - que indicam que ambas estão muito felizes com algo.

Para que se construa sentido para esse meme, a legenda é essencial, razão pela qual temos uma interdependência entre texto verbal e imagem. Ela diz “Aqui de boas assistindo ao choro dos machistas” e instaura o objeto de discurso verbal *choro dos machistas*.

Mais uma vez, o entendimento desse meme exige conhecimento de mundo do leitor e, portanto, estratégias cognitivas são ativadas, já que há pouca informação dada e muita informação nova. Em primeiro lugar, ele necessita reconhecer, ao menos, o objeto de discurso visual *Frida Kahlo* e partilhar, com o produtor do texto, o conhecimento sobre o fato de ela ser um ícone feminista. Precisa, também, estar a par do contexto de produção do meme, isto é,

saber que ele foi produzido logo após a prova do Enem, além, é claro, de saber que a referida avaliação apresentou conteúdo considerado feminista.

Com isso, é possível interpretar o objeto de discurso verbal *choro dos machistas* e inferir que os machistas chorariam de tristeza por não conseguir responder uma questão da prova e/ou redigir a redação, já que desconheceriam a temática feminista. Também é possível inferir que eles chorariam de raiva ao ver tal assunto abordado no exame.

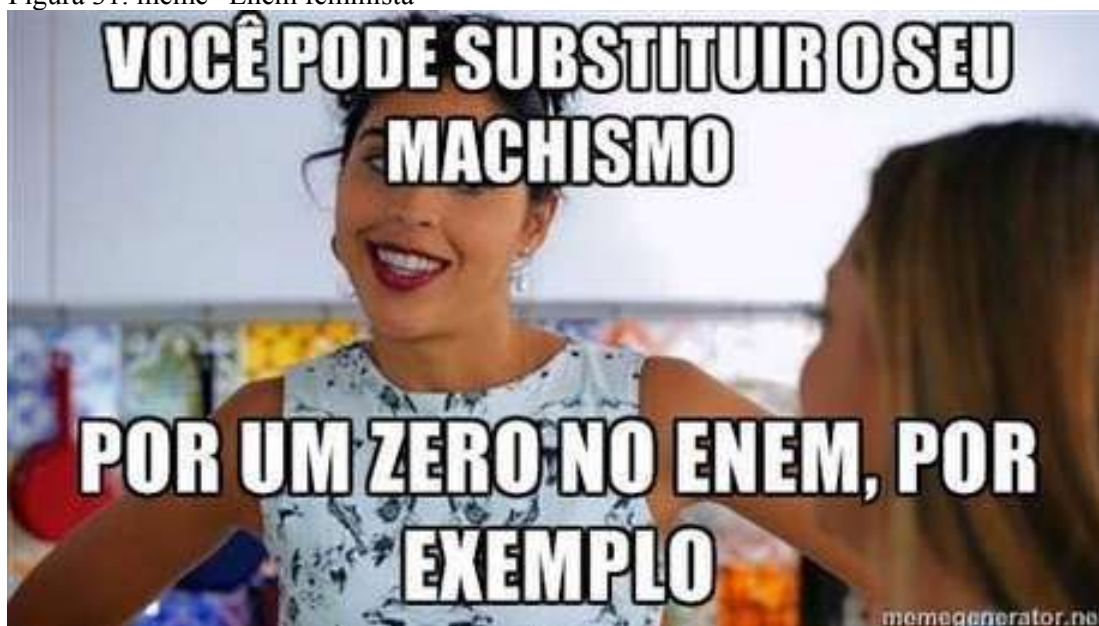
Depreender o referente Enem 2015 é essencial para a compreensão do efeito de humor desse meme, no entanto, ele não está explícito. Somente a partir da relação apresentada entre os objetos de discurso visuais e o objeto de discurso verbal *choro dos machistas* é que é possível ao leitor chegar a ele.

Por último, a expressão “de boas”, gíria que indica tranquilidade, aliada ao riso de Frida Kahlo e Chavela Vargas, indica que elas estariam felizes com o fracasso dos machistas. Esse é o riso que Propp chama de riso de zombaria, que nasce do desmascaramento de defeitos da vida interior, espiritual do homem. Logo, as amigas estariam zombando dos machistas, pois, ao deparar-se com o choro deles diante da prova, teriam os desmascarado.

Trata-se, também, de um meme cujo efeito de humor reside no conhecimento prévio do leitor e em sua capacidade de realizar inferências. O objetivo do humor, aqui, é também a crítica social aos machistas.

Diferentemente dos anteriores, o próximo meme não apresenta um ícone feminista:

Figura 31: meme “Enem feminista”



Disponível em <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura o objeto de discurso visual *Bela Gil*, ativado a partir do conhecimento prévio do leitor. Ela olha para uma mulher, que aparece de costas na imagem, e sorri, com os braços na cintura. Tem-se, aqui, uma intertextualidade ampla, visto que esse meme remete não a uma imagem específica, publicada em um determinado contexto, mas ao programa de Bela Gil, de forma genérica, de modo que tal intertextualidade pode, inclusive, não ser reconhecida pelo leitor. Outro objeto de discurso visual instaurado é a *mulher de costas*.

O texto verbal apresenta a seguinte frase: “Você pode substituir o seu machismo por um zero no Enem, por exemplo.” e dá a entender que se trata de uma fala de Bela Gil. Em primeira instância, pode-se inferir que ela se dirige à mulher de costas que aparece na imagem do meme, visto que olha para ela. Entretanto, é possível recategorizar essa mulher em *você* e, ainda, recategorizar esse *você* em *leitor*. Com isso, depreende-se que Bela Gil dirige-se ao leitor e o objeto de discurso visual *mulher de costas* seria sua representação.

É na relação interdependente da imagem com o texto verbal que se constrói sentido para o meme. A fala de Bela Gil instaura três objetos de discurso verbais *você*, *seu machismo* e *um zero no Enem*. Logo, aqui, o objeto de discurso *um zero no Enem* já evidencia ao leitor que se trata de um meme sobre a prova, sem que, ao contrário do meme anterior, ele precise inferir isso.

Ainda assim, as estratégias cognitivas são bastante exigidas para a compreensão desse texto, especialmente no que diz respeito ao reconhecimento da intertextualidade. Mais do que reconhecer Bela Gil na imagem do meme, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento enciclopédico a respeito do fato de que ela é apresentadora do programa *Bela Cozinha*, no canal GNT, em que prega a alimentação saudável e consciente. Com isso, ficou conhecida pela frase “Você pode substituir x por y”, em que o x seria um alimento ruim para saúde, enquanto o y seria um alimento saudável, mas não haveria prejuízos no sabor. Por isso, para a compreensão desse meme, é preciso que o leitor reconheça a intertextualidade implícita presente tanto na imagem, retirada de um momento do programa de Bela Gil, quanto no texto verbal, que recupera uma fala comum à apresentadora. O efeito de humor reside, portanto, na intertextualidade com o programa, ou seja, no fato de a fala de Bela Gil ter sido retirada do contexto do programa e levada para o meme.

Mas os objetos de discurso verbais nos levam a depreender o humor também da temática abordada no texto. Ao colocar em relação os referentes *machismo* e *zero no Enem*, no contexto da legenda, o leitor infere que o machismo será equivalente a nota zero no Enem, assim como, na fala de Bela Gil, um alimento x equivale a um alimento y. Para compreender a relação entre o *machismo* e o *zero no Enem*, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento a respeito do conteúdo supostamente feminista abordado na prova para compreender por que o machismo resultaria em uma nota zero no exame.

Conclui-se, portanto, que o efeito de humor desse meme baseia-se, principalmente, na intertextualidade e no conhecimento prévio. Trata-se de humor com objetivo de crítica social, pois, assim como os anteriores, critica o machismo na sociedade e se satisfaz com a “punição” que os machistas receberão por esse comportamento através da prova do Enem.

Os quatro memes analisados vinculam a ideia de que o machismo poderia causar a reprovação no Enem. Já o último meme escolhido para a temática Enem feminista diferencia-se dos anteriores, primeiramente, por ser composto por mais de um quadro e, em segundo lugar, por não abordar uma crítica ao machismo.

Figura 32: meme “Enem feminista”



Disponível em: <https://machistinhasdoenem.tumblr.com/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura dois objetos de discurso visuais *homem* e *menino*. São os autores Johnny Deep e Freddie Highmore. Trata-se de cenas do filme “Em busca da Terra do Nunca”, o que gera, portanto, uma intertextualidade estrita, dada por uma alusão implícita com o filme, visto que não há nenhum elemento que o identifique no meme. No entanto, diferentemente de outros memes, nesse caso, para construção de sentidos, não é necessário que o leitor partilhe desse conhecimento. O mais importante aqui são os recursos cinésicos – ou o material não-verbal - apresentados quadro a quadro e colocados em relação com o texto verbal. Tem-se, portanto, relação interdependente entre imagem e texto.

O primeiro quadro apresenta o objeto de discurso visual *menino*, ao qual atribui-se tristeza. Pode-se inferir essa predicação a partir de recursos cinésicos evidentes: seus olhos marejados e a expressão triste (signos cinéticos rápidos que indicam tristeza). O texto verbal representa uma fala do menino: “A questão da Simone de Beauvoir deixa claro a doutrinação comunista do MEC”. Ela instaura os objetos de discurso verbais *a questão da Simone de Beauvoir* e *a doutrinação comunista do MEC*. O objeto de discurso *a questão da Simone de Beauvoir*, introduzido pelo artigo definido *a*, indica que o conhecimento prévio sobre o assunto é inerente ao referente, pois o introduz como se fosse conhecido do leitor. Ele se ancora no pressuposto de que o leitor partilha do conhecimento prévio a respeito do conteúdo abordado na prova do Enem. Para interpretá-la é necessário, portanto, colocar em prática estratégias cognitivas. Concluimos, assim, que se trata de uma introdução referencial ancorada em conhecimento prévio do leitor a respeito do Enem 2015.

O outro objeto de discurso verbal *a doutrinação comunista do MEC* estabelece relação clara com o objeto anterior, pois atribui a ele um predicado. A compreensão de tal introdução referencial exige que o leitor partilhe de um conhecimento de mundo acerca do fato de os deputados Jair Bolsonaro e Marcos Feliciano terem acusado o Exame Nacional do Ensino Médio de doutrinação comunista, por conta da questão sobre Simone de Beauvoir apresentada na prova, e de muitas pessoas de posição política conservadora terem concordado com eles e repetido a mesma ideia. Bolsonaro chegou a chamar a avaliação de Exame Nacional do Ensino Marxista, numa alusão ao revolucionário socialista Karl Marx.³⁰

Embora nem todos partilhassem desse conhecimento prévio – ou da mesma opinião dos deputados - de toda forma, levando em conta o aparato sociocognitivo, é possível para o leitor concluir que tal referente é apresentado como conhecido do leitor, porque aquele que

³⁰ Tal fato foi apresentado em matéria do G1, com imagens retiradas das contas dos deputados no Twitter. Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/enem/2015/noticia/2015/10/deputados-bolsonaro-e-feliciano-acusam-enem-de-doutracao.html>. Acesso em 13 de julho de 2017.

produz a fala – no caso, o menino – parte do pressuposto de que todos têm o mesmo pensamento que ele e, logo, a doutrinação comunista do MEC é um conhecimento partilhado e facilmente recuperável.

O próximo quadro instaura o referente *homem*. Os recursos cinésicos, como o olhar baixo e a testa franzida indicam quem ele olha com piedade para o menino. O fato de, agora, seu rosto estar focalizado, indica que devemos atribuir a fala a ele: “A prova também tinha questões com Santo Tomás de Aquino e David Hume”. Ela instaura os objetos de discurso verbais *a prova* e *questões com Santo Tomás de Aquino e David Hume*. O referente *a prova* é uma anáfora indireta que retoma o referente Enem 2015, já inferido pelo leitor a partir dos objetos de discurso verbais do quadro anterior. Isso significa que não há menção lexical a ele, mas que é possível depreendê-lo pelas pistas linguísticas e pelo contexto de produção do meme.

O segundo objeto de discurso verbal *questões com Santo Tomás de Aquino e David Hume* exigia do leitor o conhecimento prévio a respeito de quem são essas duas pessoas. Tomás de Aquino foi um frade cujas obras tiveram grande influência na teologia e na filosofia. David Hume foi um filósofo, célebre por seu ceticismo e empirismo radical, considerado um dos pensadores mais importantes do iluminismo escocês. Importante destacar que, uma vez que o produtor tem consciência de que dificilmente o leitor partilhará do conhecimento a respeito dessas questões, ele introduz esse referente como novo, sem o artigo definido, ao contrário dos objetos de discurso do quadro anterior.

A partir dos objetos de discurso verbais apresentados no segundo quadro é possível inferir, portanto, que a fala é uma contra-argumentação ao que foi apresentado no quadro anterior.

O último quadro retoma os dois objetos de discurso visuais instaurados anteriormente, que aparecem abraçados. A mão do homem no peito e na cabeça do menino, bem como o abraço em si, são signos cinéticos lentos que indicam que ele está consolando-o. A fala reforça a imagem e pode ser atribuída ao homem, uma vez que era o menino quem estava chorando: “Não chore, reacinha. O pluralismo de ideias não faz mal a ninguém.”

Dois objetos de discurso verbais são apresentados nela *reacinha* e *o pluralismo de ideias*. O referente *reacinha* recategoriza o objeto de discurso visual *menino*, predicando a ele um atributo, o de ser *reacinha*. Para construir sentido para tal recategorização, o leitor deve partilhar do conhecimento prévio acerca do que é ser *reaça*. Trata-se de uma abreviação de reacionário e é uma forma pejorativa de se referir a pessoas com ideias conservadoras e/ou que possuem posicionamento político de direita. Assim, infere-se que o *menino* é

recategorizado como *reacinha*, pois, no primeiro quadro, apresentou um posicionamento contrário à questão de Simone de Beauvoir, que apareceu na avaliação do Enem, e, por essa razão, acusou o MEC de doutrinação comunista. O sufixo *-inha*, inserido no substantivo *reaça*, tanto se relaciona ao fato de o homem estar se dirigindo a uma criança quanto atribui carga ainda mais pejorativa a ele.

Já o objeto de discurso *o pluralismo de ideias* é uma anáfora que retoma e recategoriza os objetos de discurso verbais *a questão de Simone de Beauvoir* e *questões com Santo Tomás de Aquino e David Hume*. Isto é, o referente *o pluralismo de ideias* é uma expressão única que não apenas retoma esses dois referentes anteriores como também os encapsula e recategoriza, apresentando um juízo de valor do produtor do texto, segundo o qual o fato de o Enem ter apresentado questões que abordavam diferentes pensadores representa pluralismo de ideias.

Sabemos que não há uma estabilidade entre palavra e referente, ou seja, os referentes, em um texto, não são dados, mas, sim, construídos ao longo da interação, e esse meme é um bom exemplo disso, visto que os objetos de discurso são construídos ao longo do texto, representando a visão de mundo de seu produtor.

Ainda sobre o objeto de discurso *o pluralismo de ideias* predica-se *não faz mal a ninguém*, portanto, ele recebe o atributo de ser bom.

Importante destacar que o referente Enem 2015, embora seja essencial para a compreensão dos sentidos do texto, é depreendido, nesse meme, apenas por inferenciação, isto é, sem que se manifeste explicitamente. Há pistas linguísticas – já apresentadas – que levam o leitor a ele, mas não há menção lexical alguma. Depreender esse referente é importante, pois é a partir dele que o leitor chega a outra inferência: a de que, se o Enem 2015 apresentou pluralismo de ideias e o pluralismo de ideias é bom, logo, o Enem 2015 foi uma boa prova, o que leva ao sofrimento dos *reaças*. Com isso, ele consegue entender o ponto de vista do produtor do texto.

O conhecimento superestrutural do gênero meme leva o leitor a procurar o humor em uma imagem que retrata tristeza e, também, a perdoar a falta de concordância nominal em “deixa claro a doutrinação...”, tendo em vista que uma de suas características é a linguagem informal.

O efeito de humor, nesse texto, baseia-se no conhecimento prévio e na capacidade de inferenciação do leitor. Depreendê-lo, portanto, exige que se trabalhe com estratégias cognitivas, além das textuais acionadas para a compreensão do processo de referenciação no meme. O humor, nesse caso, tem também o objetivo de crítica social, mas, diferentemente dos

anteriores, que criticavam o machismo, esse busca criticar os *reaças*, aqueles que, por seu posicionamento político conservador, são contrários ao pluralismo de ideias.

Uma vez que os memes que compartilham tema estão muito atrelados ao momento em que foram produzidos, o conhecimento prévio, reconhecimento de intertextualidades – estritas e amplas – e inferências parecem ser um requisito essencial para o efeito de humor nos memes apresentados. Além disso, a recategorizações também parecem atuar como elementos-chave importantes para que se chegue ao efeito de humor. Vejamos se o mesmo acontece com os memes que compartilham forma.

4.2 Memes que compartilham forma

Os primeiros memes que serão apresentados nessa categoria são os memes do E.T, também conhecidos como “Amiga, me segura/me solta”.

4.2.1 Amiga, me segura/ me solta

Todos os memes desse agrupamento apresentam uma relação de intertextualidade estrita com a imagem original, cujo contexto de produção foi apresentado anteriormente. Além disso, todos eles dialogam entre si, visto que todos reproduzem a mesma imagem.

Figura 33: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <https://www.altoastral.com.br/7-dicas-para-deixar-ser-trouxa/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Nesse meme, são instaurados dois objetos de discurso visuais: *E.T.* e *mulher*. O *E.T.* tem uma expressão brava, com os olhos apertados, a testa franzida e a boca entreaberta (signos cinéticos rápidos); tenta se desvencilhar (signo cinético lento) da mulher que o segura. Já a mulher, embora esteja segurando o *E.T.*, faz isso sem aparentar grande esforço. Ela esboça um sorriso quase de deboche, como se soubesse que o *E.T.* não vai conseguir se soltar, e olha para ele. Esses são os recursos cinésicos – ou material não-verbal – que nos permitem compreender as imagens.

No entanto, o sentido não vai além dessa leitura, a menos que coloquemos a imagem em relação com o texto verbal. Por isso, podemos dizer que todos os memes do *E.T.* apresentam interdependência entre imagem e texto.

O texto verbal diz “MEU DEUS/UM PAPEL DE TROUXA/ME SOLTA QUE EU VOU FAZER”. Todas as letras desse texto são maiúsculas, o que, na Internet, convencionou-se significar que a pessoa que fala está gritando. Assim, trata-se de um recurso prosódico que indica a entonação da voz daquele que fala. No caso, podemos atribuir a fala ao *E.T.*, já que é ele que está tentando se soltar.

Esse texto retoma a expressão “fazer papel de trouxa” – popularmente empregada por aqueles que, de alguma forma, se sentiram enganados ou traídos em alguma situação – alterando sua ordem e, assim, topicalizando o termo “papel de trouxa”. Trata-se de uma estratégia textual de articulação tema/rema, sendo que o tema é o segmento sobre o qual recai a predicação do rema, como explica Koch (2010). Assim, o tema, nesse período, é “um papel de trouxa” enquanto o rema é “me solta que eu vou fazer”.

Essa estratégia de organização da informação, com um objeto de discurso muito relevante para a construção de sentido como tema, é repetida em todos os memes “Me segura/me solta”, como uma “fórmula”, de modo que podemos considerar que temos aqui, portanto, memes que compartilham forma não apenas no que diz respeito à imagem, mas também no que diz respeito à organização textual. Por essa mesma razão, temos dois tipos de intertextualidade nesse agrupamento: a intertextualidade estrita decorrente da presença da mesma imagem em todos os memes, como já foi explicado, e a intertextualidade ampla, que surge do reconhecimento de uma mesma “fórmula” neles. Como Cavalcante, Faria e Carvalho (2017) explicam, essa intertextualidade se dá quando não é possível se atribuir intertextualidade a um único texto-fonte, mas é possível reconhecer a imitação de um certo estilo nos textos.

A opção por colocar “um papel de trouxa” como tema pode ser considerada uma estratégia, por parte do produtor, para chamar a atenção do leitor para ela. Isso porque a

ordem normal da frase – inclusive seguindo a expressão popularmente utilizada – seria “Me solta que eu vou fazer um papel de trouxa”, mas isso não daria tanto destaque à expressão “papel de trouxa”, que é considerada um objeto de discurso verbal instaurado pelo texto.

O texto verbal instaura também o objeto de discurso verbal *eu*, que recategoriza *E.T.*. Assim, o *E.T.* passa a representar *eu*, isto é, este que, em última instância, é o *produtor/compartilhador do meme*. Embora essa recategorização de *E.T.* em *eu* seja feita de forma explícita, o segundo passo, que é recategorizar o *eu* em *produtor/compartilhador do meme* exige cálculos mentais. Por último, o *produtor/compartilhador do meme* é recategorizado em trouxa. Nesse exemplo, percebemos que pistas textuais nos levam a tal recategorização, como as expressões “me solta” e “eu vou fazer”, que nos levam a concluir que o *produtor/compartilhador do meme* é quem deseja “fazer papel de trouxa”.

Importante destacar que “fazer papel de trouxa” é diferente de ser “trouxa”. A leitura da imagem, associada ao texto verbal, nos leva a concluir que o produtor/compartilhador do meme deseja “fazer papel de trouxa”. Logo, ser enganado deixa de ser uma condição circunstancial e passa a ser algo que não só acontece sempre, como é desejado por ele, por isso, ele pode ser recategorizado como um *trouxa*.

O efeito de humor nesse meme reside, primeiramente, na imagem inusitada de um *E.T.* sendo segurado por uma mulher em uma pintura. Indo além, ao colocar a imagem em relação com o texto verbal, concluímos que ele depende do reconhecimento das recategorizações. Trata-se de uma estratégia textual, mas, como foi evidenciado anteriormente, fica claro que ela também exige cálculos mentais do leitor e, portanto, estratégias cognitivas também são importantes.

Podemos dizer que o humor, nesse texto, tem como objetivo a liberação, isto é, espera-se que, através dele, rompa-se a proibição e a censura imposta ao indivíduo ou a grupos, como explica Travaglia (1989). Isso porque, quando uma pessoa compartilha esse meme, ela implicitamente diz “Eu sou um trouxa”. Não é esperado, pela sociedade, que alguém deseje “fazer papel de trouxa”, mas, uma vez que isso parece inevitável para alguns, reconhecer a situação e rir dela parece ser uma forma de aceitação e, consequentemente, liberação.

Cabe destacar a função desse “eu” para se cumprir o objetivo de liberação pelo humor. De acordo com Hilgert (2009), o uso do “eu”, em um texto, cria o efeito de sentido de identificação no destinatário e anula a distância entre autor e leitor. Quando o produtor do meme, portanto, reconhece que “eu sou um trouxa”, ele leva o leitor a se identificar com a mensagem do meme e, por isso, compartilhá-lo, buscando a aceitação da sociedade para esse comportamento. Como explica Shifman (2014), ao espalhar memes, as pessoas estão

buscando não apenas compartilhar algo que consideram engraçado, mas também expressar seus sentimentos quanto a isso. E esse meme é um exemplo claro dessa maneira de ser viver a era digital.

Vejamos se o mesmo ocorre no próximo meme.

Figura 34: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <http://geradormemes.com/meme/3m1tq3>
 Acesso em 18 jul. 2018

Uma vez que estamos apresentando memes que compartilham forma, temos, aqui, obviamente, os mesmos objetos de discurso visuais: *E.T.* e *mulher*, que apresentam os mesmos recursos cinésicos e prosódicos. Logo, a construção de sentido para o meme está totalmente atrelada ao texto verbal, por isso, temos, mais uma vez, a relação interdependente entre imagem e texto.

A organização da informação nesse meme reproduz a “fórmula” apresentada no anterior, mas busca-se topicalizar o termo *um cachorro*, em “Me segura que eu vou adotar um cachorro”. Logo, *um cachorro* é o tema sobre o qual recai o rema *me segura que eu vou adotar*. Trata-se, como já foi explicado, de uma estratégia textual empregada, por parte do produtor, para destacar esse termo, visto que ele é essencial para a construção de sentido que se espera do leitor.

O texto verbal instaura os objetos de discurso *um cachorro* e *eu*. O objeto de discurso visual *E.T.* é recategorizado em *eu*, que, por sua vez, é recategorizado em

produtor/compartilhador do meme, recategorização essa que se dá a partir de cálculos mentais. Por fim, recategoriza-se, ainda *produtor/compartilhador do meme* em *cachorreiro* (expressão comumente utilizada para designar aqueles que amam cachorros/têm muitos cachorros em casa). Essa última recategorização é uma recategorização sem menção referencial, como explica Custódio Filho (2011), uma vez que ela não é expressa explicitamente pelo texto e exige inferências do leitor. Segundo o autor, a recategorização sem menção referencial se dá quando o referente é manifesto no texto por uma expressão nominal sem que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que pode participar. Nesse caso, tal recategorização se dá através de inferências, baseada em pistas textuais como o objeto de discurso *cachorro*, sobre o qual se predica “me segura que eu vou adotar”.

Aqui, mais uma vez, o humor reside, primeiramente, na relação inusitada de um E.T. sendo segurado por uma mulher em uma pintura. No entanto, a leitura do texto verbal nos permite depreender ainda mais humor desse meme, uma vez que tal efeito reside nas recategorizações apresentadas a partir das relações entre imagem e texto verbal e, também, a partir das inferências feitas pelo leitor a partir das pistas verbais deixadas.

Temos também nesse meme o humor com objetivo de liberação, como explica Travaglia (1989). Trata-se, mais uma vez, de o *produtor/compartilhador* do meme assumir o que seria considerado um “defeito” e, assim, buscar a aceitação da sociedade. Como apresentado no meme anterior, esse objeto de discurso *eu*, instaurado no meme, leva o leitor a se reconhecer no texto e, com isso, compartilhá-lo. Ser cachorreiro não carrega uma carga tão negativa quanto ser trouxa, recategorização apresentada no meme anterior, mas ainda assim pode ser visto com maus olhos pela sociedade, razão pela qual busca-se a liberação.

O próximo meme também instaura os mesmos objetos de discurso visuais *E.T* e *mulher*, com os mesmos recursos cinésicos já explicados anteriormente.

Figura 35: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <https://me.me/i/meu-deus-uma-cama-e-segura-u-voudormir-bem-eu-4973640>
 Acesso em 18 jul. 2018.

O texto verbal diz “MEU DEUS/UMA CAMA/ME SEGURA Q EU VOU DORMIR”, em letras maiúsculas, indicando, como recurso prosódico, que o enunciador está gritando. Tal texto instaura os objetos de discurso verbais *uma cama* e *eu*. Esse último recategoriza o objeto de discurso visual *E.T.*. Logo, a partir da identificação que esse *eu* gera no leitor, como explica Hilgert (2009), o objeto de discurso *eu* é recategorizado em *produtor/compartilhador do meme*. Por fim, chegamos a uma recategorização sem menção referencial que nos leva ao objeto de discurso *preguiçoso*, a partir de cálculos mentais e também de pistas textuais, como o objeto de discurso *uma cama* e a predicação *vou dormir*.

Por reproduzir o mesmo formato dos memes anteriores, vemos, também nesse texto verbal, que o objeto de discurso *uma cama* é topicalizado. Ele é apresentado como um tema, sobre o qual recai o rema “me segura q eu vou dormir”. Trata-se de uma estratégia textual,

por parte do produtor do texto, para colocar esse objeto de discurso em evidência, já que ele é essencial para que se chegue à recategorização *preguiçoso*.

Vale destacar, também, ainda no que diz respeito às estratégias textuais de construção de sentido e ativação do conhecimento linguístico, o fato de esse objeto de discurso ser introduzido pelo artigo indefinido *uma*. Esse artigo também ajuda o leitor a chegar à recategorização *preguiçoso*, uma vez que evidencia que o objeto de discurso *eu* deseja dormir em *qualquer* cama, já que, como se sabe, o uso do artigo indefinido tende a generalizar o substantivo, o que não ocorreria se *cama* fosse precedido do artigo definido *a* ou do pronome possessivo *minha*.

O conhecimento sociointeracional, especificamente o superestrutural, permite ao leitor reconhecer esse texto como pertencente ao gênero meme e, portanto, aceitar a abreviação de “que” em “q”, já que abreviações desse tipo são características de textos que circulam na internet.

O efeito de humor, nesse meme, além de residir na imagem, reside também, especialmente, nas estratégias textuais, embora também exija cálculos mentais do leitor e, portanto, estratégias cognitivas também são ativadas. Trata-se de um exemplar de meme cujo objetivo do humor é a liberação, por levar o leitor a se reconhecer, assumir e buscar a aceitação de seu “defeito” de ser *preguiçoso*.

Passemos ao próximo meme, no qual os mesmos objetos de discurso visuais são instaurados aqui: *E.T.* e *mulher*, com os mesmos recursos cinésicos. Tal repetição é a razão pela qual o texto é tão importante para a construção de sentido do meme, o que gera uma relação interdependente entre texto verbal e não-verbal.

Figura 36: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <https://me.me/i/meu-deus-uma-decisao-errada-me-facebook-com-mesoltamiga-que-eu-vou-1286134>

Acesso em 18 jul. 2018.

O texto verbal apresenta, em letras maiúsculas (recurso prosódico que indica que o produtor do texto está gritando), “MEU DEUS! UMA DECISÃO ERRADA/ME SEGURA QUE VOU TOMAR.”, e instaura os objetos de discurso verbais *uma decisão errada* e *eu*, que, nesse acaso, aparece elipticamente e recategoriza o objeto de discurso visual *E.T.*. O referente *eu*, por sua vez, é recategorizado, a partir de inferências em *produtor/compartilhador do meme*. Por fim, a partir de recategorização sem menção referencial chegamos ao objeto de discurso *irracional*, com base em cálculos mentais realizados a partir do objeto de discurso *uma decisão errada* e sobre o que se predica a ele.

A “fórmula” de organização textual desse meme é repetida: instaura-se um objeto de discurso importante para a construção de sentido, no caso, *uma decisão errada* sobre o qual

recai o rema *me segura que vou tomar*, dando maior destaque, assim, ao termo *uma decisão errada*.

Percebe-se, mais uma vez, que o efeito de humor reside no reconhecimento de tais recategorizações, logo, ele se baseia em estratégias textuais, embora não possamos descartar os cálculos mentais realizados para a construção de sentidos nesse meme.

Importante destacar que o rema “me segura que eu vou tomar” indica o reconhecimento, por parte do produtor/compartilhador do meme de que ele tem o hábito de se deparar como uma decisão errada e não tomá-la. Logo, decidir erroneamente é ser algo frequente, razão pela qual o *eu* assume essa recategorização em *irracional*. Assim, a sensação de identificação criada, no leitor do texto, pelo uso do *eu* (ainda que elíptico) leva ao seu compartilhamento, evidenciando-se, assim, o humor com objetivo de liberação: o produtor/compartilhador do meme reconhece seu defeito e espera que, com isso, a sociedade o aceite.

Passemos ao último meme, que foi divulgado pelo Ministério do Turismo, em sua página no Facebook.

Figura 37: meme “Amiga, me segura”



Disponível em: <http://www.bluebus.com.br/post-do-ministerio-do-turismo-no-facebook-usa-meme-do-alien-na-obra-de-arte/>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Novamente, instauram-se os objetos de discurso visuais *E.T.* e *mulher*. O texto verbal, em maiúsculas, é MEU DEUS/UMA PRAIA BRASILEIRA/ME SEGURA QUE EU VOU CONHECER!, e instaura os objetos de discurso verbais *uma praia brasileira* e *eu*.

Assim como nos outros memes, o objeto de discurso verbal *E.T.* é recategorizado em *eu*, que, por sua vez é recategorizado em *produtor/compartilhador do meme* e, por fim, sofre uma recategorização sem menção referencial, transformando-se em *viajante*. Chega-se a ele a partir de pistas textuais como o objeto de discurso *uma praia brasileira*, sobre o qual se predica *vou conhecer*.

Repete-se, aqui, a mesma fórmula de organização textual dos memes anteriores. Tem-se o tema “uma praia brasileira”, sobre o qual recai o rema “me segura que eu vou conhecer”. O tema, portanto, topicaliza e instaura um objeto de discurso essencial para a construção de sentido do meme, pois se trata de uma pista textual importante para a recategorização do *eu* em *apreciador de praias*.

Além disso, como falamos de uma postagem do Ministério do Turismo brasileiro, colocar o termo “uma praia brasileira” em evidência pode ser visto também uma estratégia para promover o turismo no país. Reconhecer esse objetivo é ativar o conhecimento sociointeracional, especialmente o ilocucional, que permite reconhecer os objetivos ou propósitos que um falante pretende atingir em determinada interação.

O conhecimento ilocucional também nos ajuda a entender o fato de que, de todos os memes analisados nesse agrupamento, esse é o único que se preocupa com a pontuação. Isso porque o fato de ter sido produzido por uma instituição faz com que o cuidado com a linguagem seja maior.

O humor reside, mais uma vez, no reconhecimento das recategorizações e na identificação do leitor, que se coloca como o *eu* nesse meme.

Embora o rema “me segura que eu vou conhecer” indique um certo vício por parte do *produtor/compartilhador* do meme, já que ele precisa que alguém o impeça de realizar uma viagem, reconhecer-se como *viajante* não necessariamente indica reconhecer um defeito. Ainda assim, consideramos que esse meme pode apresentar a liberação como objetivo para o humor, por indicar algo que é mais forte do que aquele que o produtor do texto, o que poderia, portanto, ser um defeito para o qual ele busca redenção.

Percebemos que o riso que os memes analisados causam é o que Propp (1992) chama de riso bom, aquele provocado por defeitos irrelevantes. Para o autor, “no quadro geral de uma avaliação positiva e da aprovação, um pequeno defeito não provoca condenação, mas

pode, ao contrário, reforçar um sentimento de afeto e simpatia” (p. 152). Assim, a exposição desses pequenos defeitos, através dos memes, gera, em que os lê, um sentimento de afeto, de maneira que aquele que os possui é perdoado e alcança, assim, a liberação.

O efeito de humor, nesses memes, está, principalmente, ligado às recategorizações explicadas. Como há mais informação nova do que dada, isto é, mais implícito do que explícito, chegar a elas exige do leitor cálculos mentais e inferências.

Além disso, há que se reconhecer que o efeito de humor também decorre da intertextualidade. Não apenas da intertextualidade estrita decorrente da presença da mesma imagem em todos os memes, mas também da intertextualidade ampla, que surge do reconhecimento de uma mesma “fórmula” neles. Logo, o efeito de humor está ligado, também, ao reconhecimento da imagem e à identificação dessa imitação organização dos textos verbais.

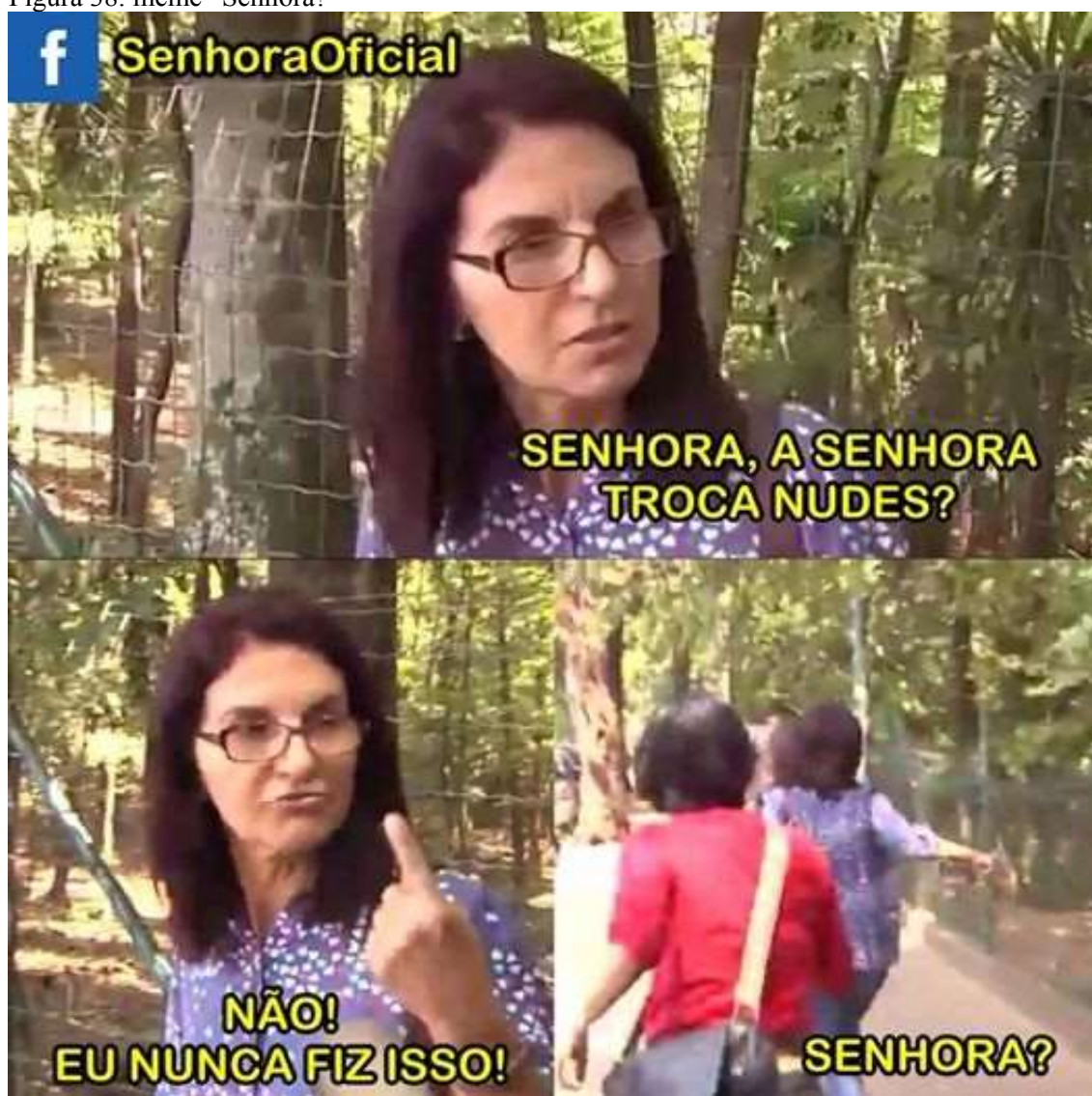
Vejamos se o próximo agrupamento de memes que compartilham forma segue o mesmo padrão no processo de construção dos sentidos.

4.2.2 Senhora?

Estamos diante, agora, dos memes “Senhora?”, que têm como formato a apresentação das reações da “senhora” quadro a quadro. Tem-se aqui a intertextualidade estrita, que se dá em dois casos. O primeiro por retomar o vídeo específico do momento em que a funcionária pública foi entrevistada. O segundo caso se dá na relação entre os próprios memes, que acabam por dialogar entre si. São intertextualidades implícitas, pois não fazem menção direta ao vídeo, tampouco aos outros memes existentes.

Embora esse formato de apresentação de uma narrativa quadro a quadro possa se assemelhar ao gênero quadrinhos, nós acreditamos que ainda estamos diante do gênero memes. Ramos (2011) afirma que o gênero quadrinhos é caracterizado por ser “uma narrativa maior que um quadro ou uma tira, que tende a usar o formato mínimo de uma página e costuma ser identificada pelo tema abordado.” (p.90). Embora essa definição possa ser aplicada ao meme “Senhora”, acreditamos que a replicação, em diferentes memes, das mesmas imagens, que adquirem diferentes significados a partir do texto verbal, além da apresentação de imagens retiradas de um contexto real, – e não desenhos ou fotos montadas exclusivamente para contar uma história – leva-nos a enquadrar essa representação no gênero meme.

Figura 38: meme “Senhora?”



Disponível em: <https://me.me/i/f-senhoraoficial-senhora-asenhora-troca-nudes-nao-eu-nuncafizisso-to-11185885>

Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura, no primeiro quadro, o objeto de discurso visual *senhora*, reforçado pela legenda, que instaura o mesmo objeto de discurso verbal *senhora*. A *senhora* apresenta uma expressão de certo espanto, com os lábios entreabertos e a sobrancelha franzida (signos cinéticos lentos). Sua postura indica que ela está olhando para a pessoa que lhe faz a pergunta, embora esta não apareça. As rugas, bem como o uso de óculos (signos estáticos), reforçam a ideia de que estamos, de fato, diante de uma *senhora*.

A legenda apresenta a pergunta “Senhora, a senhora troca nudes?”, que, além de instaurar o objeto de discurso verbal *senhora*, instaura também o objeto de discurso *nudes*. Aqui é exigido o primeiro cálculo mental do leitor, pois ele deve partilhar do conhecimento

prévio a respeito do que são *nudes*, palavra de origem inglesa incorporada ao vocabulário da Internet para indicar fotos com nudez.

O segundo quadro retoma anaforicamente o objeto de discurso visual *senhora*. No entanto, são percebidas alterações nos signos cinéticos lentos e rápidos. Ela agora tem uma expressão brava, com a boca fazendo um bico. O braço levantado, com o dedo em riste (signos cinéticos rápidos), reforça a ideia de indignação.

A legenda apresenta a resposta à pergunta do quadro anterior “Não! Eu nunca fiz isso!”. Os pontos de exclamação são recursos prosódicos que dão a ideia de que ela está gritando e contribuem para reforçar a ideia de que ela está muito brava com a pergunta feita. Não consideramos, aqui, que as letras maiúsculas representam gritos, pois todo o diálogo aparece dessa forma e, assim, cremos se tratar mais de um formato de escrita do que de recursos prosódicos.

No terceiro quadro, o objeto de discurso visual *senhora* é novamente retomado anaforicamente e é introduzido um novo objeto de discurso visual, a *mulher*. São os signos estáticos desse último objeto de discurso visual, cabelo na altura do ombro, bolsa e camisa vermelha que levam o leitor a inferir que se trata de uma mulher, mesmo que ela esteja de costas. O objeto *senhora* também é recuperado a partir de signos estáticos, sua roupa roxa e seu cabelo, visto que ela está de costas, logo, não é possível ver seu rosto. Sua postura, com o braço direito e a perna esquerda para trás (signos cinéticos lentos), indica que ela está correndo. O objeto de discurso visual *mulher* está logo atrás da *senhora*, também de costas, o que leva à inferência de que a está perseguindo. A pergunta “Senhora?”, apresentada nesse último quadro, também reforça a ideia de estar acontecendo uma perseguição.

A soma dos objetos de discurso visuais e verbais instaurados, aliada à ideia de perseguição representada no último quadro, leva o leitor a inferir que a *senhora* comete o ato que nega no segundo quadro. Assim, ela é recategorizada de *senhora* em *trocadora de nudes*. Trata-se de uma recategorização sem menção referencial, uma vez que não está explícita no texto verbal e exige cálculos mentais do leitor, que precisa colocar em relação texto verbal e não-verbal, para chegar a ela.

Esse meme retoma a cena protagonizada pela funcionária pública Edinar Maria dos Santos Moraes, no Jornal Nacional, como já foi explicado anteriormente. Trata-se de uma paródia, recurso em que, segundo Cavalcante (2014), há uma transformação de *um texto-fonte* com o objetivo de atingir propósitos comunicativos não apenas comunicativos, mas também críticos, poéticos, etc. Nesse caso, o objetivo dessa paródia é claramente crítico, por evidenciar o ridículo na fuga da funcionária pública corrupta ao ser questionada sobre seu

comportamento. O reconhecimento dessa paródia certamente contribui para o efeito de humor, no entanto, é possível achar graça nesse meme apenas pela recategorização apresentada de modo que consideramos ser este o principal responsável pelo efeito de humor no texto.

Estamos diante de um meme cujo objetivo do humor é a denúncia, isto é, parodia-se a tentativa de fuga da funcionária pública a fim de evidenciar seu comportamento corrupto e evidenciar o negativo que o marca.

Passemos ao próximo meme, que apresenta os mesmos objetos de discurso visuais, instaurados e retomados quadro a quadro, já que estamos diante de memes que compartilham forma.

Figura 39: meme “Senhora?”



Disponível em: <https://me.me/i/f-senhoraoficial-senhora-asenhora-troca-nudes-nao-eu-nuncaafizisso-to-11185885>

Acesso em 18 jul. 2018.

O primeiro quadro desse meme instaura o objeto de discurso visual *senhora*. Ela tem uma expressão séria e o rosto levemente inclinado para a esquerda (signos cinéticos lentos).

A legenda traz a pergunta “– É verdade que a senhora ficou vendo séries quando tinha que estudar?” e instaura os objetos de discurso verbais *senhora*, que ratifica o objeto de discurso visual já instaurado, e *séries*.

O segundo quadro retoma anaforicamente o objeto de discurso visual *senhora*. A boca levemente entreaberta e os lábios arcados para baixo (também signos cinéticos lentos) indicam que ela está brava ou, ao menos, incomodada. A legenda reforça essa ideia ao apresentar a resposta à pergunta: “– Nunca fiz isso.”

No terceiro quadro, novamente, o objeto de discurso visual *senhora* é anaforicamente retomado. Assim como no meme anterior, são os signos estáticos que nos permitem reconhecer que se trata da *senhora*, pois ela está de costas. Aqui, é apresentado um novo objeto de discurso: a *repórter*. Ela pode ser assim chamada devido a um signo estático específico: o microfone em sua mão. Também está de costas, mas seu cabelo na altura do ombro e sua blusa vermelha levam o leitor a inferir que se trata de uma mulher.

A legenda apresenta uma contra-argumentação à resposta da *senhora*: “– Mas nós vimos sua conta no Netflix” e instaura o objeto de discurso verbal *conta no Netflix*. Para, de fato, compreender tal contra-argumentação, o leitor precisava possuir o conhecimento de mundo a respeito do que é o Netflix, um aplicativo através do qual é possível ver filmes e séries. Mais do que isso, o leitor precisava saber também que cada usuário deve criar uma conta nele para poder utilizá-lo e que nela fica armazenado seu histórico, com todo o conteúdo que ele já assistiu. Logo, a partir da mobilização de estratégias cognitivas, o leitor poderia inferir que essa afirmação significa que a *repórter* conhece o histórico da *senhora* e, portanto, sabe que ela está mentindo.

O último quadro retoma anaforicamente os objetos de discurso visuais *senhora* e *repórter*. O cabelo bagunçado de ambas (signos estáticos) indica que elas estão correndo. As roupas nos permitem fazer a retomada anafórica, já que ambas estão de costas. A legenda “SENHORA?”, em letras maiúsculas dá a entender que a repórter está gritando (recurso prosódico) e reforça a ideia de perseguição.

Assim, a partir da articulação entre texto verbal e não-verbal, o objeto de discurso visual/verbal *senhora* sofre uma recategorização sem menção referencial e passa a ser *viciada em séries*. O efeito de humor depende, portanto, da compreensão de tal recategorização, embora, assim como no meme anterior, a leitura também seria mais completa se o leitor reconhecesse a paródia realizada.

Como no meme analisado anteriormente, o objetivo do humor aqui também é a denúncia.

Passemos ao terceiro meme deste agrupamento, que, diferentemente dos anteriores, já instaura dois objetos de discurso visuais no primeiro quadro.

Figura 40: meme “Senhora?”



Disponível em: <https://me.me/i/e-verdade-que-a-senhora-ficou-vendo-series-cuando-tinha-1091287>
Acesso em 18 jul. 2018.

Temos aqui os objetos de discurso visuais *senhora* e *mulher*. A *senhora* tem uma expressão séria e a boca levemente aberta (signos cinéticos lentos), o que indica que está falando algo. Ela olha para a *mulher* (signo cinético rápido) e, embora seja possível ver apenas uma parte de seu rosto, é possível enxergar uma expressão séria e o olhar voltado diretamente para a *senhora* (signo cinético rápido).

Esses dois objetos de discurso visuais são apresentados logo no primeiro quadro, pois, diferentemente dos memes anteriores, as legendas já apresentam a pergunta da *mulher* e a resposta da *senhora*. Logo, tais objetos de discurso visuais dão pistas para o leitor compreender quem faz a pergunta e quem responde, uma vez que a legenda aparece próxima a cada um deles. O questionamento apresentado é “A senhora é socialista?”, que instaura o objeto de discurso verbal *senhora*, reforçando o objeto de discurso visual, e *socialista*, e a resposta é “Sou sim, com muito orgulho.”

Esse primeiro quadro já exige que o leitor mobilize estratégias cognitivas, pois ele deve ativar seu conhecimento enciclopédico a respeito do estereótipo do que significa ser socialista: compartilhar tudo o que possui.

O segundo quadro retoma anaforicamente apenas a *senhora*, agora com os lábios arcados para baixo (signo cinético lento), indicando uma expressão brava. A legenda apresenta o comentário que a deixou assim: “Me dá a senha do seu Wifi então” e instaura objeto de discurso verbal *senha do seu Wifi*.

Novamente, cálculos mentais são necessários para que o leitor coloque em relação os objetos de discurso verbais *socialista* e *senha do seu Wifi* e compreenda que a solicitação de tal senha provém do estereótipo de que, se a pessoa é socialista, ela é favor de dividir tudo, assim, não teria problemas em compartilhar sua senha de acesso à Internet.

O terceiro quadro recupera anaforicamente os objetos de discurso visuais *senhora* e *mulher*. A *senhora* está de costas e só é possível visualizar um pedaço de seu corpo, são os signos estáticos, especificamente, sua blusa e cabelo, que permitem ao leitor fazer tal recuperação. A legenda com a palavra “Senhora” reforça a anáfora. O objeto de discurso visual *mulher* também está de costas e apenas seu cabelo permite que o leitor infira que se trata do mesmo objeto de discurso visual instaurado no primeiro quadro. No entanto, aqui, ela segura um microfone. Esse signo estático adicionado a tal objeto de discurso visual cria uma recategorização da *mulher* em *repórter*.

O último quadro novamente traz uma anáfora da *senhora* e da *repórter*. Agora, a *senhora* já está mais distante (signo cinético lento) da repórter. Seu cabelo esvoaçante, bem como sua perna direita levantada, indicam que ela está correndo. Novamente, esse objeto de discurso é recuperado apenas pela sua roupa e cabelo, pois está de costas. A *repórter* também aparece de costas, sendo recuperada pela roupa, signo estático introduzido no quadro anterior, e pelo cabelo. A perna direita à frente da esquerda indica que ela está caminhando atrás da *senhora*.

A legenda é atribuída à repórter e diz “Socializa aí senhora”. Retomando anaforicamente, por meio da repetição, o objeto de discurso verbal *senhora* e reforçando o objeto de discurso visual apresentado.

Os objetos de discurso verbais apresentados, ao serem colocados em relação com os objetos de discurso visuais, levando em conta o material não-verbal que indica a fuga da *senhora*, levam à recategorização sem menção referencial da *senhora* em *falsa socialista*.

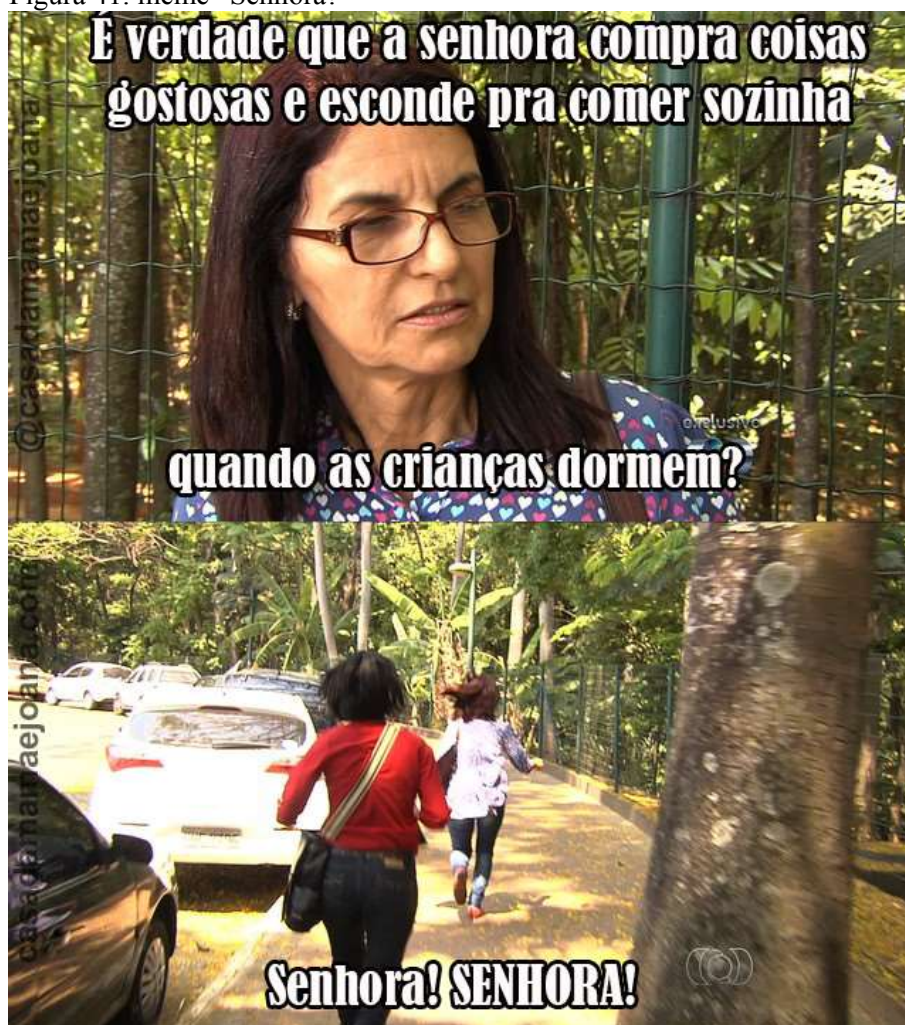
O efeito de humor advém da compreensão de tal recategorização, logo, as estratégias textuais são muito relevantes para a compreensão de sentido desse meme, embora cálculos

mentais também tenham sido exigidos do leitor. O objetivo do humor, nesse meme, assim como nos anteriores, é a denúncia.

Nesse meme é o conhecimento sociointeracional, especialmente o superestrutural, que leva o leitor a reconhecer esse texto como pertencente ao gênero meme e, portanto, aceitar a informalidade intrínseca a ele. Com isso, os desvios às normas gramaticais encontrados no texto verbal, como a próclise no início da frase, no segundo quadro, e o uso incorreto do imperativo, bem como a falta de vírgula antes no vocativo, no último quadro, são aceitos com naturalidade.

O próximo meme, diferentemente dos anteriores, possui apenas dois quadros e é apresentado em formato vertical. No entanto, podemos considerá-lo como pertencente ao agrupamento de memes que compartilham forma por apresentar sempre o mesmo objeto de discurso visual icônico: a *senhora*.

Figura 41: meme “Senhora?”



Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/senhora/>
Acesso em 18 jul. 2018.

O primeiro quadro desse meme instaura o objeto de discurso visual *senhora*. Ela tem uma expressão séria e a testa franzida, o que indica que parece não gostar do que está ouvindo. O texto verbal apresenta a pergunta “É verdade que a senhora compra coisas gostosas e esconde pra comer sozinha quando as crianças dormem?”. Ele traz os objetos de discurso verbais *senhora*, que reforça o objeto de discurso visual já apresentado, *coisas gostosas e crianças*.

O segundo quadro retoma anaforicamente o objeto de discurso visual *senhora*, que é reconhecido pelos signos estáticos roupa e cabelo. A perna esquerda e o braço direito levantados, bem como o cabelo em movimento, são signos cinéticos lentos que indicam que ela está correndo. O segundo objeto de discurso visual instaurado é a *mulher*, ela está com a perna esquerda a frente da direita, o que mostra que está seguindo a *senhora*. A legenda “Senhora! SENHORA!”, além de reforçar a identificação do objeto de discurso visual *senhora*, reforça a ideia de perseguição. Os pontos de exclamação e a segunda palavra “senhora” escrita em letras maiúsculas são recursos prosódicos que indicam que a *mulher* está gritando.

A associação do texto verbal às imagens indicando fuga levam à recategorização sem menção referencial da *senhora* em *mãe egoísta*. É o objeto de discurso verbal *crianças* o responsável por levar o leitor a inferir que se trata de uma mãe. A compreensão do efeito de humor nesse meme está atrelada à descoberta de tal recategorização, o que nos leva a concluir que, principalmente, as estratégias textuais, aliadas às cognitivas, são muito importantes para a construção de sentidos nesse texto.

O objetivo do humor continua sendo a denúncia, por expor comportamento da funcionária pública corrupta.

Por último, nos deparamos com um meme composto por três quadros, também apresentados em organização vertical.

Figura 42: meme “Senhora?”



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/439875088583883248/?lp=true>
Acesso em 18 jul. 2018.

O primeiro quadro instaura o objeto de discurso visual *senhora e mulher*. A *senhora* apresenta expressão tensa, a boca aberta e os lábios voltados para baixo (signos cinéticos lentos). Da *mulher* é possível ver apenas uma parte do rosto, mas ela também apresenta expressão séria. O texto verbal “Senhora, constatamos que seu TCC está atrasado”, apresenta dois objetos de discurso verbais importantes *senhora*, que reforça o objeto de discurso visual, e *seu TCC*, sobre o qual se predica *está atrasado*.

O quadro seguinte já apresenta a fuga da *senhora*. Logo, esse objeto de discurso visual é retomado anaforicamente, mas é possível reconhecer que se trata do mesmo objeto de discurso visual do quadro anterior apenas por meio dos signos estáticos, tais como sua roupa e cabelo, pois a *senhora* está de costas. O objeto de discurso visual *mulher* também é anaforicamente retomado, no entanto, é possível inferir que se trata dele apenas pela cor do cabelo, já que a *mulher* também está de costas e, no primeiro quadro, o leitor teve acesso a apenas uma parte de seu rosto. É inserido, neste quadro, um novo signo estático, o microfone, que recategoriza o objeto de discurso visual *mulher* em *repórter*. O texto verbal traz a resposta da *senhora* à pergunta feita no primeiro quadro: “Não, eu já entreguei.”

O último quadro retoma anaforicamente os dois objetos de discurso visuais: *senhora e repórter*. Os signos cinéticos lentos indicam uma perseguição, a *senhora* está com o braço direito bem para trás e o cabelo apresenta movimento, o que indica que ela está correndo; um pouco atrás dela está a *repórter*, com o braço esquerdo para trás, evidenciando que ela também se movimenta, perseguindo a *senhora*. O texto verbal “Senhora, mas quem disse isso foi o seu orientador. Senhora?” retoma anaforicamente, por repetição, o objeto de discurso verbal *senhora*, que ajuda a reforçar o mesmo objeto de discurso visual, além de instaurar um novo objeto de discurso, *seu orientador*. O *isso* que aparece no texto é um pronome empregado com função anafórica, pois retoma toda a afirmação apresentada no primeiro quadro, sendo, portanto, também uma estratégia de referenciação.

Importante destacar uma diferença entre esse meme e os outros analisados: a preocupação com a norma padrão, especialmente no que diz respeito aos sinais de pontuação. Isso pode ser atribuído ao fato de tal meme, diferentemente da maioria, apresentar autoria, marcada pelo logotipo no lado esquerdo do segundo quadro, que indica graduacaooodadepressao.com.br. Trata-se de um site voltado para graduandos, que apresenta não só humor, mas também artigos de interesse dos universitários e dicas de estudo. Assim, pode-se dizer que é um site mais “sério” e, por tal razão, o conhecimento sociointeracional, especialmente o comunicacional, levou o autor de tal meme a produzi-lo selecionando a variante linguística formal da Língua Portuguesa, a fim de não tirar a credibilidade de seu site.

A relação entre as imagens que representam a fuga da *senhora* e os objetos de discurso verbais *TCC atrasado* e *seu orientador*, levam a uma recategorização sem menção referencial da *senhora* em *aluna displicente*. A retomada da afirmação feita no primeiro parágrafo através do pronome *isso* é uma estratégia textual que também auxilia na compreensão de sentidos, pois leva o leitor a inferir que tal afirmação foi dita pelo orientador da aluna displicente e, assim, é verdadeira.

Com isso, concluímos que as estratégias textuais são muito importantes para a compreensão do efeito de humor nesse meme cujo objetivo é a denúncia.

Todos os memes apresentados têm em comum, além da imagem da *senhora* em fuga, fato de que é sempre apresentada uma pergunta/afirmação indesejada, que desmascara um defeito ou um aspecto negativo da personalidade, e gera a fuga/perseguição. A reprodução dessa mesma “fórmula” em todos os memes leva a uma intertextualidade ampla entre eles, pois todos imitam o mesmo estilo de organização textual. Essa intertextualidade acontece, como explicam Cavalcante, Faria e Carvalho (2017), pois, embora não seja possível atribuí-la a um texto-fonte específico, “o processo de imitação abstrai um padrão não de um único texto, mas de um conjunto de textos” (p. 19).

Embora estratégias cognitivas tenham sido utilizadas pelo leitor para que ele ativasse seu conhecimento prévio a respeito de determinadas informações e/ou chegasse às “deduções inconscientes” ou às recategorizações sem menção referencial criadas pelos memes, podemos dizer que o efeito de humor desse agrupamento residia, especialmente, nas estratégias textuais, visto que a recategorização, fundamental para a compreensão desses memes é, em primeira instância, uma estratégia textual.

No entanto, há de se chamar a atenção para outro aspecto comum a todos os memes desse agrupamento: o fato de as recategorizações levarem o leitor a inferir a mesma expressão atributiva, a de que a *senhora* é uma mentirosa. O efeito de humor decorre, portanto, também do rebaixamento dado pela insinuação dessa expressão atributiva ao leitor.

Com isso, podemos dizer que esses memes levam ao riso de zombaria. Primeiramente, por desmascarar a atitude da funcionária pública, por predicar-lhe o atributo de mentirosa, mas também por cada defeito que é evidenciado por eles.

Propp (1992) explica que o riso de zombaria nasce sempre do desmascaramento de defeitos da vida interior, espiritual do homem. Para o autor:

Em muitos casos os defeitos são visíveis por si só e não têm necessidade de ser desmascarados. (...) Na maioria dos casos, porém, não é isso que

acontece. Os defeitos estão escondidos e precisam ser desmascarados. A arte ou o talento do cômico, do humorista e do satírico estão justamente em mostrar o objeto do riso em seu aspecto externo, de modo a revelar sua insuficiência interior ou sua inconsistência. O riso é suscitado por certa dedução inconsciente que parte do visível para chegar ao que se esconde atrás desta aparência. (p. 175)

Por essa razão, pode-se concluir também que esses memes apresentam intertextualidade estrita de derivação, por constituírem-se numa paródia do texto original, isto é, do vídeo exibido pela Rede Globo, modificando o seu conteúdo verbal, com fins humorísticos, a fim de rebaixar a *senhora* a categoria de mentirosa.

Pelo que foi visto até o momento, parece-nos que o foco nas estratégias textuais e cognitivas para a construção de sentidos e efeito de humor em memes que compartilham forma é um padrão. Vejamos se o agrupamento dos memes do “deboísmo” confirma esse pensamento.

4.2.3 Deboísmo

Diferentemente dos memes apresentados anteriormente, os pertencentes a esse agrupamento não compartilham a mesma imagem específica, passível de ser recuperada. Por isso, não podemos dizer que eles apresentem intertextualidade estrita. Mas é possível reconhecer a intertextualidade ampla, à medida que todos imitam a mesma ideia de reproduzir um bicho-preguiça. Além disso, encontramos também a alusão ampla, já que todos os memes retomam uma mesma situação social partilhada na cultura brasileira: a crença de que as pessoas estão muito estressadas e devem ficar mais “de boas”. Logo, esses memes são intertextuais com essa situação social e são intertextuais entre si, porque dialogam ao reproduzirem a mesma de apresentar a imagem de um bicho-preguiça e tratarem da mesma temática.

Figura 43: meme “Deboísmo”



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/529313762437443695/>

Acesso em 18 jul. 2018.

O primeiro meme instaura o objeto de discurso visual *preguiça*. Sua expressão apresenta um leve sorriso, material não-verbal que remete o leitor à ideia de calma. A legenda apresenta o texto verbal “Ando devagar porque nunca tive pressa e levo esse sorriso por que sou de boas” e instaura os objetos de discurso verbais *sorriso* e *de boas*. O objeto de discurso verbal *sorriso* reforça o signo cinético lento apresentado na imagem da preguiça. Assim, é como se o sorriso apresentado na imagem fosse a representação do sorriso da legenda. Logo, temos uma relação aditiva, em que o texto verbal amplia o significado da imagem.

Para construção de sentidos desse meme, algumas estratégias cognitivas precisam ser mobilizadas, pois o leitor deve ativar certos conhecimentos de mundo. Primeiramente, ele deveria partilhar do conhecimento prévio a respeito da música “Ando devagar”, cuja letra diz “Ando devagar porque já tive pressa e levo esse sorriso porque já chorei demais.”. Assim, ele perceberia a relação de intertextualidade estrita expressa, de forma implícita, nesse meme, e seria capaz de compreender o tipo específico de paródia, que se restringe a textos mais curtos, aqui representado: o *détournement*.

A intenção do *détournement* apresentado nesse meme, longe de ridicularizar a música, é apenas orientá-la para um sentido diferente do original. Assim, diferentemente da música, em que o eu lírico seria alguém que se modificou ao longo da vida e aprendeu a necessidade de não ter pressa e sorrir, a *preguiça* é alguém que sempre foi tranquilo, nunca teve pressa e sempre sorriu, porque, afinal, é *de boas*.

Em segundo lugar, o leitor deve partilhar o conhecimento de mundo a respeito da expressão *de boas*. Trata-se de um gíria utilizada para designar alguém avesso à agressividade.

A partir da ativação de tais conhecimentos enciclopédicos, o leitor poderia chegar às recategorizações apresentadas nesse meme. O objeto de discurso visual *preguiça* é recategorizado em *eu* (recategorização implícita realizada a partir das conjugações “tive” e “levo”) e, em seguida, no *produtor/compartilhador* do meme. Por último, este é recategorizado em *de boas*. Assim, compreende-se que o *produtor/compartilhador* do meme é quem é *de boas* e que sua representação visual é a *preguiça*.

Fica claro, portanto, que a construção de sentidos para esse meme envolve estratégias textuais, já que a intertextualidade é apresentada nele de maneira implícita, evidenciando um balanceamento entre informações explícitas e implícitas, além é claro das recategorizações. As estratégias cognitivas são mobilizadas à medida que o leitor deve fazer inferências e ativar determinados conhecimentos de mundo.

Além disso, o leitor deve mobilizar estratégias interacionais e mobilizar o conhecimento sociointeracional, especialmente o comunicacional, para reconhecer que o objetivo do *détournement* é o humor e não a crítica à música original, por exemplo, e o superestrutural, para identificar o gênero meme e aceitar a grafia incorreta do “por que” em “por que sou de boa”, levando em consideração que o gênero preza pela informalidade e, em muitos casos, não segue a norma padrão da Língua Portuguesa.

Embora tenhamos diversas mobilizações de estratégias e conhecimentos para a construção de sentidos nesse meme, julgamos que o efeito de humor está mais atrelado ao reconhecimento da intertextualidade e da recategorização, logo, as estratégias cognitivas e textuais são as mais importantes.

O objetivo do humor aqui é o riso pelo riso, justamente porque esse meme busca apresentar a filosofia do deboísmo, sua finalidade é apenas fazer rir, divertir, apresentar algo leve, descontraído ao leitor.

Vejamos como se dá a construção de sentidos no próximo meme, que também apresenta intertextualidade.

Figura 44: meme “Deboísmo”



Disponível em: <https://me.me/i/miltretaraoatualesquerda-del-miltretiarao-atuadireita-mas-vocenaoserasatingido-pois-voce-e-de-7472232>

Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura o objeto de discurso visual *preguiça*. Seus olhos semi-fechados e a boca com um leve sorriso são signos cinéticos lentos que indicam relaxamento. A legenda traz o texto verbal “Mil tretarão à tua esquerda/dez mil tretarão à tua direita/Mas você não será atingido/Pois você é de boas”, que traz os objetos de discurso verbais *você* e *de boas*. Trata-se de uma relação específica de palavras, pois a imagem pouco acrescenta ao texto verbal, como explica McCloud (1995). A imagem da preguiça relaxada, portanto, apenas ilustra o objeto de discurso verbal *de boas*, isto é, alguém de boas seria alguém relaxado como a preguiça.

Tem-se, novamente, nesse meme, uma intertextualidade estrita, apresentada de forma implícita, dessa vez, com o salmo 90, da Bíblia, que diz “Caíam mil homens à tua esquerda e dez mil à tua direita, tu não serás atingido”. Assim como no meme anterior, o texto verbal agora analisado é um *détournement*, que busca orientar o texto em um sentido diferente do original. Enquanto no salmo, a pessoa não será atingida por nenhum mal, porque é protegida por Deus; no meme, ela não se envolverá em nenhuma briga, porque é alguém tranquilo. Logo, se no primeiro texto a proteção não depende da pessoa, mas, sim, de Deus, no segundo,

não se envolver em brigas depende do próprio indivíduo, que deve conservar essa característica de ser tranquilo.

Para reconhecer tal intertextualidade, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento de mundo a respeito desse salmo da Bíblia. Além disso, ainda no que diz respeito às estratégias cognitivas, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento de mundo sobre o que significa ser “de boas” e o que é “treta”, gíria usada para indicar briga, principalmente, discussões verbais.

Com base nesses conhecimentos de mundo, é possível que o leitor compreenda a recategorização do objeto de discurso visual verbal “você” em *de boas*, que, por sua vez, é reforçado pelo objeto de discurso visual *preguiça*. Com isso, *você* é recategorizado no objeto de discurso visual *preguiça*, a representação icônica de alguém “de boas”.

As principais estratégias utilizadas para se depreender o humor, nesse meme, são a cognitiva e a textual, pois ele depende do reconhecimento da intertextualidade e do compartilhamento do significado das expressões “de boas” e “treta”. No entanto, as estratégias sociointeracionais também são importantes, especialmente no que diz respeito à ativação do conhecimento comunicacional, para reconhecer que o objeto do *détournement* era o humor e não o deboche ao salmo, pois isso poderia gerar repúdio por parte da população religiosa mais conservadora, que poderia interpretá-lo como uma falta de respeito com a “palavra de Deus”. Além disso, a ativação do conhecimento superestrutural também era necessária para identificar o gênero meme e, assim, “perdoar” a falta de correspondência para o pronome “tu”, que aparece em “tua esquerda” e “tua direita”, mas é retomado como *você* em “você não será atingido”, levando em consideração que esse é um desvio típico da oralidade e que, uma vez que o gênero preza pela informalidade, dificilmente a legenda traria a frase “tu não serás atingido”, já que o uso do *tu*, especialmente com o verbo em concordância com essa pessoa, é considerado mais rebuscado.

Por fim, temos mais um meme cujo objetivo é apenas o riso pelo riso, uma vez que ele visa à descontração, trazendo o pensamento de que o ideal é ficar alheio às brigas.

O próximo meme não apresenta intertextualidade estrita, apenas a ampla, como já foi discutido, mas, de toda forma, exige o reconhecimento de uma expressão de uso comum.

Figura 45: meme “Deboísmo”



Disponível em: <http://habbonight.com.br/forum/20363-11-motivos-para-voce-ficar-de-boas>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura o objeto de discurso visual *preguiça*. Ela está deitada em um tronco de árvore, com um braço atrás da cabeça. São recursos cinéticos rápidos que indicam uma posição típica de que está relaxando. O texto verbal diz: “Nem de humanas/nem de exatas/sou de boas”, que instaura os objetos de discurso verbais *de humanas*, *de exatas* e *de boas* e *eu*, inferido pela conjugação do verbo ser. Assim como no meme anterior, a imagem pouco acrescenta ao texto verbal, temos, portanto, uma relação específica de palavras entre texto verbal e imagem.

A interpretação desse meme exige que o leitor partilhe o conhecimento de mundo a respeito do fato de que há uma tentativa de se enquadrar as pessoas em algumas áreas de conhecimento, como a área de humanas e a de exatas. Isso tem gerado brincadeiras comuns na Internet, que buscam atribuir certas atitudes e características de alguém ao fato de ela pertencer a uma ou outra área³¹. Por isso, a legenda é como se fosse uma resposta à frequente

³¹ Há diversas páginas no Facebook e Twitter intituladas “Sou de humanas” ou “Sou de exatas”, além de matérias sobre o assunto em sites como o BuzzFeed. Um exemplo é a reportagem “18 casos graves de 'não sei, sou de humanas'”, publicada em: https://www.buzzfeed.com/rafaelcapanema/nao-sei-sou-de-humanas?utm_term=.ryPMve1B8R#.ft7Wz6mMqe. Acesso em 01 de novembro de 2017.

pergunta, ouvida especialmente por estudantes, “Você é de humanas ou de exatas?”, e rejeita ambas as áreas, enquadrando-se na área “de boas”.

Uma vez que o texto verbal “Nem de humanas/nem de exatas” parece ser uma resposta a essa pergunta, ele apresenta uma fonte diferente do texto “Sou de boas”. Trata-se de uma estratégia textual, que busca organizar a informação de modo a diferenciar o que seria uma resposta à pergunta e o que seria um novo enquadramento, em uma área diferente. Além disso, mais uma vez, o leitor deve partilhar também o conhecimento a respeito do que significa ser “de boas”, para compreender porque seria interessante se autointitular como pertencente a essa área. Parece, ainda, que negar ser da área de exatas ou de humanas e afirmar ser “de boas” acaba por rebaixar ambas, colocá-las como algo ruim, inferior à área “de boas”.

Também no que diz respeito às estratégias textuais, nesse meme, o objeto de discurso verbal *eu* é recategorizado em *de boas*, a partir de uma relação de negação com os objetos “de humanas” e “de exatas”. Já o objeto de discurso visual *preguiça* reforça o sentido do objeto de discurso verbal *de boas*, visto que a preguiça é a representação do que é ser “de boas”. Logo, a preguiça seria, também, a representação visual do objeto de discurso verbal *eu*.

Percebe-se, portanto, que, embora as estratégias textuais sejam importantes, o humor, nesse meme, está diretamente ligado às estratégias cognitivas, pois depende inteiramente dos conhecimentos de mundo partilhados pelo leitor, para que ele possa construir sentido para o texto. Esse também é um meme que cujo objetivo do humor é o riso pelo riso.

O próximo meme também busca passar uma mensagem sobre a importância de ser alguém tranquilo.

Figura 46: meme “Deboísmo”



Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/434949276493284176/?lp=true>
 Acesso em 18 jul. 2018.

Esse meme instaura, como todos os outros, o objeto de discurso visual *preguiça*. Ela está deitada, com as pernas esticadas e um semblante sereno. São recursos cinésicos que indicam relaxamento. A legenda diz “Não seja de treta/seja de boas” e instaura os objetos de discurso verbais *de treta* e *de boas*. A imagem apenas ilustra o texto verbal, sem estabelecer uma relação interdependente com ele.

Em primeiro lugar, para construção de sentidos, é necessário que o leitor partilhe do conhecimento a respeito do que significa ser “de treta” e “de boas”, para entender a oposição que se coloca ao sugerir que o leitor não seja uma coisa e, sim, outra. “De treta” é alguém briguento, enquanto “de boas” é uma pessoa tranquila. Trata-se de um meme com tom

diferente dos anteriores, que se apresenta como um conselho e com a oposição entre ser “de tretas” e “de boas”.

Não há relações de recategorização entre texto verbal e não verbal aqui. O objeto de discurso visual apenas ilustra o objeto de discurso verbal *de boas*, já que, como já foi explicado, a preguiça é a representação do que é ser tranquilo, e, em última instância, essa objeto de discurso visual representa o que o leitor deve ser, pois o uso do imperativo indica que é a ele que se dirige essa mensagem.

O humor, nesse meme, é dependente do conhecimento de mundo a respeito dessas duas expressões, portanto, para se chegar a ele são necessárias estratégias cognitivas por parte do leitor.

Trata-se de um meme com o objetivo de riso pelo riso, pois sua finalidade é apenas apresentar algo leve, descontraído ao leitor, tendo em vista que esse é o objetivo do deboísmo.

Por último, temos um meme que exige algumas inferências do leitor.

Figura 47: meme “Deboísmo”



Disponível em: <https://minilua.com/voce-pratica-deboismo/>
Acesso em 18 jul. 2018.

Este meme instaura os objetos de discurso visuais *preguiça* e *porta*. A *preguiça*, símbolo icônico da filosofia deboísta, olha diretamente para o interlocutor, com um meio sorriso que indica tranquilidade. Suas patas são um signo cinético que, atrelado ao fato de estarem agarradas à porta e ao olhar para o interlocutor, passa a impressão de que ela deseja permissão para entrar. É por essa razão que a *porta* é apresentada aqui como um objeto de

discurso visual, já que a relação estabelecida entre ela, a *preguiça* e o texto verbal é essencial para a construção de sentidos nesse meme.

O texto verbal diz “Você tem um minuto para escutar a palavra deboísta?” instaura o objeto de discurso verbal *palavra deboísta* e estabelece uma relação interdependente com a imagem, pois texto verbal e não-verbal, em conjunto, são imprescindíveis para a construção de sentidos nesse caso.

Esse meme exige do leitor o conhecimento prévio a respeito de um *script* específico. Trata-se da abordagem feita por Testemunhas de Jeová para evangelizar. Esse grupo de religiosos costuma bater nas casas das pessoas, perguntando se elas teriam um minuto para ouvir a palavra de Deus. Assim, ao se deparar com esse meme, o leitor deveria ativar seu conhecimento de mundo sobre a maneira como é feita tal evangelização e, com isso, os objetos de discurso visuais *preguiça* e *porta*, aliados ao objeto de discurso verbal *palavra deboísta*, que estabelece clara relação intertextual com a frase costumeiramente dita pelos Testemunhas de Jeová, que se referem à Bíblia como a *palavra de Deus*, levariam ao efeito de humor. Tem-se, nesse caso, uma intertextualidade estrita e ampla ao mesmo tempo. Estrita por fazer alusão a uma frase específica e facilmente reconhecida desse grupo de religiosos, recorrendo a modificações formais com finalidade humorística. Ampla por fazer alusão a situação social compartilhada de que esse grupo costuma bater de porta em porta e geralmente não é recebido com satisfação ou entusiasmo pelos moradores das casas.

Ainda seria importante que o leitor partilhasse do conhecimento de mundo a respeito do que é a filosofia deboísta, que, como já foi explicado, prega uma vida calma, “de boa”, sem desentendimentos, uma vez que conhecer a filosofia deboísta auxiliaria o leitor a entender que, assim como uma religião, o deboísmo tem certos preceitos que podem ser apresentados pelos seus adeptos.

Tais conhecimentos prévios também levam à recategorização do objeto de discurso visual *preguiça* em *pregador*. Trata-se de uma recategorização sem menção referencial, visto que esse referente não se encontra presente na materialidade do texto, mas é possível chegar a essa recategorização a partir das pistas deixadas nos textos visual e verbal e dos conhecimentos ativados.

Portanto, podemos perceber que o efeito de humor, nesse meme, está ligado às estratégias cognitivas, pois é necessário que o leitor partilhe de determinados conhecimentos prévios para o reconhecimento da intertextualidade e construção de sentidos, e às estratégias textuais, uma vez que a recategorização também é importante para esse processo.

Tal como os memes anteriores, esse também tem como objetivo o riso pelo riso, já que ele busca apenas a descontração.

Percebe-se, assim, com base nos memes analisados, que diferentemente dos memes que compartilham tema, cuja construção de sentidos e consequente efeito de humor está intimamente ligada aos conhecimentos prévios mobilizados e, com isso, às estratégias cognitivas, os memes que compartilham forma têm seu humor mais atrelado à recategorização e à intertextualidade, portanto, às estratégias textuais, embora claramente as estratégias cognitivas, como as inferências, também desempenhem um importante papel.

Passemos agora à análise dos memes que compartilham estilo.

4.3. Memes que compartilham estilo

Como já foi explicado anteriormente, aqui, os memes que compartilham estilo reproduzirão literalmente um enunciado dito por alguém – ou com pequenas alterações – e levado para contextos diferentes, gerando diferentes interpretações. Trata-se de memes que apresentam frases cujos recursos gramaticais e fraseológicos dos enunciadores são facilmente identificáveis. Assim, ao encontrarmos tais enunciados, em contextos diferentes daquele em que eles foram produzidos, reconhecemos imediatamente o estilo do enunciador, mas, ao mesmo tempo, criamos novos sentidos para eles.

Interessante notar, também, que os memes agrupados por estilo são mais semelhantes entre si do que com o enunciado original reproduzido neles. Isso porque tais enunciados foram produzidos em contextos reais e sérios, enquanto os memes que os reproduzem buscam ironizá-los e tal ironia, que atua na construção de sentidos, é um ponto em comum bastante forte entre eles.

Assim, uma vez que grande parte do enunciado verbal dos memes selecionados é similar ou idêntica, não faz sentido analisá-los um a um, como tem sido feito até o momento, mas, sim, de forma agrupada.

4.3.1 Meta de Dilma

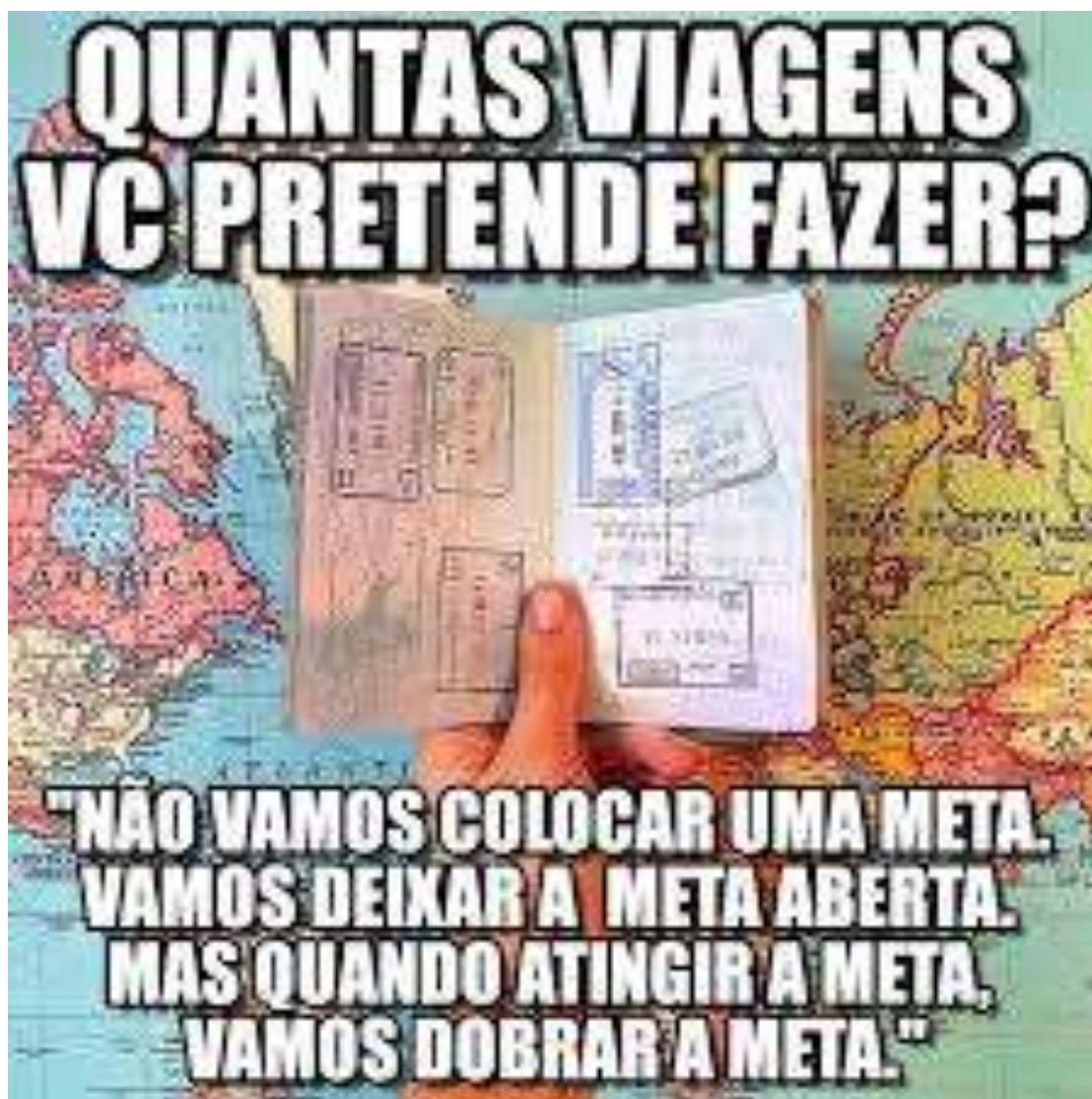
O primeiro agrupamento apresenta um enunciado proferido por Dilma Rousseff: “Não vamos colocar uma meta. Vamos deixar a meta aberta. E, quando atingirmos a meta, vamos dobrar a meta.”, reproduzindo duas características estilísticas pelas quais a ex-presidente ficou conhecida: a repetição (nota-se que a palavra “meta” foi repetida diversas vezes) e a falta de clareza e organização dos enunciados.

Tal enunciado foi transformado em diferentes memes que buscavam, ironicamente, construir sentidos para o que foi dito por Dilma. Com isso, em cada um deles, foi inserido um objeto de discurso verbal que buscava apresentar a que a meta poderia se referir.

Figura 48: Memes “Meta de Dilma”

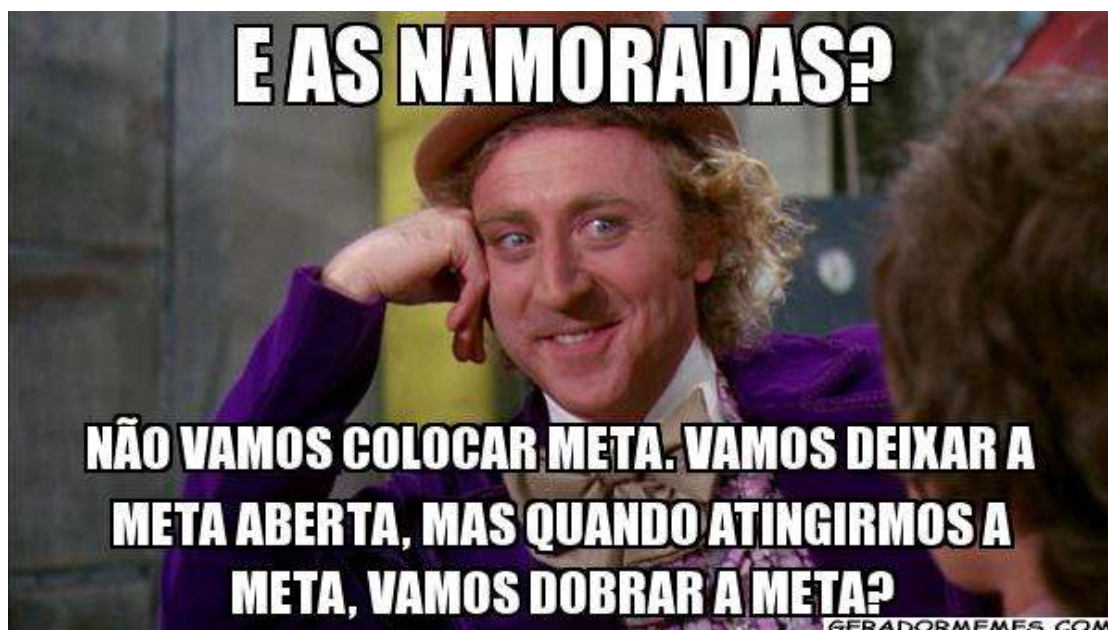


Disponível em: https://twitter.com/jose_simao/status/627090791308087296
Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <http://apureguria.com/planejando-a-sua-viagem/viajar-barato/como-viajar-mais-em-2017/>

Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <http://geradormemes.com/meme/5gl0y0>
Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: https://www.huffpostbrasil.com/2015/07/31/meta-de-dilma-memes-explicam-o-que-ninguem-entendeu_a_21690838/
Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <https://decimoandar.wordpress.com/2015/12/15/retrospectiva-os-memes-de-2015/>
 Acesso em 18 jul. 2018

Em comum, todos os memes apresentados trazem o objeto de discurso verbal *meta*. No entanto, o objeto de discurso verbal ao qual a meta se refere muda. No primeiro, temos instaurado o objeto *beber*, no segundo, *viagens*, no terceiro, *namoradas*, no quarto, *coxinhas* e, no último, *academia*.

Todos esses objetos de discurso verbais são instaurados logo no início do texto verbal, dentro de uma pergunta, e, portanto, é a eles que o objeto de discurso verbal *meta*, instaurado na sequência, se refere. Assim, não será colocada uma meta à quantidade de bebida a ser consumida, às viagens, às namoradas, às coxinhas a serem compradas ou à academia. A inserção do questionamento, bem como a instauração desse primeiro objeto de discurso verbal nele é essencial para o sentido que se busca construir, em cada meme, para o enunciado de Dilma.

Nos dois primeiros memes, o objeto de discurso visual instaurado reforça o primeiro objeto de discurso verbal. Temos, no primeiro, uma pintura com *dois homens sentados em uma mesa de bar*, o que é inferido pelas garrafas. Um dos homens segura um copo, enquanto o outro serve a bebida a ele. São signos cinéticos rápidos que reforçam o sentido do objeto de discurso verbal *beber*. No segundo, temos uma imagem com um *passaporte aberto*,

apresentando vários carimbos. Ao fundo, a imagem de um mapa mundi. Tal imagem também reforça o objeto de discurso verbal *viagens*.

Já os dois memes seguintes instauram objetos de discurso visuais mais gerais, isto é, que costumam aparecer em diferentes memes, associados a outros textos verbais, mas cujas expressões ajudam a reforçar o que está sendo expresso pela legenda. No terceiro meme, há a imagem de um homem, olhando para uma pessoa que está de costas para a câmera. O gesto de apoiar a cabeça na mão é um recurso cinético rápido que leva o leitor a inferir que foi esse homem quem fez a pergunta e a resposta foi dada pela pessoa que está de costas. O quarto meme instaura o objeto de discurso visual *Chloe*, uma garotinha que está presente em diversos memes. Este meme é dividido em quatro quadros e a expressão de Chloe vai mudando em cada um deles, conforme ela vai falando sobre a meta. No último quadro, o meio sorriso da garota, associado ao seu olhar para o lado, são recursos que, associados ao texto verbal “nós dobramos a meta” levam o leitor à inferência de que ela está sugerindo algo inapropriado ou fora do esperado. No caso, o inapropriado seria dobrar a meta de coxinhas a serem compradas.

Já o último meme instaura o objeto de discurso visual *Dilma Roussef*, que recupera imediatamente a autoria do enunciado reproduzido. Assim, estabelece-se uma relação com o objeto de discurso verbal *meta*, que, de fato, foi proferido por ela, e não com objeto de discurso *academia*, instaurado apenas para buscar um sentido para a frase da ex-presidente.

Diferentemente dos outros memes analisados, nesse agrupamento de memes que compartilham estilo, o verbal é mais importante do que o imagético. Como explica McCloud (1995), tem-se uma relação específica de palavras, em que as imagens pouco acrescentam ao texto verbal. A principal relação estabelecida é entre o primeiro objeto de discurso verbal instaurado e o segundo (*meta*); a imagem apenas ilustra o que está sendo apresentado, sem alterar ou ampliar o sentido.

Reconhecer a intertextualidade, nesses memes, era essencial para que o leitor construísse sentidos para eles, pois ele deveria partilhar do conhecimento prévio de que tal enunciado foi proferido por Dilma Roussef para que pudesse compreender que ele zombava do estilo da ex-presidente, marcado pela falta de clareza e por repetições. Com exceção do último meme, que traz sua imagem, nenhum deles apresentava uma intertextualidade explícita, de modo que exigiam mais inferências do leitor.

A intertextualidade estrita presente nesses memes é um *détournement*, pois trata-se de um texto curto, com pequenas adaptações do texto original – no caso, a instauração de novos objetos de discurso verbais que buscam “traduzir” o que Dilma Roussef desejava expressar –

com o objetivo de ridicularizá-lo, evidenciando a falta de sentido do enunciado proferido. Também os objetos de discurso visuais servem para reforçar tais modificações no enunciado original ao ilustrar novos objetos de discurso verbais apresentados.

Esperava-se, assim, que o leitor ativasse seu conhecimento ilocucional e reconhecesse o propósito comunicativo dos memes que foram produzidos em cima do enunciado de Dilma, compreendendo, com isso, o efeito de sentido provocado pela transformação do enunciado original.

Percebe-se, na construção de sentidos para esses memes, a presença de estratégias textuais, na opção por, no momento do balanceamento de informações, deixar a intertextualidade implícita, sem apresentar a autora do enunciado. Isso leva à mobilização, também, de estratégias cognitivas, ao exigirem-se conhecimentos prévios do leitor para reconhecer tal intertextualidade. Além disso, esses memes também apresentam uma intertextualidade ampla, uma vez que não apenas dialogam com o enunciado original de Dilma, mas também entre si, remetendo a uma situação culturalmente partilhada: no caso, o fato de que não era possível construir sentido para o que foi dito pela ex-presidente. Assim, conclui-se que tais intertextualidades são responsáveis pelo humor.

Podemos considerar que o objetivo do humor, nesses memes, é a denúncia, uma vez que buscam colocar em evidência o estilo verbal da então presidente para ridicularizá-lo. Eles procuram evidenciar que a maneira como ela se expressa não é a esperada para o cargo que assume e que a falta de clareza em seu enunciado é tão grande que é preciso instaurar um tópico ao qual ele se refira para conseguir construir sentido a ele.

4.3.2 Bela, recatada e do lar

Diferentemente dos memes da meta de Dilma, a imagem tem papel muito importante neste agrupamento. Tais memes reproduzem as expressões nominais atributivas dadas pela revista *Veja* a Marcela Temer: “Bela, recatada e do lar”, que como explica Carmelino (2015), são aquelas que atribuem predicados a um objeto de discurso já instituído. No caso, o objeto de discurso instituído era Marcela Temer.

Quando tal atributo foi empregado na matéria apresentada pela revista, buscava apresentar a então vice primeira-dama como um modelo ideal de mulher. Imediatamente, a postura machista da revista gerou uma reação, especialmente entre as mulheres que não se enquadravam em tal modelo e tampouco desejavam isso. Surgiram, então, memes que buscavam quebrar o estereótipo apresentado, a partir da recategorização desses três objetos de discurso verbais: *bela*, *recatada* e *do lar*.

Figura 49: Memes “Bela, recatada e do lar”



Disponível em: <https://rd1.com.br/famosos-aderem-a-campanha-bela-recatada-e-do-lar-veja-os-memes/>

Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <https://superela.com/2016/04/20/os-melhores-memes-das-nossas-bela-recatada-e-do-lar/>

Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <http://geradormemes.com/meme/n6ad8g>

Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <http://coisasdetv.com/index.php/2016/04/20/as-personagens-de-novela-que-sao-belas-recatadas-e-do-lar/>
Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <https://medium.com/@anaclarabssa/sobre-ser-bela-recatada-e-do-lar-eb6a07b5ff1b>
Acesso em 18 jul. 2018

Para a construção de sentidos de tais memes, era necessário, primeiramente, que o leitor partilhasse do conhecimento prévio a respeito da matéria sobre Marcela Temer, a fim de reconhecer que há intertextualidade estrita presente nos memes, pois resgatam um enunciado da revista. Também era necessário que ele reconhecesse a intertextualidade ampla, pois todos esses memes dialogam entre si, a fim de fazer alusão a uma mesma situação partilhada

coletivamente: a revolta causada pelo evidente machismo da publicação. Para isso, o leitor mobilizaria estratégias cognitivas.

Dessa forma, ele será capaz de reconhecer que os objetos de discurso verbais *bela*, *recatada* e *do lar*, inicialmente, predicavam um atributo à figura de Marcela Temer e foram recategorizados através das imagens, a fim de ironizar os rótulos criados pela revista. Logo, faz-se necessário que o leitor mobilize o conhecimento sociointeracional, especificamente, o ilocucional, para reconhecer os objetivos que o produtor do texto pretendia atingir.

Basicamente, na ironia, percebe-se uma contradição proposital entre fatos simultâneos e é justamente esse o papel das imagens nos memes analisados. Assim é que, embora todos eles tenham o mesmo texto verbal, a imagem constrói sentidos diferentes. A imagem nega, subverte o verbal. Por isso, temos uma relação interdependente entre texto e imagem, pois ambos não podem transmitir a ideia separadamente.

No primeiro meme, os objetos de discurso verbais *bela*, *recatada* e *do lar* são recategorizados pela imagem de uma *mulher, vestida de preto, segurando uma arma*. No segundo, pela imagem de uma *mulher bebendo e fumando*. No terceiro, há uma *mulher falando diante de uma plateia de homens com fardas do exército*. No quarto, tem-se a imagem de *Tieta*³². Esse meme exigia que o leitor partilhasse o conhecimento de mundo a respeito de quem é essa personagem. Por último, temos a figura de *Marie Curie*. No caso desse quinto meme, o conhecimento sociointeracional é mobilizado pelo produtor do meme, especialmente o conhecimento metacomunicativo, que, como explicado por Koch (2011), permite ao produtor do texto evitar perturbações previsíveis na comunicação por meio da realização de atividades específicas de formulação ou construção textual. Nesse exemplo, como era esperado, por parte do produtor, que o leitor não conhecesse a figura da cientista, seu nome, bem como a predicação “vencedora de 2 prêmios Nobel de Química” são apresentados.

Os signos estáticos, ou seja, a aparência física dos objetos de discurso visuais instaurados em cada meme, bem como os signos cinéticos lentos (atitudes, posturas) e os cinéticos rápidos (gestos) são os responsáveis pela ironia desses memes. Isso porque cada imagem vai na direção contrária do que o texto verbal apresenta. Todos os objetos de discurso visuais instaurados são *mulheres*. No entanto nenhuma delas receberia, de fato, o atributo de ser *bela*, *recatada* e *do lar*, pelo menos, não na acepção original, intencionada pela Veja. No

³² Tieta era a protagonista da novela *Tieta do Agreste*, exibida na Rede Globo de Televisão. Na história, após ser expulsa de casa, ainda adolescente, por seu comportamento considerado promíscuo, ela retorna à sua pequena cidade natal como uma mulher confiante e bem-sucedida. Ao longo da trama, descobre-se que ela se tornou uma prostituta.

entanto, o objetivo desses memes é justamente esse: mostrar que, embora elas não sigam o modelo ideal preconizado pela revista, devem ser respeitadas e valorizadas pelo que são. E, através da mobilização do conhecimento ilocucional, bem como de cálculos mentais, o leitor deve ser capaz de reconhecer isso.

Com isso, percebe-se que os objetos de discurso visuais instaurados nos memes recategorizam os objetos de discurso verbais inicialmente instaurados pela revista *Veja*, atribuindo a eles uma carga irônica.

Conclui-se que as estratégias textuais são relevantes, nesses memes, devido às regategorizações apresentadas, responsáveis pela ironia deles. Também as estratégias cognitivas são muito importantes no que diz respeito à criação das relações intertextuais, por parte do produtor, e ao seu reconhecimento, por parte do leitor. No entanto, parece-nos ainda mais importante, nesse caso, a mobilização dos conhecimentos sociointeracionais que permitem ao leitor reconhecer a ironia dos memes e, dessa forma, construir sentidos para eles e compreender o efeito de humor.

O objetivo do humor, nos memes analisados, é a denúncia, uma vez que, através da ironia, busca evidenciar o absurdo dos rótulos criados e impostos pela revista *Veja*.

4.3.3 Percebe Ivair

Os memes a seguir, embora compartilhem estilo, não apresentam enunciados proferidos por uma pessoa ou veículo de comunicação famoso. Como já foi explicado no início deste capítulo, trata-se de uma conversa entre pais e filho, em que a mãe, dirigindo-se ao pai, recrimina o comportamento do filho com a frase: “Percebe, Ivair, a petulância do cavalo.”

No caso da conversa que originou os memes, a mãe instaura o objeto de discurso verbal *cavalo* para se referir ao filho, porque achou sua resposta grosseira. No entanto, quando o garoto decidiu copiar a conversa e colocá-la nas redes sociais, os internautas decidiram criar memes com uma reinterpretação do que foi dito. Assim, todos eles dialogam entre si, criando uma intertextualidade ampla, pois foram criados com o mesmo objetivo, diante de uma mesma situação de interação.

Figura 50: Memes “Percebe Ivair”



fezani
@fezani

Seguir

percebe ivair a elegancia do cavalo

22: 02 - 14 mar 2016 · Tucuruvi, São Paulo, Brasil

212

102

Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com.br/brasil/208319/saiba-a-historia-do-meme-percebe-ivair-a-petulancia-do-cavalo>
Acesso em 18 jul. 2018.



eduarda negrini
@eduardanegrini

Seguir

Percebe Ivair a extravagância do cavalo

16: 31 - 12 mar 2016

175

73

Disponível em: <http://paposss.blogspot.com/2016/12/retrospectiva-os-melhores-memes-de-2016.html>
Acesso em 18 jul. 2018.



Bruno
@brnou3

Follow

percebe Ivair a vigilância do cavalo

11:15 AM - 28 Feb 2016

1,528

649

Disponível em:

<https://www.folhape.com.br/diversao/diversao/retrospectiva/2016/12/22/NWS,11379,71,558,DIVERSAO,2330-OS-DEZ-MELHORES-MEMES-2016.aspx>

Acesso em 18 jul. 2018.



Disponível em: <http://atl.clicrbs.com.br/infosfera/2016/03/24/voce-ja-viu-o-meme-percebe-ivair-a-petulancia-do-cavalo-entao-olha-por-que-ele-ja-ganhou-varias-versoes/>
Acesso em 18 jul. 2018.



Amanda
@amandabbk

Follow

percebe ivair
a infância do cavalo

6:17 PM - 2 Feb 2016

699

524

Disponível em: <https://twitter.com/amandabbk/status/694615547615563778>
Acesso em 18 jul. 2018.

Todos os memes estabelecem o mesmo objeto de discurso visual: um *cavalo*, que é reforçado pelo objeto de discurso verbal *cavalo*, presente na legenda. Entretanto, são os signos estáticos, isto é, o que constitui a aparência física do animal, bem como os cinéticos (gestos, postura), os principais responsáveis pelo sentido, pois estão diretamente ligados ao objeto de discurso verbal instaurado em cada meme. Isso porque cada um reproduz o enunciado original, mas substitui o objeto de discurso *petulância*, instaurado na conversa original, por outro.

Assim é que o primeiro meme instaura o objeto de discurso verbal *elegância*; o segundo, *extravagância*; o terceiro, *vigilância*; o quarto, *ganância* e o quinto, *infância*. Cada um deles é reforçado pelos signos estáticos e cinéticos do cavalo. No primeiro, temos um cavalo bem-vestido, de terno e gravata, logo, *elegante*. No segundo, é apresentado um cavalo extravagante, vestindo uma roupa roxa, com estampa de carneiros. No terceiro, o cavalo está

vestido de Batman. Aqui, esperava-se do leitor que ele partilhasse do conhecimento prévio a respeito da figura do Batman e soubesse que ele é o vigilante de Gotan City. No quarto, tem-se a imagem de um cavalo tentando pegar uma nota de dólar, de onde infere-se que é um animal ganancioso. Por último, é apresentada a imagem de um cavalo filhote, deitado com a cabeça no colo de um ursinho de pelúcia, o que remete o leitor à infância. Essas expressões atributivas são o gatilho do humor, pois, a partir da relação entre os objetos de discurso verbais e visuais, predicam-se atributos ao cavalo, que o recategorizam. Tem-se, a partir daí, o cavalo *elegante*, *extravagante*, *vigilante*, *ganancioso* e *infante*.

Percebe-se, assim, que imagem e texto verbal são essenciais para construção de sentidos. Logo, estabelecem uma relação interdependente, porque texto e imagem não podem representar a ideia separadamente, já que se complementam. A própria forma como o enunciado foi construído, com o imperativo “Percebe” e a atribuição de predicados ao objeto de discurso já instituído (no caso, o cavalo), leva tal ilustração a ser imprescindível.

Foi necessário que os produtores dos memes ativassem estratégias textuais para permanecerem fiéis à mesma organização do material linguístico presente no enunciado original, o que é muito importante para a construção do humor.

O conhecimento linguístico, aquele responsável pela articulação som-sentido, também foi essencial na escolha dos referentes que iriam substituir o referente petulância. Nota-se que, seguindo o estilo do enunciado original, ele é substituído sempre por substantivos abstratos femininos que terminem em -ância. Esta é uma estratégia textual responsável por grande parte do humor, aliada às recategorizações do cavalo através das imagens, outra estratégia textual.

À medida em que retomam um diálogo já postado na Internet, esses memes são intertextuais, são um *détournement* realizado por meio da substituição. Embora o reconhecimento dessa intertextualidade estrita, por parte do leitor, não fosse essencial para a construção de sentidos nesses memes, visto que a associação entre objetos de discurso verbal e visual já apresenta um sentido ao leitor, o efeito de humor certamente seria ampliado se ele partilhasse desse conhecimento prévio. Além disso, ainda que o leitor não reconhecesse o enunciado original, que criou tal intertextualidade estrita, se reconhecesse a intertextualidade ampla, isto é, o fato de que cada meme dialoga com outros memes que reproduzem as mesmas estratégias textuais, como foi explicado anteriormente, garantir-se-ia o efeito de humor.

Com isso, percebe-se que as estratégias textuais foram essenciais para o efeito de humor nos memes analisados, tanto no que diz respeito ao conhecimento linguístico mobilizado, isto é, à articulação som-sentido e à organização textual, quanto no processo de

referenciação, ou seja, na instauração e recategorização dos objetos de discurso através das expressões atributivas.

Tais memes nada mais são do que brincadeiras com um fato pouco relevante que aconteceu na internet. Assim, fica claro que seu objeto é apenas o riso pelo riso, a descontração.

Por se tratarem de memes que reproduzem estilos linguísticos individuais, as estratégias cognitivas, necessárias para o reconhecimento da intertextualidade estrita, eram muito importantes para a construção de sentidos nesse agrupamento. Por outro lado, as recategorizações – estratégias textuais – foram as grandes responsáveis pelo efeito de humor.

Com as análises apresentadas, parece ter ficado claro que o processo de construção de sentidos de memes mobiliza diferentes estratégias, em diferentes situações de produção. Parece-nos ser nossa tarefa, agora, portanto, retomar, brevemente, como se dá o processo de construção de sentidos em cada agrupamento a fim de propor um método de leitura para tais textos multimodais.

4.4 Uma proposta de leitura de memes

A análise do processamento textual de memes foi essencial para que se pudesse compreender como os sistemas de conhecimento eram mobilizados e de que forma as estratégias cognitivas e textuais atuavam durante o processo de construção de sentidos de tais textos.

Agora, com base em nossas análises, é possível sugerir um método de leitura para memes. Não se trata de um modelo único, tampouco exaustivo, para leitura desses textos, mas apenas de uma sugestão à qual pudemos chegar diante de nossos estudos.

Tal modelo baseia-se no criado por Ramos (2011) para leitura de tiras, mas foi adaptado a partir de nossas descobertas. As etapas para a leitura de memes seriam as seguintes:

1. Reconhecimento do gênero meme a fim de se aceitarem a informalidade e possíveis desvios às normas gramaticais, além de se criarem expectativas para sua interpretação, tais como a busca pelo efeito de humor.
2. Identificação do agrupamento a que pertence o meme analisado: é importante verificar se se está diante de um meme que compartilha tema, forma ou estilo com outros memes, visto que isso reflete nos sistemas de conhecimento mobilizados.

3. Busca pelo contexto de produção do meme: como foi explicado, grande parte dos memes exige conhecimento prévio do leitor sobre determinada situação que desencadeou sua produção e/ou reconhecimento de intertextualidade. Se ele não partilha de tais informações, terá dificuldades para construção de sentidos e para chegar ao efeito de humor.
4. Leitura do quadro, associando texto verbal e não-verbal.
5. Identificação dos objetos de discurso visuais e verbais instaurados.
6. Estabelecimento de relações entre os objetos de discurso, com o reconhecimento de possíveis recategorizações realizadas.
7. Inferenciação: memes são textos curtos, cujo balanceamento de informações traz mais novo do que dado. É necessário que o leitor seja capaz de realizar cálculos mentais para alcançar o sentido intencionado pelo produtor do texto e, muitas vezes, chegar às recategorizações sem menção referencial apresentadas.
8. Identificação do elemento chave para o efeito de humor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise realizada, parece ter ficado claro que, assim como define Shifman (2014), memes são produtos de uma coletividade. Eles são criados, replicados e modificados por diferentes usuários da Internet, o que faz com que não possam ser analisados isoladamente, mas, sim dentro da coletânea a que pertencem. E, para agrupá-los, faz-se necessário encontrar o aspecto que compartilham: tema, forma ou estilo.

Isso faz com que os memes sejam intertextuais por natureza, uma vez que sempre dialogarão com outros memes que pertencem ao mesmo agrupamento. No entanto, durante nossa pesquisa, a intertextualidade nos memes mostrou ir muito além desse primeiro olhar e se revelou peça chave para a compreensão do efeito de humor.

Dissemos, no capítulo dois, que o efeito de humor, nas piadas, decorre da contraposição de dois *scripts* opostos, revelados a partir de um elemento-chave, que evidencia um desfecho surpreendente. Argumentamos, naquele momento, que os memes não poderiam apresentar um desfecho surpreendente, por não se tratarem de uma narrativa. E isso é, de fato, correto.

Entretanto, agora, parece-nos ser possível dizer que temos, sim, a contraposição entre dois *scripts* no meme, isto é, a passagem do “sério” para o jocoso. Mas o meme não apresenta, em sua materialidade textual, a leitura séria, apenas a jocosa e, dessa forma, chegar ao “sério” exige a compreensão da intertextualidade, para que se reconheça a imagem que ele retoma, retirada de seu contexto original (casos de intertextualidade estrita) ou a situação social real à qual ele faz referência (casos de intertextualidade ampla) ou, ainda, ambas. E esta é a grande diferença entre um meme e uma piada: a passagem da leitura “séria” para a “não-séria”, embora seja também evidenciada por um elemento-chave, exige do leitor, em primeiro lugar, a mobilização de estratégias cognitivas.

Assim é que, nos memes analisados que compartilham tema, era necessário que, primeiramente, o leitor reconhecesse as imagens originais retiradas de contextos “sérios” e levadas para os memes, para que pudesse sobrepor dois *scripts* diferentes, um real e outro absurdo. Nesses casos, as recategorizações, especialmente, atuaram como elementos-chave para que se passasse da leitura séria para a jocosa.

Nos memes que compartilham forma, deparamo-nos com uma situação um pouco diferente em cada coletânea e, por essa razão, temos que discuti-las separadamente. Nos memes “Amiga, me segura”, sobrepõe-se o *script* absurdo, da imagem com o E.T., ao *script* real, da pintura original. No entanto, essa é apenas uma interpretação parcial do meme, uma

vez que não leva em consideração o texto verbal. E será justamente ele o gatilho para o efeito de humor, pois é o texto verbal que instaura objetos de discurso que irão recategorizar o E.T. e tais recategorizações, aliadas à sobreposição de *scripts*, criarão o efeito de humor.

Os memes “Senhora?” exigem que o leitor reconheça o contexto original de produção das imagens reproduzidas pelos memes. Assim, o *script* real seria a matéria do Jornal Nacional em que a funcionária pública aparece e o absurdo seriam as situações representadas nos memes. Cada situação cria uma recategorização para a funcionária pública, sendo, portanto, o gatilho para a passagem da leitura séria para a jocosa, isto é, o elemento-chave responsável pelo efeito de humor.

Já nos memes “Deboísmo”, não é importante o reconhecimento da situação real em que a imagem foi apresentada, uma vez que sempre se tem a representação de um bicho-preguiça. O “sério”, o real, nesse caso, está nos textos verbais, e o jocoso aparece nas adaptações que são feitas neles de modo a abordar o “deboísmo” e recategorizar a preguiça apresentada na imagem.

Por último, no que diz respeito aos memes que compartilham estilo, percebemos que a não é a imagem que tem que ser recuperada de seu contexto original, mas, sim, o texto verbal. Com isso, sobrepõem-se o *script* real, sério, em que o texto verbal foi proferido, e o *script* absurdo, do meme.

Nos memes “Meta de Dilma”, após tal reconhecimento da intertextualidade, o elemento-chave para a deflagração do efeito de humor é instauração de objetos de discurso verbais que buscam recategorizar o objeto de discurso meta. Já nos memes “Bela, recatada e do lar”, o que desencadeia a leitura jocosa é a imagem. Ela é que irá recategorizar o texto sério, de forma a ironizá-lo. Esses memes não fazem nenhuma alteração no texto verbal, sendo a imagem – e os objetos de discurso visuais por ela instaurados – a única responsável pela nova leitura e consequente efeito de humor. Também os memes “Percebe Ivair” apresentam um *script absurdo*, o dos memes, que fazem algumas adaptações ao texto verbal que foi proferido em uma situação real e séria. Nesse caso, o elemento-chave para o efeito de humor foram as expressões atributivas que levam à recategorização, mas com a diferença de que, nesses memes, objetos de discurso visuais e verbais caminham juntos para a recategorização que cria a situação jocosa.

Confirma-se, assim, a hipótese de que era possível identificar, a partir das estratégias mobilizadas para construção de sentidos nos memes, o elemento-chave responsável pelo efeito de humor. Indo além de tal hipótese, descobrimos também que, embora não apresente um desfecho surpreendente, tal como as piadas, uma vez que não se trata de uma narrativa, o

memes pode, sim, ter uma interpretação surpreendente, baseada na contraposição entre o *script* da situação real, com a qual o meme dialoga, e o *script* da situação absurda, que ele representa.

Outra hipótese apresentada foi a de que referenciação e intertextualidade seriam elementos-chave que desencadeariam o efeito de humor. Parece-nos evidente que a intertextualidade, mais do que um elemento-chave, é a base para que se chegue ao efeito de humor, uma vez que é dela que se deve partir para ir da leitura “séria” para a “não-séria”. Logo, as estratégias cognitivas, responsáveis pelo reconhecimento da intertextualidade, dentre tantos outros cálculos mentais e inferências que a compreensão de um meme exige, são essenciais.

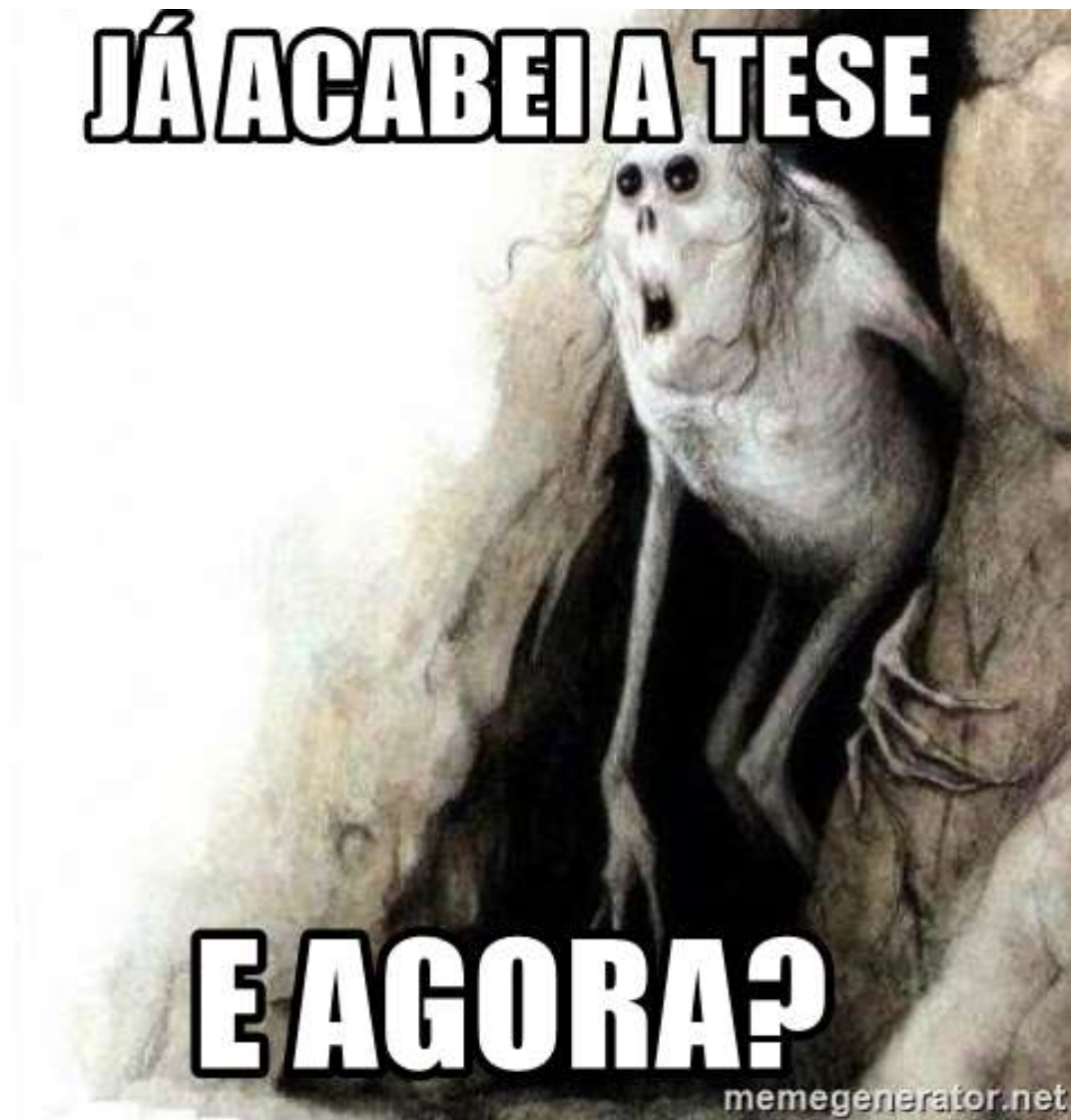
Além disso, como previsto, a referenciação, estratégia textual, foi em grande parte dos memes um elemento-chave para o efeito de humor, especialmente as recategorizações. Também como esperado, objetos de discurso verbais e visuais caminharam juntos no processo de construção de sentidos, comprovando que a imagem pode, de fato, atuar como um objeto de discurso e é preciso considerá-la no processo de leitura de memes.

Como Shifman (2014) já evidenciou em sua obra, estudar memes é também estudar a cultura e os valores de um país ou de um grupo. Os memes que fazem parte de nosso *corpus* de análise foram coletados em um período de instabilidade política e acreditamos que, por essa razão, o objetivo do humor, em muitos deles, foi a crítica ou a denúncia. Ao contrário do que se podia esperar, poucos memes tinham como objetivo apenas o riso pelo riso, a maioria buscava apresentar determinados valores, trazer uma leitura individual da situação do país.

No entanto, não foi foco de nossa análise discutir a cultura e os valores apresentados nos memes brasileiros, embora esse nos parecesse um campo vasto. Dessa forma, esperamos ainda nos deparar com pesquisas que atribuam um viés mais social ao meme.

Além disso, também esperamos encontrar pesquisas que busquem analisar a disseminação dos memes, isto é, explicar o que leva um meme a ser transformado e repassado e o que o leva a “morrer”.

Nesta tese, propomo-nos a analisar as estratégias de construção de sentidos e o consequente efeito de humor em memes. Mas esperamos que este não seja um trabalho solitário e que tenhamos aberto caminho – e despertado a curiosidade – para outras pesquisas que se utilizem desse *corpus* tão rico que é o meme.



Disponível em: <https://memegenerator.net/instance/75472262/out-of-the-cave-j-acabei-a-tese-e-agora>
Acesso em 18 de jul. 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta. Coleção O Homem e a Ciência, volume 7. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2007.

CARMELINO, Ana Cristina. As dicas-piadas do Casseta e Planeta: denúncia e liberação. In: LINS, Maria da Penha Pereira; CARMELINO, Ana Cristina. A linguagem do humor: diferentes olhares teóricos. Vitória, ES: UFES, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2009.

_____. Expressões nominais referenciais e construção do humor. In: CARMELINO, Ana Cristina (org.). Humor: eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015.

CAVALCANTE, Monica Magalhães. Os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2014.

_____; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Coerência, referenciação e ensino. São Paulo: Cortez, 2014.

_____; FARIA, Maria da Graça dos Santos; CARVALHO, Ana Paula Lima de. Sobre intertextualidades estritas e amplas. In: Revista de Letras. Fortaleza, CE, v.2, n. 36. Fortaleza, CE, jul./dez. 2017.

CAZELOTO, Edilson. A velocidade necessária. In: FERRARI, Pollyana. Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas. São Paulo: Contexto, 2010.

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese (doutorado). Universidade Federal do Ceará, 2011.

_____, Valdinar. Reflexões sobre a recategorização referencial sem menção anafórica. In: *Linguagem em (Dis)curso*. Tubarão, SC, v. 12, n. 3, p. 839-859, set./dez. 2012.

DAVISON, Patrick. The language of Internet Memes. In: MANDIBERG, Michael. *The social media reader*, 2012.

FERRARI, Pollyana. A hipermídia entrelaça a sociedade. In: FERRARI, Pollyana. *Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas*. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.

GAZETA, Sonia Maria Mastrocola. A interação na internet: a influência das novas tecnologias da comunicação na constituição de novos gêneros discursivos. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), 2001.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GUIRAUD, Pierre. *A linguagem do corpo*. São Paulo: Ática, 1991.

GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, P. & MORGAN, J. *Syntax and Semantics*, v.3, *Speech Acts*. New York: Academics Press, 1975.

KERBRAT-ORECCHIONE, Catherine. *Análise da conversação: princípios e métodos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

HILGERT, José Gaston. A oralidade em textos de divulgação científica para crianças. In: Preti, Dino (org.). *Oralidade em textos escritos*. São Paulo: Humanitas, 2009.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____; ELIAS, Vanda Maria. Ler e compreender: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2007.

_____; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica. Magalhães. Intertextualidade: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. As tramas do texto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. O texto e a construção de sentidos. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez, 2011.

KRESS, Gunther. Multimodality: key concepts. Disponível em: <http://www.pibidletras.com.br/cine-letras/gunther-kress/>. Acesso em 23 de jul. 2016.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. Referenciação e Multimodalidade: revisitando os processos de recategorização e encapsulamento. In: Revista de Letras. Fortaleza, CE, v.2, n. 36. Fortaleza, CE, jul./dez. 2017.

MAGALHÃES, Helena Magalhães. Aprendendo com humor: o gênero humor e o subgênero humor negro. Anais do Celsul, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual, análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARINGONI, Gilberto. Humor da charge política no jornal. Comunicação & Educação. São Paulo, 1996.

MILTNER, Kate. Srsly Phenomenal: An Investigation into the Appeal of LOL Cats. Mestrado (dissertação). London School of Economics and Political Science, 2011.

_____. There's no place for lulz on LOLCats: The role of genre, gender, and group identity in the interpretation and enjoyment of an Internet meme. First Monday, [S.l.], agosto de 2015. ISSN 13960466. Disponível em: <<http://pear.accc.uic.edu/ojs/index.php/fm/article/view/5391/4103>>. Acesso em: 29/09/2016.

MILNER, Ryan. The world made meme: discourse and identity in participatory media. Tese (doutorado). University of Kansas, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de S.; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? In: Caderno Saúde Pública. Rio de Janeiro, vol. 9 (3), p. 239-262, jul/set, 1993.

NEVES DA SILVA, Sílvia Regina. Cadeias referenciais em textos orais e escritos. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2012.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análise linguística de piadas. 6 ed. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.

PROPP, Vladímir. Comicidade e riso. São Paulo: Ática, 1992.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. E- Compós (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lucia.; LEMOS, Renata. Redes Sociais: a cognição cognitiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Lilian Mara Dal Cin. O pio do pássaro: uma análise das funções prototípicas do tweet. Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas, 2012.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: Reconciling with a conceptual troublemaker. *Journal of Computer-Mediated Communication*. Volume 18, número 3, pp. 362–377, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1108/10662240910927795>. Acesso em 29/09/2016.

SHFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Massachusetts: The MIT Press, 2014.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. O que é engraçado? Categorias do risível e o humor brasileiro na televisão. *Estudos Linguísticos e Literários*. Maceió, v. 5 e 6, p. 42-79, 1989.

RAMOS, Paulo. *Faces do Humor: uma aproximação entre piadas e tiras*. Campinas, SP: Zarabatana Books, 2011.

_____. Piadas para ver: o uso da imagem como recurso de humor em tiras cômicas. In: *Humor: eis a questão*. Ana Cristina Carmelino (org.). São Paulo: Cortez, 2015.

RONCARATI, Claudia; NEVES DA SILVA, Sílvia Regina. A construção da referência e do sentido: uma atividade sociocognitiva e interativa. In: *Gragoatá*. Niterói, RJ, n.21, p. 319-327, 2. sem. 2006